REVISTA DA SEMANA

Nº 17 ★ 28-4-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL





NO TEXTO:

Milagres do Padre Antônio no Rio

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

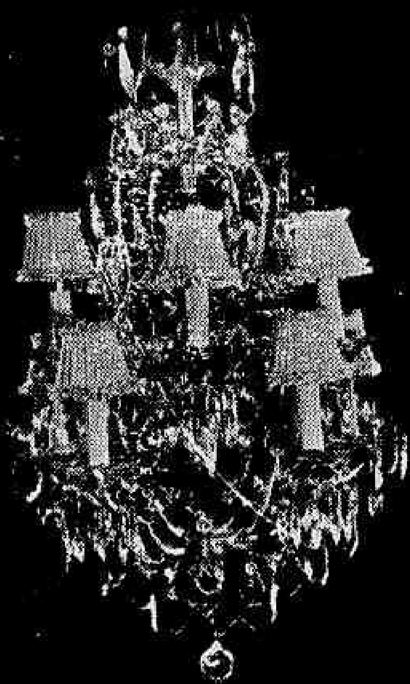
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

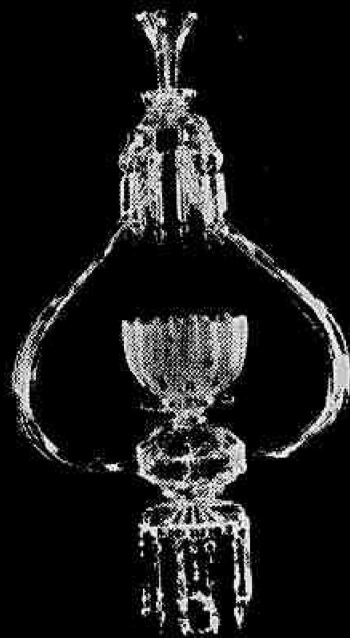
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

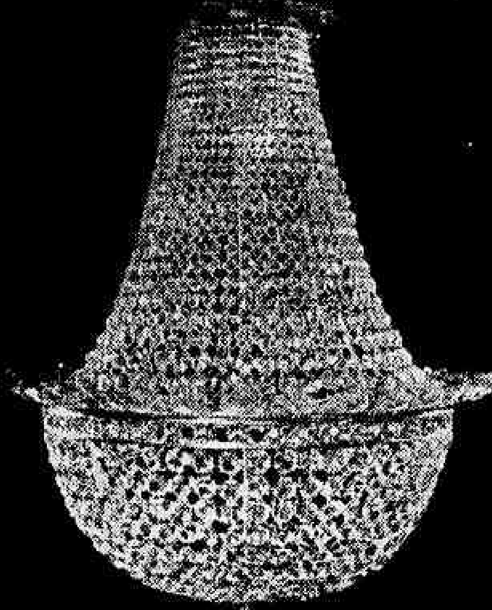
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

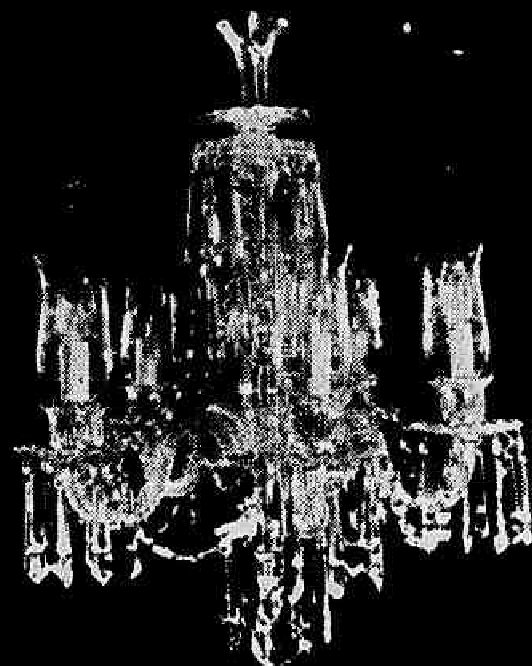
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

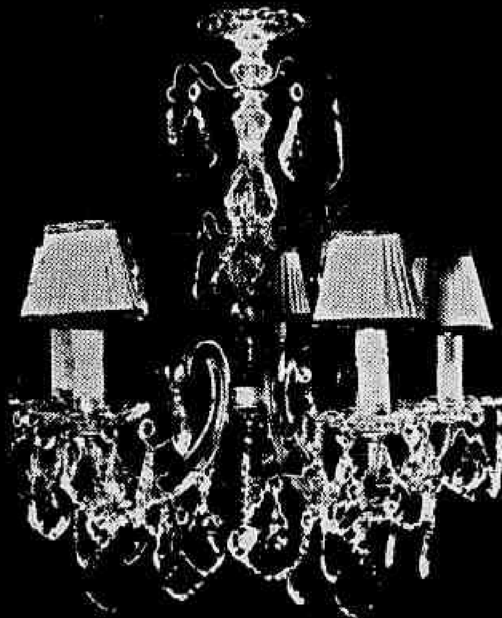

1

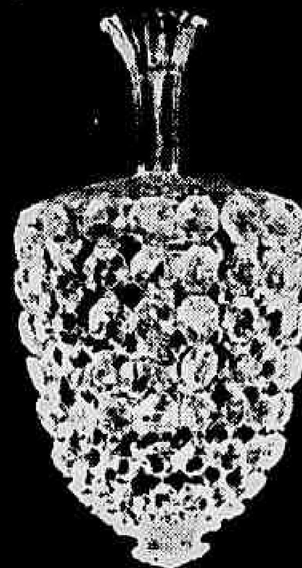

2


3

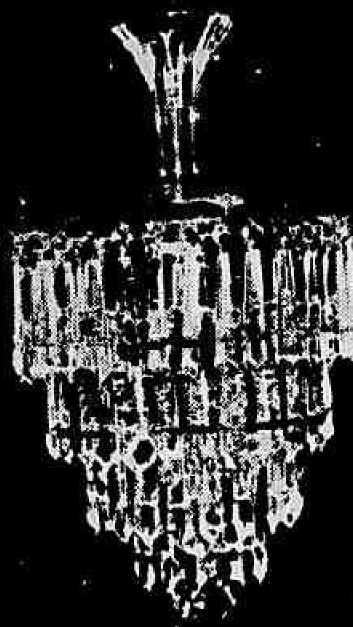

4

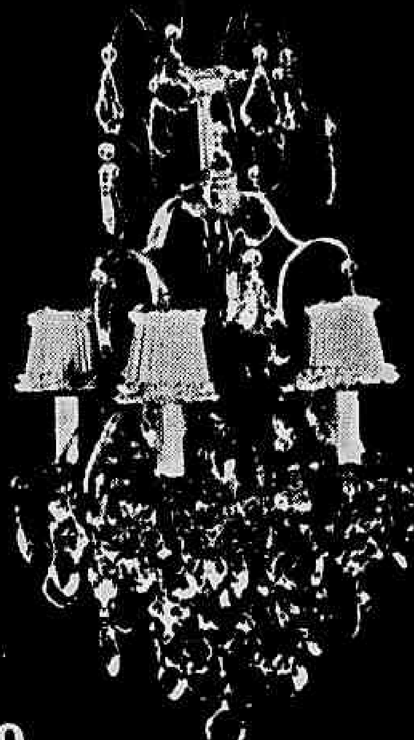

5

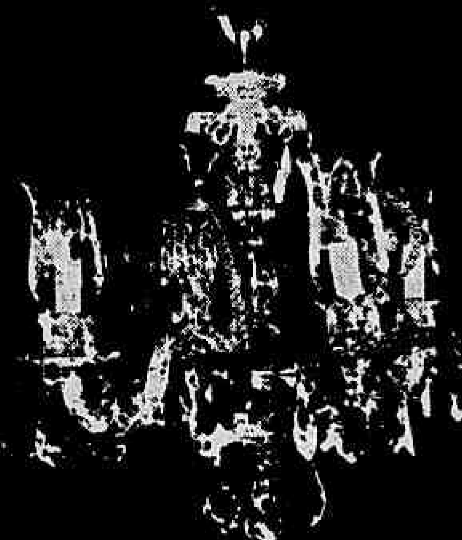

6

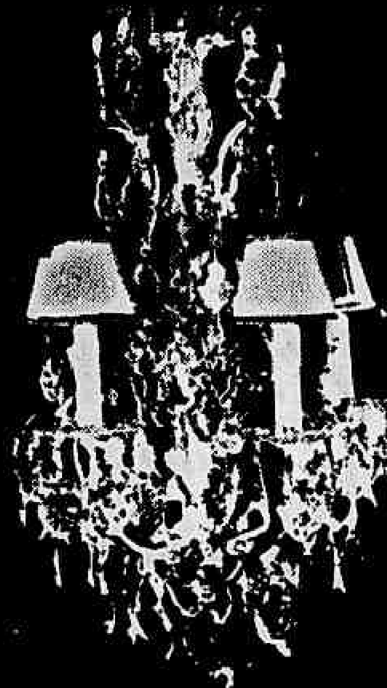

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Prolongada a vida do Dr. Laureano (Abdias Rodrigues) ... 4/7
Coisas feias em ponto pequeno (Daniel Caetano) 12/13
Milagres do Padre Antônio no Rio (Abdias Rodrigues) 23/27
Arquitetura contemporânea no Brasil (Sabino Canalini) 32/34

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em Revista 10
Puxe pelo cérebro 9
Personagem da Semana 10
Palavras-Cruzadas 14
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 46
Tudo isto aconteceu 48/49
Correio da Revista 50

LITERATURA

Porteira (Thereza de Almeida) . 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 30/31
Um homem honesto (conto de Fernando Victor Santos) 21
A triste história de Bonifácio Praxedes (Novela de Jamil Santos) 29

TEATRO

Os inimigos não mandam flores . 16/17

FEMININAS

Modelos originais 36/37
Noivas e "demoiselles" 38/39
Tule, tafetá, renda, cetim 40/41
Week-end na cozinha 42/43

FOLHETIM

Um amor atrevido (3º e 4º capítulos) 47

ATUALIDADE

Um casal sem sogro e sem sogra 50

HUMORISMO

Na verdade... (Théo) 8
Nem cara... Nem coroa (Nicodêmus) 20/39

ILUSTRADORES

Alberto Lima — Oswaldo da Cunha — Orlando Mattos — Rafael.

FOTOS

Abdias Rodrigues — Walter Morgado — Sabino Canalini — Avulsas.

NA CAPA

Elizabeth Taylor
(Foto M.G.M.)



Porteira

UNS paus pregados à-toa, parafusos e dobradiças de ferro que gemem. E' a porteira que fecha campos, por trás da qual o gado fita quem passa na estrada, com seus pacatos, tristes, longos olhares. Porteira que fecha mundos. Porteira que abre mundos. Porteira que é como os olhos do dono, vigiando os possuídos. Porteira curiosa, que espia o corredor, terra de todo mundo. Porteira-vigia, que muitas vêzes é fechada a cadeado, afugentando ladrões e que tantas vêzes se abre, hospitaleira, para qualquer um.

Ela viu quando o patrão veio com a espôsa, pela primeira vez. Abriu-se para o vulto gordo e escuro do padre, tilintando medalhas, que chegou para batizar as crianças. Viu a espôsa, viu o padre, viu os bailes, viu as festas, viu, de longe, os pialos da gente da redondeza e a poeira grossa que se levantava de dentro da mangueira. E o que é que ela não viu, se está ali desde que a estância se ergueu, com suas paredes largas, pintadas de branco e seus tetos de zinco, de um vermelho gritão entre o verde do pomar e dos eucaliptos?

Porteira que viu tudo e que não disse nada. Mas, quieta, atirou um gemido para os peões que se foram e não voltaram; gemeu e ficou olhando a gurizada que partiu para um internato qualquer, já com os olhos cheios de uma saudade grande das sangas, dos matos e dos petiços. Fronteira que se abriu para cordeonas, piquetes de revolucionários, carrêtas e ciganos; e que deixou passar, com um resto de amargura, caminhões carregando lãs, chinas fugitivas, homens com fala estranha e roupa de cidade.

Porteira em cujo arame ficaram fiapos vermelhos do vestido de Lisoca; porteira que agüentou, em silêncio, o rebencaço furioso que lhe deu João Flor, como se ela, coitada, tivesse culpa na fuga da mais linda de tôdas as chinas. Uma porteira qualquer... paus pregados à-toa, dobradiças que gemem, parafusos enferrujados, arame frouxo... uma porteira, nada mais, abrindo mundos e fechando mundos.

Uma porteira que olha os que passam e, em silêncio, pragueja devagar, com essa calma dos velhos carreteiros, vendo carrêtas vazias cruzando, tontas, os campos que já trazem rastros fundos dos autos e dos caminhões.

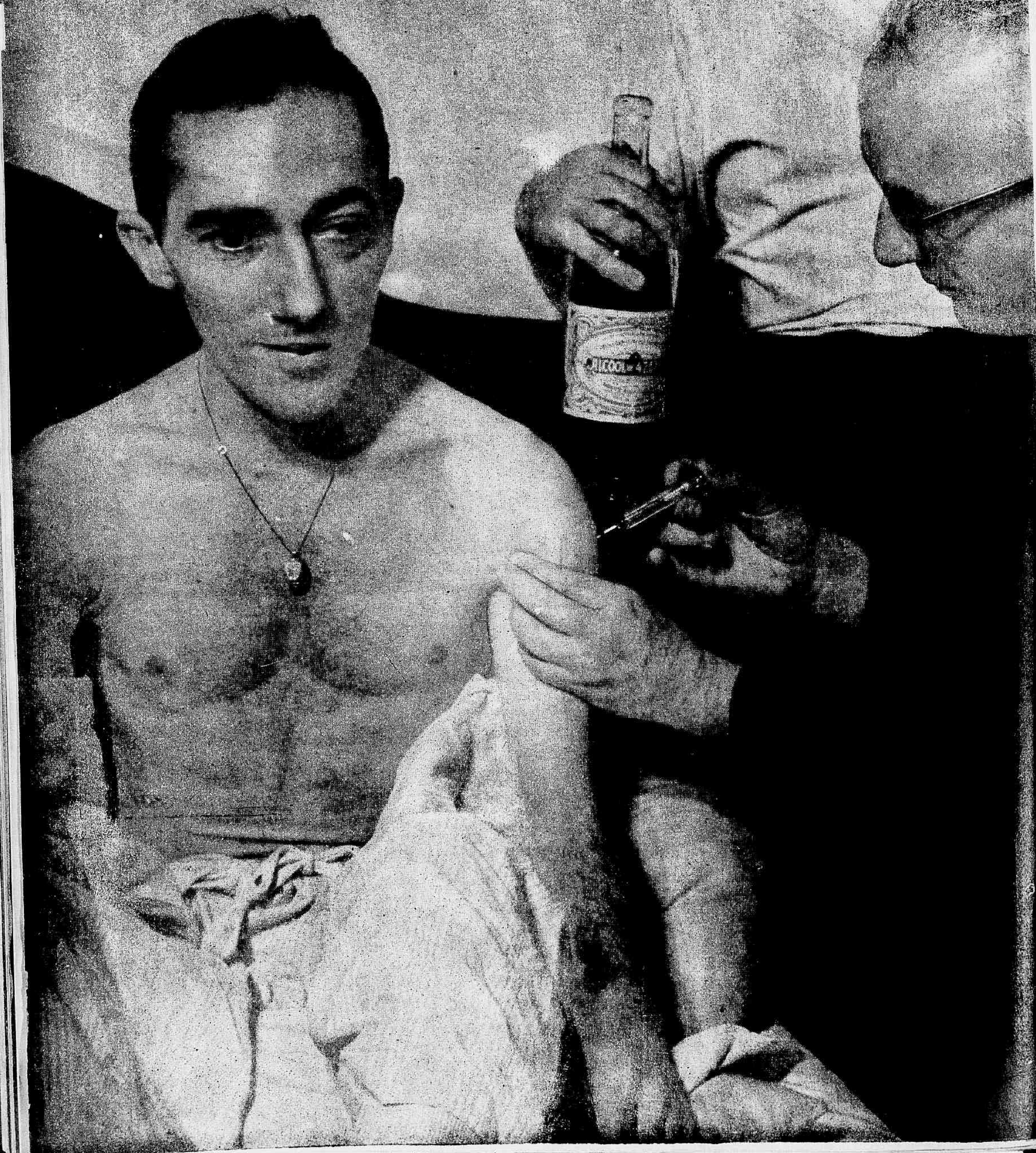
Porteira que viu tudo e que não disse nada.

Os homens fizeram justiça, mas só ela sabe, em verdade, quem matou Gabriel. Só ela é quem sabe que rumo tomou Lisoca, que rumo tomou João Flor.

Parece que só ela, muda e cega, é quem sabe da vida da querência.

THEREZA DE ALMEIDA

O DR. ALBERTO Coutinho quando aplicava a segunda dose do "Krebiozen" no Dr. Laureano.





FRUSTRADO O ENCONTRO COM A MORTE

O DR. LAUREANO cuja morte estava marcada, melhorou consideràvelmente nos últimos dias. A sua dedicada espôsa, Sra. Marcina Laureano, carinhosamente chega um prato de sopa para que seu marido se alimente, após ter tomado a segunda dose de «Krebiozen». Segundo o boletim médico, aumentou o número de leucócitos e diminuíram sensìvelmente as dores.

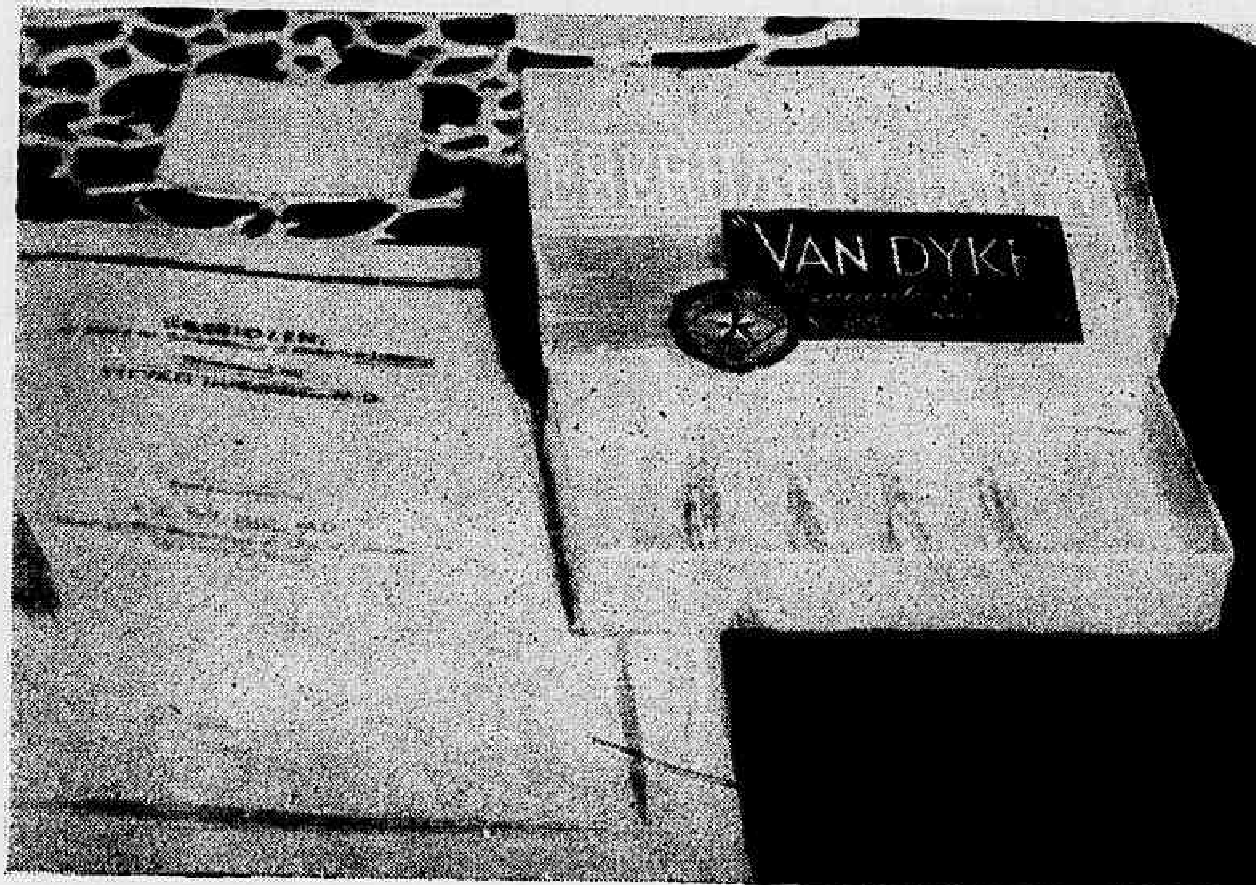
PROLONGADA A VIDA DO DR. LAUREANO

MILAGRE DO PADRE ANTÔNIO OU EFEITO DO KREBIOZEN?! ★ A MEDICINA JÁ HAVIA DADO A ÚLTIMA PALAVRA... MAS NÃO ESTÁ NA FÔRÇA DOS HOMENS MEDIR E AVALIAR A GRANDEZA DO ESSPÍRITO PARA DETERMINAR UM FUTURO CERTO" ★ ASSEGURADO O FUTURO DE MARIA DO SOCORRO ★ TOMA VULTO A CAMPANHA DA "FUNDAÇÃO LAUREANO"

A campanha de combate ao câncer lançada pelo dr. Napoleão Laureano — tomou fundo e forma em todo o país e já transpos as mais distantes fronteiras. Dos Estados Unidos da América do Norte, da Inglaterra, da Suiça e da França, chegam, diàriamente, correspondência de organizações cientificas ou de eminentes cancerologistas solicitando ao Serviço Nacional de Câncer noticias acêrca do estado de saúde do médico-missionário.

Segundo depoimento do próprio enfêrmo e noticiário do Boletim Médico do S.N.C., o dr. Laureano vem melhorando desde que tomou a primeira dose do *Krebiozen* — o novo medicamento para tratamento do câncer, de fabricação norte-americana. Surgiu, assim, momentâneamente, uma grande esperança de se prolongar a sua vida. Aliás, diga-se de passagem, há muito que expirou o prazo dado pelos cientistas do Memorial Hospital de New York, onde o médico-mártir estêve em tratamento, vindo depois a ser desenganado.

Todavia, louvando-se em que a ciência já dera a última palavra, muitos crentes acreditam que o dr. Laureano ainda está vivendo porque o milagroso Padre Antônio o abençoou. Muitas promessas a Nossa Senhora das Graças têm sido feitas em sua intenção. E há mesmo, quem afirme que êle ficará bom, tal a crença que possui em milagres, acrescentando sempre que "não está na fôrça dos homens medir e avaliar a grandeza do espirito, nem tampouco determinar um futuro certo".



O JA' FAMOSO REMÉDIO KREBIOZEN foi aplicado no Dr. Laureano logo após a sua chegada dos Estados Unidos.

★

A fim de proporcionar ao médico-mártir um pouco de alegria, o sr. Pompeu de Souza — presidente da "Fundação Laureano" — mandou buscar, no Norte, a sua filhinha — a graciosa Maria do Socorro, que conta atualmente quatro anos e meio de idade. E' uma garôta bonita, robusta, e muito viva. Quando estivemos no apartamento do sr. Paulo Sampaio, na Praia do Flamengo, onde se acha o dr. Laureano e sua familia, Maria do Socorro recreava o espirito vendo gravuras num livro infantil. Pedimos-lhe uma pose e ela prontamente nos atendeu. Depois quisemos outras; mas, agora, ela, fazendo cara de mal-humorada, disse: "ô xente!!!... Até parece que estou doente... — e, pegando no livro, acrescentou: — a gente não pode nem estudar". Sua mãe, D. Marcina Laureano, interveio em nosso favor. Assim, fizemos outras poses. Com a alusão — "até parece que



A FILHINHA do Dr. Laureano e de D. Marcina Laureano, Maria do Socorro, recreando no apartamento do Flamengo. Quando lhe pedimos para posar, ela disse: «ôxente!... Até parece que estou doente!... A gente não pode nem estudar!... E' uma garôta muito viva. Tem 4 anos e meio. Estava na Paraíba, Mas o presidente da Fundação Laureano mandou buscá-la.



estou doente" — ela quis se referir ao pai que, justamente por estar doente, tem sido muito fotografado.

Ante a expectativa de um desenlace, já foi assegurado o futuro de Maria do Socorro. O sr. Victor Costa — director-geral da Rádio Nacional — num gesto magnífico, comunicou pessoalmente ao dr. Laureano que sua filhinha tem um dote de cem mil cruzeiros (Cr$ 100.000,00) e mais cinco mil cruzeiros (Cr$ 5.000,00) mensais para a sua educação. Como era natural foi grande a emoção no apartamento do Flamengo. Todos choraram ante mais êsse gesto de solidariedade humana da direção da nossa principal emissora.

A firma N. Cintra, proprietária do Jardim Primavera, ofereceu a Maria do Socorro um lote de terreno. A oferta foi feita também por intermédio da Rádio Nacional. Outrossim, procurando frustrar tôda e qualquer surprêsa o sr. Pompeu de Souza vai mandar iniciar a construção do hospital da Paraíba, pois a "Fundação" já tem em depósito bancário mais de um milhão de cruzeiros, até agora arrecadados, apenas das pequenas contribuições populares (as grandes, de entidades públicas e particulares, já anunciadas, não foram ainda recolhidas). Assim, a "Fundação" passa imediatamente da fase de arrecadação para a de realizações, com o que conta estimular o próprio movimento arrecadador e proporcionar ao dr. Laureano o prazer de ver lançada a pedra fundamental do hospital de sua terra — concretizando, assim, o seu grande sonho.

★

Na visita que fizeram, incorporados, ao dr. Laureano, os membros da Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados, trocaram idéias com o enfêrmo sôbre o projeto do deputado Jandui Carneiro, que concede crédito de cem milhões de cruzeiros ao Ministério de Educação e Saúde, para a campanha de combate ao câncer em todo o país comprometendo-se a dar parecer favorável ao referido anteprojeto de lei, em regime de urgência.

A campanha financeira da Rádio Nacional desenvolve-se de maneira espetacular, sendo mesmo a maior fonte de arrecadação de contribuições para a "Fundação". Sobe já a quatrocentos mil cruzeiros, só de ouvintes, o que somando aos mais de cem mil cruzeiros de desconto do dia de trabalho do pesoal da casa e das emprêsas incorporadas, eleva-se o montante a mais de meio milhão. Ùltimamente foi encaminhada à "Fundação" mais Cr$ 97.426,60, contribuições de ouvintes, individualmente ou em listas organizadas por associações ou grupos de trabalhadores. Entre essas contribuições cumpre destacar a do Sindicato de Indústria de Panificação e Confeitaria, no valor de Cr$ 22.950,00.

Por iniciativa do sr. Humberto de Almeida, secretário do Vasco da Gama F. C., de Araguari, Minas, a Liga Araguariana de Futebol realizou uma arrecadação entre os assistentes à prova do seu Torneio Inicio, remetendo o resultado das contribuições recebidas, no valor de Cr$ 1.268,80 à

(Cont. na pág. 14)



O DR. ISAAC Rodrigues Laureano, irmão do médico-missionário, Maria do Socorro e D. Marcina mostrando à sua filhinha a boneca que seu pai trouxe-lhe dos Estados Unidos.



DR. LAUREANO fala com um membro da sua família após receber a segunda dose de «Krebiozen», aplicada pelo Dr. Alberto Coutinho (que está olhando em sentido contrário)



O BEIJO DA INOCÊNCIA — Duas vítimas do Destino. D. Marcina recebe o beijo de sua filhinha Maria do Socorro.

NA VERDADE...

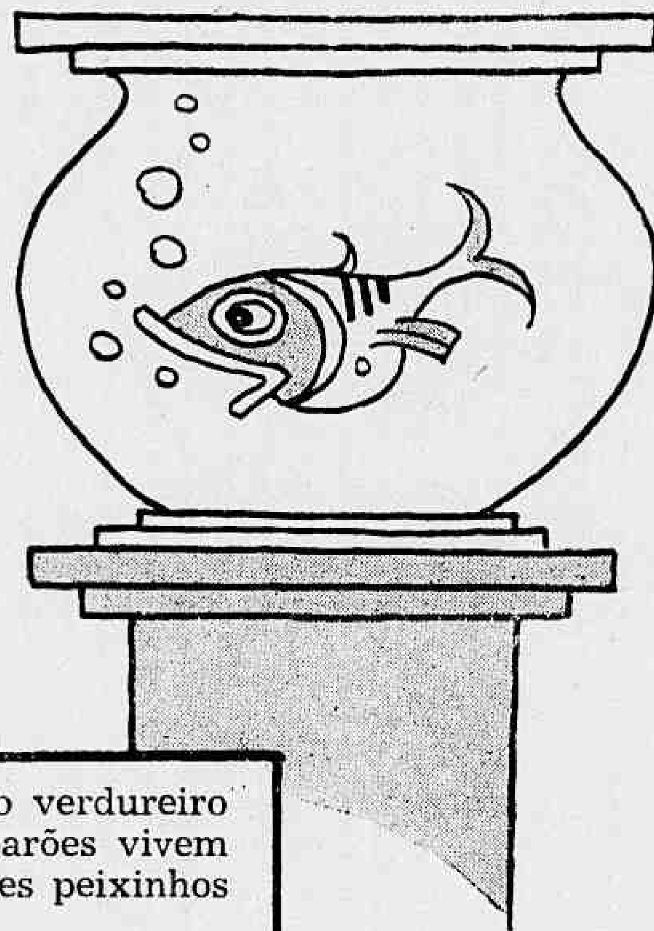


Na verdade o Vasco não tem razão em queixar-se do Flamengo. Êsse negócio de **dribling** não faz parte do foot-ballà!



Na verdade não há falta dágua no Rio. Haja vista as inundações... Ela é mal distribuida, isso sim, nas canalizações...





Na verdade, quando se fala em tubarões, pensamos logo no verdureiro que nos vende chuchu a 5 cruzeiros, mas os verdadeiros tubarões vivem resguardados nos seus aquários e tem a aparência de inocentes peixinhos dourados...



Na verdade foi o Dutra quem inventou os tais **paraquedistas!** Em 1930, êles invadiram as repartições sem precisar de paraquedas...



Na verdade **seu** Joaquim açogueiro também entra na fila da carne, aquela que se forma à porta dos frigoríficos...

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 10	**Cultura superior**	**Estudante ginasial**
De 11 a 15	**Cultura média**	**Universitário**
De 16 a 19	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as vinte		**O gênio em pessoa**

1 — A QUEM SE DEVE A INTRODUÇÃO EM PORTUGAL DOS PRIMEIROS ESCRAVOS AFRICANOS:

Vasco da Gama?
Antão Gonçalves?
D. Sebastião?

2 — EM QUE ANO RECEBEU PORTUGAL OS PRIMEIROS ESCRAVOS APRISIONADOS NA ÁFRICA:

1500?
1630?
1441?

3 — UM SINÔNIMO DE FANTASMA:

Lêmure?
Biótipo?
Ulíssipo?

4 — QUAL O NOME QUE CASTRO LOPES CRIOU PARA SUBSTITUIR O FRANCÊS «PIC-NIC»:

Nasóculos?
Convescote?
Cardápio?

5 — QUE QUER DIZER «CÃO PEGUREIRO»:

O que morde à traição?
O de raça pura?
O cão de pastos?

6 — QUE SÃO RETÁBULOS:

Restos de comida?
Painéis que ornamentam os altares?
Cama das prisões?

7 — EM QUE SÉCULO ATINGIU PORTUGAL O SEU MÁXIMO PODERIO NA ÁSIA:

No XVI?
No XV?
No XVIII?

8 — QUAL O PAPA QUE EXCOMUNGOU TODO AQUÊLE QUE ESCRAVIZASSE ÍNDIO NA AMÉRICA:

Inocêncio V?
Paulo III?
Bento VII?

9 — QUE NOME SE DÁ EM FILOSOFIA À ANTECIPAÇÃO DA EXPERIÊNCIA:

Silogismo?
Ilogismo?
Prolepse?

10 — QUE NOME TEM A PESSOA QUE SE SACRIFICA PELO AMOR À HUMANIDADE:

Egoísta?
Filântropo?
Misântropo?

11 — DE ONDE SÃO NATURAIS OS MAIORQUINOS:

Da ilha Maiorca?
Da cidade de New York?
Da Madeira?

12 — DE QUE ESCRITOR BRASILEIRO É O ROMANCE «O MOÇO LOURO»:

Machado de Assis?
José de Alencar?
Joaquim Manoel de Macedo?

13 — QUE QUER DIZER «TERCETO» EM POESIA:

Versos sem rima?
Três rimas seguidas?
Estrofe de três versos?

14 — QUE VEM A SER «LINGUAGEM ERUDITA»:

Falar difícil?
Citar autores estrangeiros?
Observância gramatical perfeita?

15 — QUE NOME SE DÁ ÀS CITAÇÕES DE OBRAS LITERÁRIAS OU CIENTÍFICAS:

Memória literária?
Bibliografia?
Auto-biografia?

16 — DE QUE SE ORIGINA O TÊRMO «ÉPICO», EM POESIA:

De «epos»?
Do Épiro?
De epopéia?

17 — QUEM CRIOU A POESIA SATÍRICA:

Bocage?
Camões?
Gaio Lucílio?

18 — QUAL O ESCRITOR QUE CRIOU O «ENSAIO» EM LITERATURA:

Gil Vicente?
Montaigne?
Voltaire?

19 — A QUE ESCOLA POÉTICA PERTENCEU TOMAZ ANTONO GONZAGA, O AUTOR DE «MARÍLIA DE DIRCEU»:

À Arcádica?
À Parnasiana?
À Gongórica?

20 — QUAL O ESCRITOR QUE FUNDOU A ESCOLA FUTURISTA:

Gabriel D'Annunzio?
Camilo Castelo Branco?
Marinetti?

(Respostas na página 50)



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

CASA PEDRO



Camurça marron com lã escocêsa — Belíssimo complemento para "tailleurs" de inverno — Grande criação da CASA PEDRO — Rua Uruguaiana, 11 — 1.º and. (não temos filiais). Atendemos ao Interior.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 17 ★ 28-4-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Uma ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

T I R A D E N T E S



O herói e mártir da Inconfidência Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes — nasceu em Minas Gerais, numa fazenda que então estava no território do atual município de S. João del Rei. Desdobrado o território e criado o Município de Tiradentes, passou aquela fazenda a ficar neste último. A cidade de Tiradentes é decadente, desmoronada, triste, evocativa. S. João del Rei, porém, é uma cidade bonita, alegre, com ruas calçadas, servida por trens que a ligam ao Oeste, ao Sul do Estado e a Barbacena. Embora sejam trens de «bitolinha» (60 centímetros, coisa parecida com brinquedo de parque de diversões), o fato é que há trens ligando a cidade a vários pontos do Estado. S. João del Rei possui uma via pública chamada Tiradentes. E' uma avenida. Por sinal, bonita. Não poderia haver mais bela e justa homenagem ao imortal alferes da cavalaria mineira. Tiradentes foi um herói e um mártir que sonhou com a República no Brasil, com uma nação emancipada, progressista, líder na América do Sul. Seu nome é um dos pontos culminantes de nossa história. Pois não é que a Câmara Municipal de S. João del Rei achou de aprovar um projeto de lei mandando que a Prefeitura substituisse o nome de Tiradentes pelo de Getúlio Vargas? Que isso se desse noutra cidade lá pelo nordeste, por Mato Grosso, vá lá. Mas, que se tenha verificado em Minas, e, ainda por cima, em S. João del Rei?! Francamente, é de doer! Mas, para salvar a dignidade da terra de Tiradentes, o Prefeito Dario Monteiro vetou o projeto, e, assim, poderá continuar a avenida com o nome do mártir de nossa independência. O gesto do Prefeito de S. João del Rei foi muito aplaudido por quantos vieram a saber do episódio. Não queremos dizer que o Presidente da República não mereça uma rua ou avenida daquela cidade; mas que se faça isso sem desprestigiar um nome que é um símbolo de libertação nacional.

CONTRA OS RESFRIADOS



Até agora, por maiores que tenham sido os esforços despendidos pelos químicos, pelos médicos e demais cientistas especializados em descobertas de medicamentos contra resfriados, ainda não se havia encontrado uma droga que fôsse capaz de matar os germes dessa doença logo que se manifestam em nossos desamparados gorgomilos. As farmácias e drogarias estão abarrotadas de comprimidos e injeções contra a gripe e resfriados; mas, infelizmente, ainda não se chegou a um resultado definitivamente concludente. Todo aquêle que é assaltado pela influenza, seja a espanhola, a coreana ou a dos polos, não tem outro jeito senão ficar com a voz roufenha, o nariz a destilar, os brônquios a armazenarem coisas, sendo muita felicidade se o indivíduo ficar apenas nisto, isto é, recuperando o normal dentro de uns quinze dias, preparado para outra. Muitas vêzes, porém, o caso se agrava e sobrevém pneumonias e até tuberculose. Não têm descansado os senhores sábios na luta pela descoberta (ou também descobrimento), de um medicamento que mate bem matadinha a senhora gripe logo que a incômoda criatura dê ares de sua graça em nosso fungar e tossir. Pois, ao que dizem telegramas da Itália, acaba de ser encontrada a droga salvadora. No Centro Italiano de Antibióticos de Roma, o professor Babudieri conseguiu descobrir a droga a que deu o nome de «Vi-Micetina», isto é, a «penicilina viva» (viva!), anti-alérgica, contendo tôdas as substâncias que são destruidas na preparação industrial da penicilina comum. Logo que foi conseguido êsse sensacional resultado, o professor Babudieri submeteu a droga à apreciação e análise da Academia de Medicina de Roma, aplicando-se então o novo específico nos atacados de resfriados e gripe, atuando a Vi-Micetina com a maior rapidez, destruindo os micróbios instalados nos recintos nasais dos italianos resfriados. Parece que a gripe vai agora encontrar seu Waterloo...





E' P R O I B I D O



O cardeal Pedro Segura, arcebispo de Sevilha em carta pastoral dirigida aos seus fiéis em Jesus, condenou e proibiu tôdas as danças modernas em seus domínios religiosos. Não especifica o príncipe da Igreja espanhola quais as danças que têm de ser riscadas dos hábitos diversionais dos católicos sevilhanos, mas, sòmente o epiteto de «modernas», abrange tudo quanto estiver longe da valsa, da polca, da quadrilha, do lanceiro, e tudo o que fêz as delícias dos salões do século passado. Mas há umas danças já muito antigas que, na certa, estão na órbita da proibibição de D. Pedro Segura. Uma delas é o nosso velho e desprezado «maxixe». Já fêz furor até lá pela Europa. Dança sacudida e cheia de parábolas no espaço e em terra, é capaz de matar um cidadão maior de 50 anos em cinco minutos. Não é dança moderna. Mas muito imprópria aos que têm certo sentimento de recato e pudor, mesmo sem ser católico fiel à pastoral do arcebispo de Sevilha. Não deixa de ser aplaudível o sentimento do cardeal. E' pena que a humanidade não adote, ao menos por desfastio, algumas daquelas danças dos nossos avós. Quanta distinção de modos! Hoje, quando vemos nessss filmes reproduzindo uma festa aristocrática em palácios dos começos do século, sentimos a magnitude de uma civilização que se sepultou nas ruínas do passado, tudo substituido pela rapidez do presente. Mas era muito bonito. O minueto, a quadrilha, o lanceiro... Aquêles cumprimentos, aquelas casacas, aquelas rendas nos punhos, quanta distinção e finura nos gestos! Os leques com palavras de amor! E hoje? A rumba, a conga, o jitter-bug, o samba rasgado, o boogie-woogie (é assim mesmo, gente?) e quanta coisa estúpida e sem nenhum resquício de arte, dominam a mocidade e tiram o «esprit de finesse» da verdadeira dança, da dança-civilização da dança suavidade, distinta e emotiva. Tem razão o arcebispo de Sevilha. Mas o mundo está mesmo virando de pernas para o ar no meio de tanta **coreografia chamegante...**

ACHARAM A PEDRA



No dia de Natal de 1950, reboou por tôda a Inglaterra e, daí, para o mundo inteiro, esta notícia sensacional: roubaram a pedra do altar da Abadia de Westminster, em Londres. Essa pedra leitor, também conhecida como a «Pedra do Trono», tem uma história e uma tradição encantadoras. Dizem que data de muitos séculos antes de Cristo, mas que, na Inglaterra, simbolizava a independência da Escócia. Por êsse motivo, todo mundo julgava que no furto houvesse mão de escocês. A polícia de Londres, a tão famosa «Scotland Yard» deu batidas por todos os cantos, virou, mexeu, e nada de achar a pedra do trono. Sòmente agora a 11 de abril, é que apareceu a famosa pedra. Estava no altar do rei Guilherme, o Leão, quase 631 anos depois que a Escócia declarou eterna independência da Inglaterra, na «Declaração de Arbroath». A tranqüilidade voltou a todos os espíritos e todo mundo procurou botar uma pedra em cima do furto da outra. Não se esclareceu, porém, se pegaram o gatuno do objeto famoso, ou mesmo se foi obra da pesquisa policial ou, como no caso do Brasil, o descobrimento se verificou «por acaso». Essa circunstância, embora aparentemente fútil, não deixa de encerrar muita curiosidade e importância. Se foi descoberta por acaso lá no altar do rei Guilherme, o ladrão não é mesmo ladrão, e sim um sentimental patriota que ainda vive a sonhar com a independência da Escócia. Por outro lado, está em cheque o valor tradicional da «Scotland Yard», cujos detectives não tiveram o faro de ir até ao altar do rei patriota e achar a preciosa pedra que tanta inquietação provocou em todos os inglêses e chamou a atenção do mundo. No final das contas essa pedra terá um dia que desaparecer, ou porque os escoceses vão levá-la ao seu justo e sagrado lugar, ou pelo simples fato de, de tão alisada e beijada, vir a desagregar-se. Tudo neste mundo tem o seu dia final. Até mesmo as pedras, sejam as de trono, sejam as monumentais, como o Pão de Açúcar.

A PERSONAGEM DA SEMANA

De há certo tempo para cá a luta da Coréia passou a tomar aspectos de caráter mais político do que pròpriamente militar. Investido de poderes gerais para dirigir a campanha das armas em qualquer ponto do Extremo Oriente, bem como reorganizar o Japão, o general Douglas Mac Arthur assumiu, desde o primeiro minuto de 25 de junho de 1950, o comando da guerra coreana, tomando tôdas as medidas que achou prudente pôr em execução, a fim de deter o adversário que descia de além paralelo 38. Em seguida coube à ONU a iniciativa de dar ao conflito a significação de agressão comunista contra as Nações Unidas passando aquêle general a comandar, não as tropas norte-americanas, mas sim, as da ONU em terras da Coréia. A guerra, que ao primeiro momento parecia ser o rastilho acêso da terceira conflagração mundial, foi contida nos seus limites, procurando o bravo general de Bataan circunscrevê-lo nas suas fontes de irrupção, isolando o resto do mundo de um incêndio de conseqüências imprevisíveis. Quando, em dezembro do ano passado, o próprio Mac Arthur julgava estar finda a campanha coreana com a derrota dos exércitos de Kim Ir Sem, foi surpreendido com a adesão dos chineses de Mao Tse Tung, que, em ondas consecutivas, fizeram retroceder os soldados da ONU, desvanecendo-se o advento da paz que já parecia à vista. A situação se tornava, pois, grave e difícil, abrindo-se diante do general Mac Arthur um novo problema: as bases de suprimento da Mandchúria ao exército inimigo. Que fazer? Tentou mostrar que só poderia vencer a guerra atacando as fontes de abastecimento da China. Estabeleceu-se então o impasse. Já não era a técnica da guerra que intervinha, e sim a alta política de Estado. Essa desarticulação culminou quando, em fins de março, Mac Arthur fêz declarações que alarmaram os meios diplomáticos dos aliados, mais preocupados com a Europa, seguindo-se sua demissão de comandante geral. O grande soldado já se acha nos Estados Unidos e falará no Senado sôbre o episódio que despertou em todo o mundo o maior interêsse e provocou as mais graves preocupações. Quem terá razão? A ONU ou Mac Arthur? Só o futuro poderá responder com segurança.



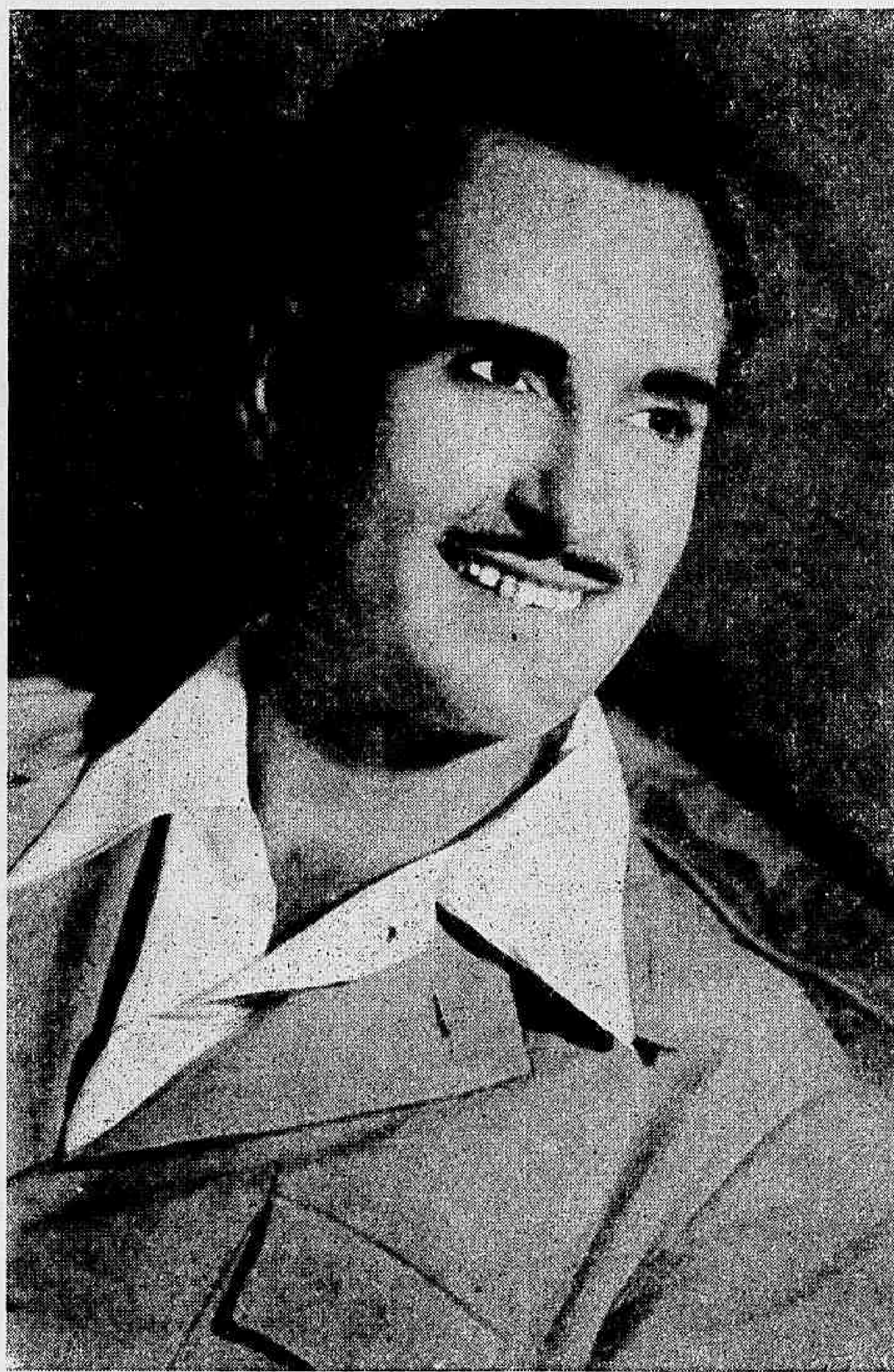
General Mac Arthur

ATRAÇÕES DA CASA SCAFF NA

RÁDIO BANDEIRANTES



PEDRO TERÓL
Barítono espanhol, atuando êste mês, às 3as., 5as. e domingos às 20 horas.



FERNANDO TORRES
O intérprete dos mais lindos boleros mexicanos. Estreará em maio.

PRH-9

(840 KCLS)

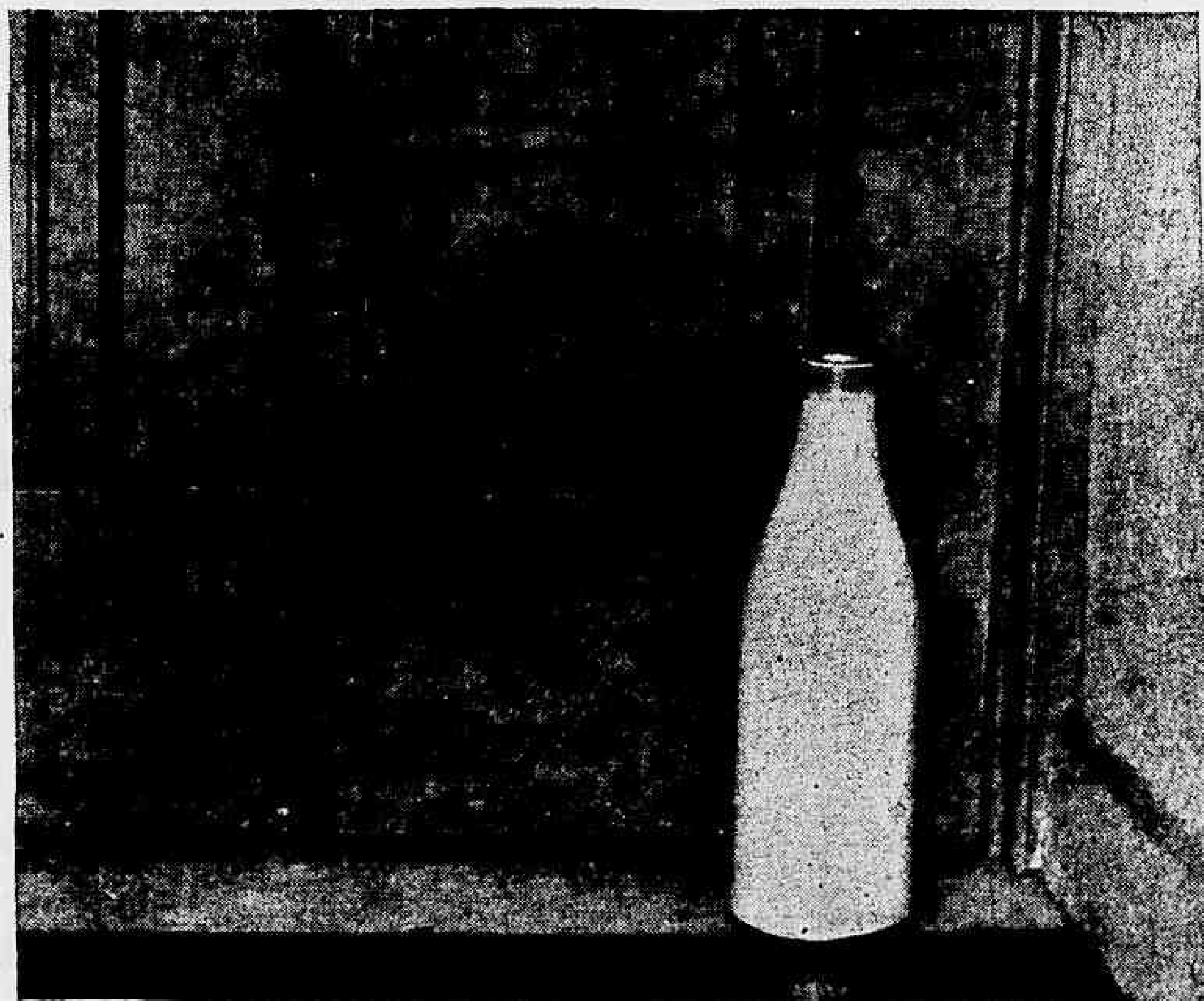
"A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA"



O PADEIRO fala do tempo em que podia até deixar a carrocinha aberta sem correr nenhum perigo.

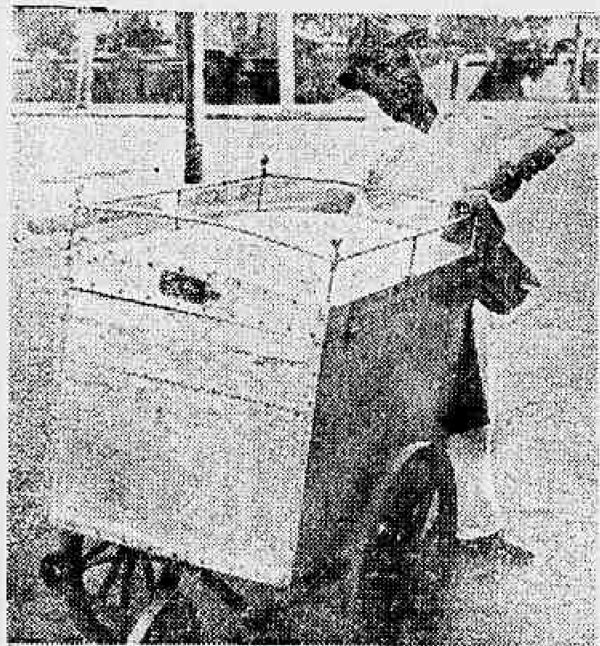


O LEITEIRO antigamente apanhava a garrafa e os níqueis deixados na porta das casas.



UMA GARRAFA de leite na porta é coisa que poucos leiteiros ainda se arriscam a deixar

COISAS FEIAS EM PONTO PEQUENO



ÊLE AGORA perde muito tempo, mas não sai de perto da carrocinha sem fechá-la.

O RIO ADQUIRIU MAUS HÁBITOS ★ OS MAIS CONHECIDOS ★ UMA POSSÍVEL ONDA DE... SABIDISMO TOMA CONTA DA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO

★

Texto de **Daniel Caetano**
Fotos de **Walter Morgado**



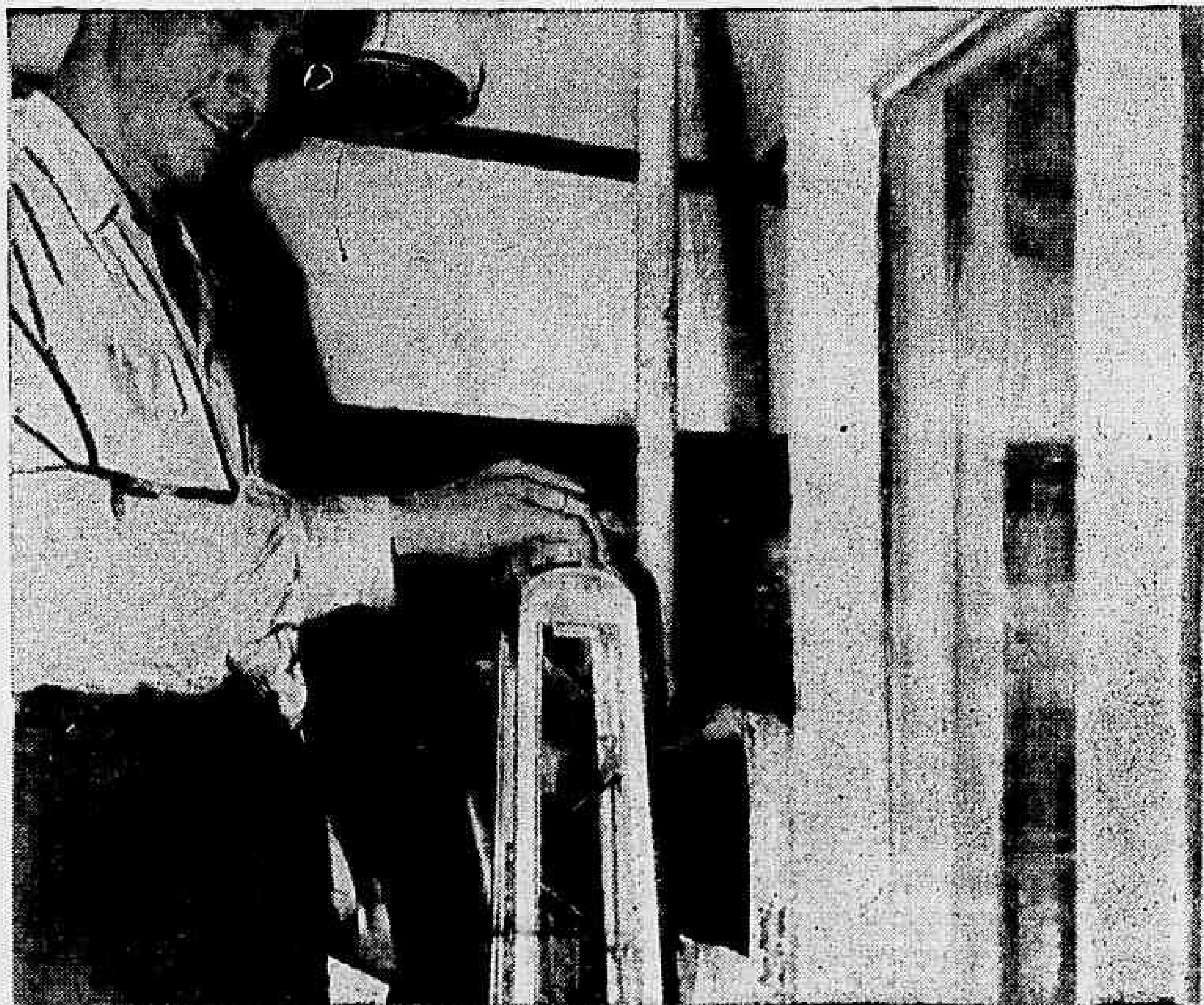
UM CONDUTOR de bonde muitas vêzes discute por causa de uma passagem de 40 centavos.

O Rio de ontem era, no dizer dos mais velhos, uma boa cidade. Agora, na opinião dêles mesmos, não é mais. Os motivos para o novo estado de coisas são vários, mas o que vai interessar aqui diz respeito apenas a um possível clima de desonestidade — desonestidade pequena — já entranhado nos hábitos da população. Coisas à-toas, mas bem significativas. O leiteiro que serve um edifício do centro ainda outro dia estava dizendo-me que a necessidade de pôr os litros na porta dos apartamentos, conforme o pedido de alguns moradores, vem acarretando-lhe de vez em quando sérios aborrecimentos e prejuízos. Conta que já está cansado de pôr a garrafa de leite na porta do freguês e no dia seguinte ela é reclamada como se não a houvesse deixado. O melhor, reconhece, seria entregar em mão. Acontece que é da própria natureza do serviço pôr a garrafa na porta. Como se trata de um homem há vinte-e-cinco anos no exercício da profissão, anda alarmado, e diz que antigamente não era assim. Está bem lembrado de que, em tempos atrás, até mesmo os seiscentos réis para pagamento do leite ficavam na porta ao lado da garrafa, e não se lembra de maiores contrariedades por isto. Ninguém passava a mão naqueles poucos trocados. Mas hoje bem sabe que não é mais possível. Perdeu muito quando não tinha ainda aceito os novos dias. O perigo agora existe até mesmo para as vazias. Dão alguma coisa e nunca falta quem não esteja disposto a conseguir êsse pouco, ainda que desonestamente.

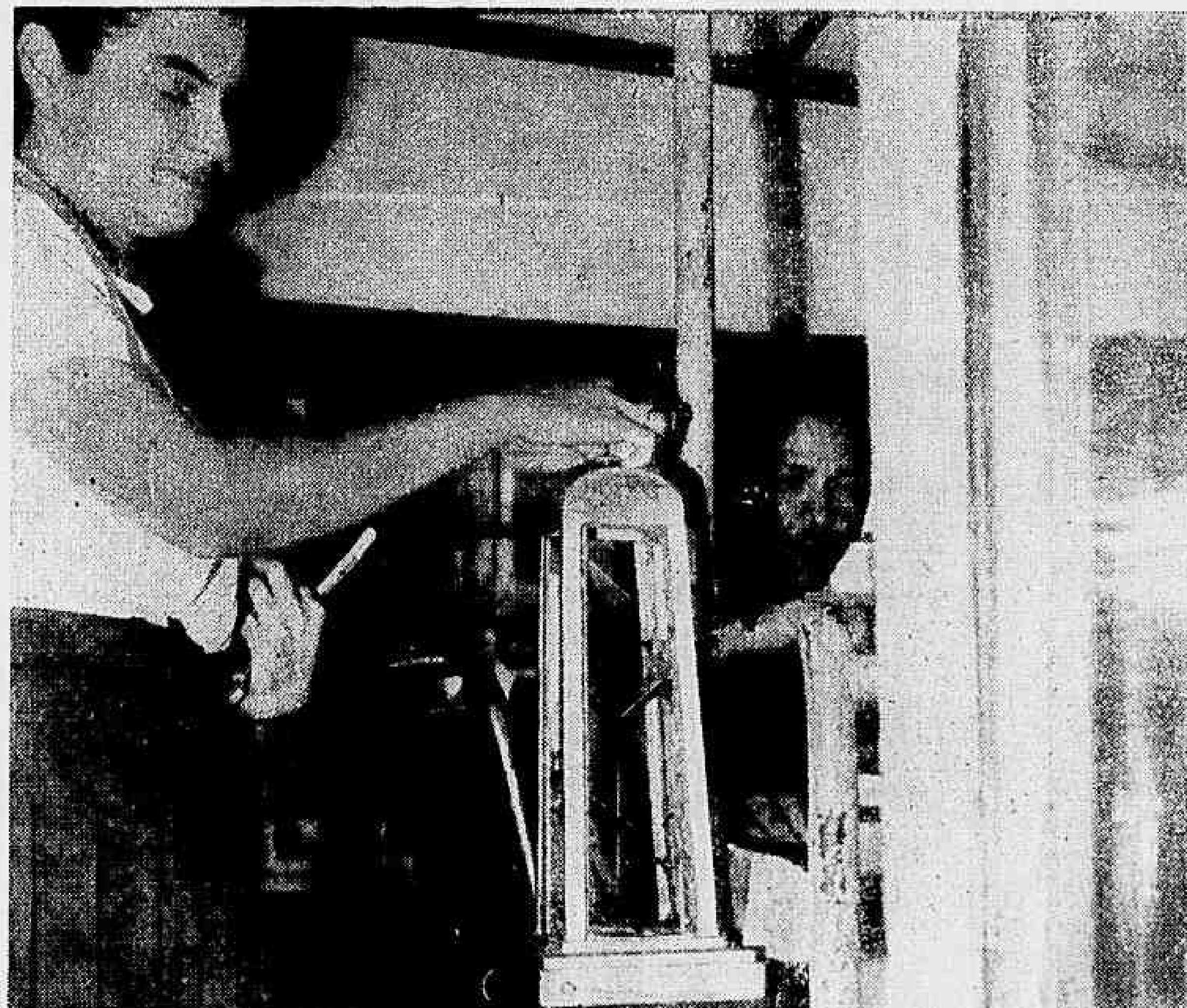
O padeiro também faz queixas. O de um subúrbio me garantiu que não é possível mais descansar o cêsto em cima de um muro enquanto vai lá nos fundos da casa entregar o pão à freguesa. Muita coisa pode acontecer ao cêsto. O pão é um alimento, sabe-se, de primeira necessidade. Quem se apossa de um pão sem os três centavos para dar em troca mostra, antes de tudo, a mais extrema penúria. Mas um padeiro em tôrno de alguns pães surripiados do seu cêsto foge às meditações profundas. Refletindo sôbre o assunto, apenas se lembra: sua vida se complica, caso não possa deixar o pão embrulhado na porta do freguês, quando êle não está, ou quando êle demora muito a abrir a porta. Interessante é atender à freguesia ràpidamente, o que não é possível, esperando a empregada ou a dona da casa em cada porta. Êsse padeiro é também um homem do tempo antigo e se lembra que nem sempre foi assim. Antes, êle diz, não se amarrava cachorro com linguiça, mas, na verdade, os pães eram deixados às portas sem nenhum risco.

AS QUEIXAS SÃO MUITAS

Mas, em matéria de pequenas desonestidades, poucas chegam a ser uma curiosidade como a de fugir ao pagamento da passagem de bonde. Um condutor inteligente me pôs a par outro dia de umas tantas observações a que vem se entregando por mero espírito profissional. A vontade de não pagar o bonde, no dizer dêle, está em todo passageiro. O número dos que fingem já ter pago é enorme. O constrangimento a que se submetem, afinal de contas, por quase nada, atendendo a que os centavos economizados assim dão para muito pouco hoje em dia, não se explica. Êsse condutor me disse que é muito fácil controlar os passageiros, após a primeira cobrança, daí o grande perigo a que se sujeitam os personagens de cenas de vez em quando presenciadas por quem viaja no bonde. A história começa, tôda gente sabe, com a atitude irritada do passageiro, perguntando se o condutor pretende cobrar a passagem outra vez. O condutor replica, de ordinário, com maus modos. Vem a



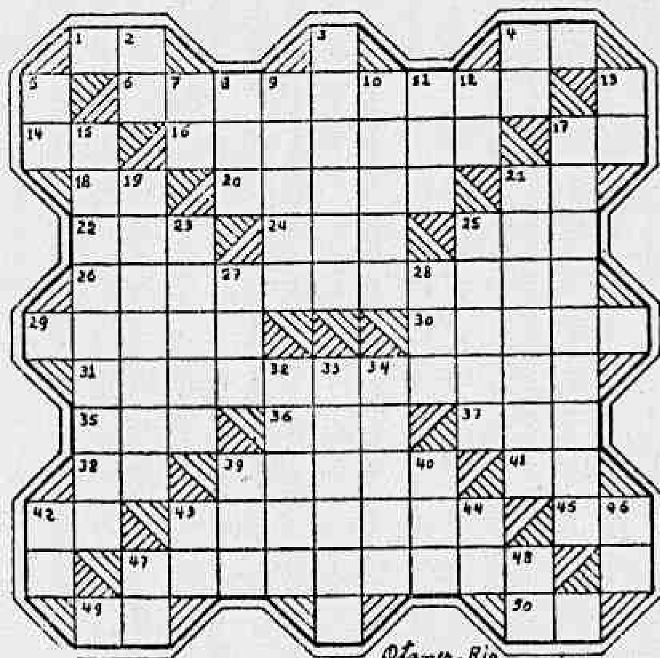
O MOTORISTA confere a porção de moedas que às vêzes não chega para pagar a passagem.



ATENTAÇÃO de pôr alguns centavos menos ocorre em certas ocasiões a muita gente

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 49 — PARA VETERANOS

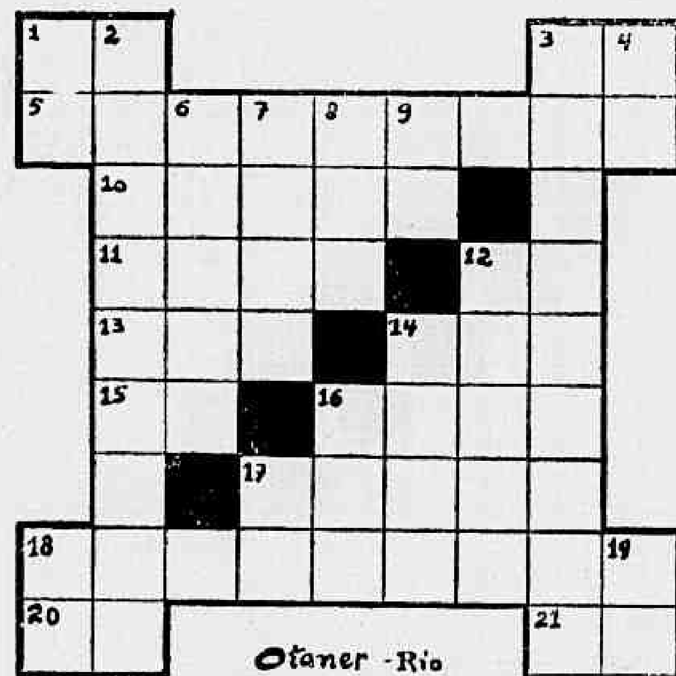


HORIZONTAIS: — 1. Desprovido — 4. Epiglote — 6. Meios indiretos — 14. Aspècto — 16. Variedade de maçã e pera (pl.) — 17. Prefixo grego que traz a idéia de bom êxito — 18. Também (arc.) — 20. O que há de mais distinto — 21. Prefixo que indica privação — 22. Irmão e inimigo de Osiris — 24. Medida de extensão de Tonquim — 25. Rio da França — 26. Entrar em negociações — 29. Dobra ou nó de um cabo, para o tornar mais curto — 30. Açaí — 31. Manhosas — 35. Abreviação de «doutora». — 36. Cidade da Hungria — 37. Cidade da França — 38. Nome de vários rios da Europa — 39. Peixe fluvial (pl.) — 41. Seguia — 42. Símbolo do estrôncio — 43. Atores — 45. Símbolo do rubídio — 47. Grande peixe do rio Purús (pl.) — 49. Pedra de lagar — 50. Sufixo designativo de profissão, agente.

VERTICAIS: — 2. Nota musical — 3. Enrugam — 4. Entrada — 5. Perversa — 7. Disposição — 8. Baixo e reforçado — 9. Catálogo — 10. (Nestor) Explorador e egiptólogo francês — 11. Vila da Bélgica — 12. Corifeu — 13. Afluente do Juruá — 15. Solfar — 17. Tornar-se devasso — 19. Continuara — 21. Ave da família dos tucanos — 23. Tolera — 25. Vinculara — 27. Mau humor — 28. Uma das ilhas Ellice, arquipélago na Oceania — 32. Mau gênio — 33. Irmão que ganha do outro no jôgo — 34. Adestra — 39. Firmar — 40. Senhor — 42. Nota musical — 43. A mãe de tôdas as coisas, na mitologia amazônica — 44. Sadia — 46. Rio da Bahia, afluente do Jequitinhonha — 47. Esturninho — 48. Isolado.

★

PROBLEMA N.º 49 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Atmosfera — 3. Nota musical — 5. Templo dedicado a Jupiter — 10. Dar balidos — 11. Orifício por onde se enfia uma fita ou cordão — 12. Sufixo de diminuição — 13. Fecha as asas para descer mais depressa — 14. Altar dos sacrifícios — 15. Símbolo do cobalto — 16. Ligar — 17. Bezuntai — 18. Recompensarás — 20. Seguia — 21. Pedra de moinho.

VERTICAIS: — 1. Antes de Cristo — 2. Fizera rabiscos — 3. Tirariam filmes — 4. Contração — 6. Sobrecéu portátil, sustentando por varas, que se leva nas procissões — 7. Acidente geográfico — 8. Tanto — 9. Sufixo que designa o agente — 12. Abrilhantar — 14. Mamífero ungulado da família dos Tapirídeos — 16. Atai — 17. Único — 18. 16a. letra do alfabeto grego — 19. Isolado.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 48

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Mofo — Povo — Adeus — Baiar — Nó — Velar — Re — Orgia — Iatai — Anarquias — Estimular — Atear — Rural — Ti — Corar — Io — Ocras — Sator — Raer — Siso.

VERTICAIS: — Mano — Odora — Fé — Ouvia — Paral — O! — Varas — Orei — Seareiros — Balucurás — Gnose — Talar — Ética — Tacar — Luras — Raios — Ator — Loro — Ré — Ti.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Muro — Asma — Era — Aar — Tapa — Eira — Ardor — Rã — Li — Idéia — Fogo — Omar — Ira — Oca — Mosa — Usar.

VERTICAIS: — Meta — Ura — Raparigas — Sairíamos — Mar — Arar — Arado — Eolio — Afim — Orar — Oro — Aca.

Colaboração e correspondência para «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS

COISAS FEIAS

seguir a clássica discussão do pagou e não pagou. Certa vez, num bonde, depois de uma porção de desaforos recíprocos, e de repetidas afirmações do condutor sôbre o não andamento do bonde, enquanto o passageiro não pagasse, o passageiro, um senhor cheio de corpo e vermelho, lutando por quarenta centavos ou por um ponto-de-vista, acabou puxando um revólver e anunciou o firme propósito de dar um tiro na... bôca do condutor. O homem fazia questão de frizar que o tiro seria na bôca.

Mas, em questão de transportes, há muito mais. O que oferece maiores tentações no momento é a passagem de ônibus. Como geralmente custam uma porção de níqueis alguns passageiros, no dizer de um trocador, se sentem com vontade de pôr na caixa sempre menos. Outro dia, acompanhei de perto um caso lamentável, ocorrido com uma jovem de aspecto modesto. Ela pusera na caixa a passagem bem trocada em miúdos, mas faltando cinqüenta centavos. O chofer, sem que ela percebesse, desceu para o fundo da caixa as passagens acumuladas. Não seria difícil conseguir êxito na tentativa, caso a tampa da caixa estivesse cheia. Mas estava apenas à espera exatamente da importância desfalcada, o que tornou absolutamente fácil a conferência. A série de inconveniências que se seguiram são, de vez em quando, apreciadas. O ônibus parado, com grande aborrecimento para os passageiros, não foi nada comparado ao constrangimento de todos ao ver o trocador atrás da moça, aos gritos, reclamando cinqüenta centavos. E ela fazendo pior. Surpreendida na prática da pequena desonestidade, voltou dizendo que tinha pôsto o dinheiro, quando não tinha. Todos ali na frente estavam certos que ela pretendera realmente pagar menos.

UM CASO TRISTE

São exemplos que mostram uma onda de... sabidismo tomando conta da cidade. A vontade de enganar, ainda que nas coisas menores, dizem os homens que viram o Rio de ontem, não era assim tão geral e entranhada no povo como agora. A esperteza nos seus piores aspectos está em muitos outros casos. O mais triste presenciei, não faz muito. Foi numa sorveteria. Um senhor entrara com dois meninos, que não deviam ter mais de nove e onze anos. Na certa, eram filhos dêle. Os pequenos tinham essa vivacidade natural em tôdas as crianças daquela idade e no gôzo da mais perfeita saúde. Mas no fim acabei vendo que eram mais vivazes do que deveriam. Depois do sorvete e dos doces, o pai solicitou a conta e aí começou o triste clímax da história. Para a despesa, o senhor deixou no pirês a gorgeta de praxe, sob os olhos do garção. Mas arranjaram os meninos um jeito de o pai sair na frente dêles, e, logo que o homem se pôs de costas, os dois avançaram discretamente na gorgeta deixada. Os garotos, sentia-se, estavam cansados de fazer aquilo. Os exemplos são muitos. Cada um de nós sabe de uma porção. Naturalmente que não chegam a constituir delitos, mas, sem nenhuma dúvida, essa história de motorista de praça nunca ter dinheiro para fazer um trôco, generalizada como anda a prática, dá para constituir um mau espírito para a cidade. Resta apenas sentir por tudo amarga e grande tristeza coletiva.

PROLONGADA A VIDA...

(Cont. da pág. 5)

"Fundação". Uma campanha de recolhimento de fundos para a "Fundação", promovida pelo jornal "Cidade de Ituverava", na cidade do mesmo nome, já produziu quantia superior a Cr$ 5.000,00.

Os funcionários da Agência do S.A.P.S., em Petrópolis, organizaram uma coleta de donativos arrecadando Cr$ 1.760,00, encaminhando à "Fundação" por intermédio do sr. Edson Cavalcânti, diretor-geral do S.A.P.S. O agente-correspondente do "Diário Carioca" em Itaocara, sr. Augusto José Pires, cedeu à "Fundação" todo o fruto de comissões sôbre assinaturas do referido jornal, até 31 de dezembro de 1951. O circo Irmãos Queirolos, de Joinville, Santa Catarina, ofereceu 10% das suas rendas, a partir de 2 de abril e por um prazo de seis meses. A oferta foi feita diretamente ao Presidente da República, que dela fêz ciente a diretoria da "Fundação", por intermédio do Ministro da Educação e Saúde, sr. Simões Filho.

O dr. Laureano recebeu e encaminhou à "Fundação" um cheque de Cr$ 2.500,00, donativo dos servidores da Inspetoria de Polícia Marítima e Aérea de Santos, Estado de São Paulo. Uma comissão de dez estudantes do curso ginasial do Colégio Juruena, integrada pelas alunas Milce Lima Mauerph, Gladys Penha Stenvowfski, Arorsivi Adder Nunes da Cunha, acompanhadas pelo prof. Enéas Martins de Barros, entregou à "Fundação" a importância de Cr$ 1.166,20, resultado de arrecadação feita entre alunos e professôres do estabelecimento.

Os clubes de Teresópolis, Várzea F. C., Aepu Serra dos Órgãos, Piraí F. C. e Tijuca Clube, encaminharam à "Fundação" a quantia de Cr$ 6.830,00, renda do Torneio de Basquetebol, realizado em benefício da campanha contra o câncer. Uma lista organizada pelos funcionários do Banco Comercial de Orlândia, Estado de S. Paulo, produziu a arrecadação de Cr$ 6.030,00, já recolhidos à Tesouraria da entidade.

Recebeu a "Fundação" mais os seguintes donativos: da "Mocidade Espírito Cristófila" — Cr$ 400,00; dos funcionários da Contadoria da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil — Cr$ 1.205,00; dos funcionários da Atlântica & Cia. de Seguros — Cr$ 1.700,00; dos funcionários do Instituto Bioquímico — Cr$ 734,00; dos funcionários do Departamento Nacional da Produção do Ministério do Trabalho — Cr$ 2.156,00. O sr. Angelo Gonçalves, proprietário do Itabira Parque, armado à rua General Sampaio n. 71, ofereceu à "Fundação" 30% da renda diária das suas barracas de diversões, tendo solicitado ao Delegado de Costumes e Diversões que mande fiscalizar o movimento de rendas, para o efeito de cálculo de sua contribuição.

★

Os vereadores cariocas, além de aprovarem uma indicação do sr. Leite de Castro, mandando descontar um dia dos seus subsídios em benefício da "Fundação", receberam com a máxima simpatia um projeto do sr. Manoel Acióli Lins, autorizando a abertura de um crédito de um milhão de cruzeiros para auxílio à mesma instituição.

A Federação das Indústrias de São Paulo, a Associação Comercial, a Faresp (Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo) e a Sociedade Rural Brasileira, por intermédio de seus presidentes, srs. Francisco Sales, Vicente de Azevedo, Alkidar Junqueira e Mário Rolim Teles, lançaram, por meio da organização jornalística das "Folhas da Manhã", da Tarde e da Noite, da Capital paulista, um apêlo às classes produtoras para que apoiem a campanha contra o câncer, contribuindo para o seu êxito.

O engenheiro Durval Muylaert, diretor da Estrada de Ferro Sorocabana, anunciou que expedirá uma circular a todos os servidores da emprêsa, em número de 25.000, concitando-os a contribuir para a "Fundação". Em nome da Igreja Presbiteriana do Riachuelo, o rev. Galdino Moreira entregou à "Fundação" a importância de Cr$ 500,00. Uma coleta organizada pelos funcionários da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Central do Brasil produziu Cr$ 1.145,00. Os empregados da Casa Granado (matriz), contribuiram com Cr$

(Cont. na pág. 44)

Um perfume de Myrurgia

MADERAS DE ORIENTE



EXTRATO · LOÇÃO · AGUA DE COLONIA · PÓ DE ARROZ

· MYRURGIA ·



CENA INICIAL, vendo-se, ao centro, paralisado em hipnose, Geraldo (Flávio Cordeiro), o marido manobrado por Sílvia (Samaritana Santos), à esquerda, em atitude de se dirigir ao público, explicando sua teoria. A mulher inteligente, com os fios seguros da habilidade, pode dominar o marido sequestrado pela vida mundana, e torná-lo um boneco que lhe faz a vontade.

OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLORES

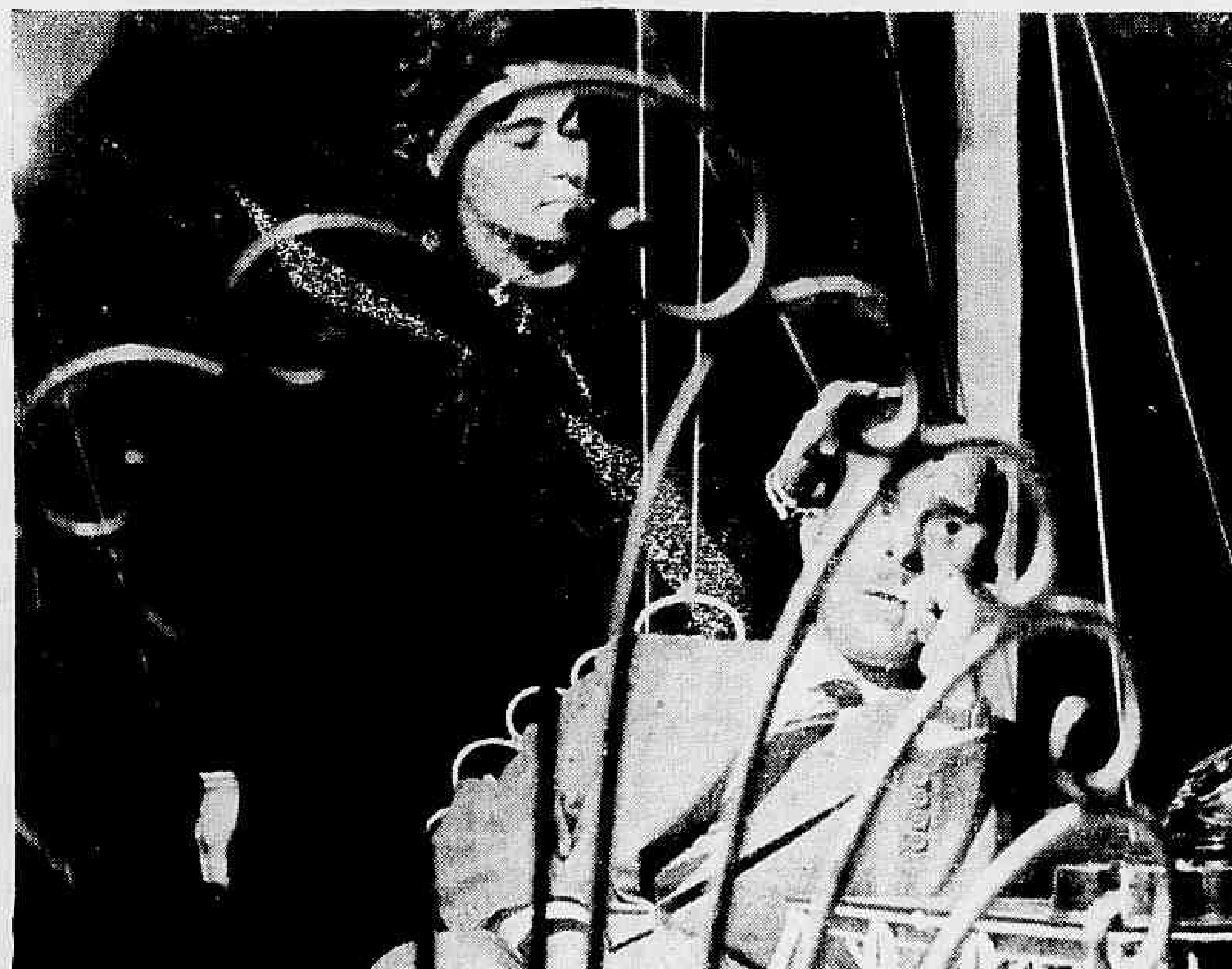
ESSA nova peça de Pedro Bloch, o mesmo autor de "As mãos de Eurídice", continua com as características que definiram o teatrólogo e seu primeiro trabalho: reduzido o número dos artistas, dois apenas na presente peça, cenários diríamos surrealistas de quem no gênero se tornou um verdadeiro especialista, e ainda as excentricidades de os artistas ficarem paralisados em cenas como se tivessem sido hipnotizados, e se dirigirem ao público, em conversa, em confissão. Trata-se em resumo do desajuste em que vive um casal pelo complexo que se formou na mulher devido à sua feiura. Não podendo dominar o marido pelos atrativos físicos, o quer pela inteligência, manobrando-o com fios invisíveis, como se fôsse um boneco. Belo trabalho dramático, especialmente da "feia" Samaritana, coadjuvada à altura pela impassibilidade do Flávio, tudo muito humano, terminando mesmo sentimental.

Original de PEDRO BLOCH
Direção de GRAÇA MELO
Cenários de DARCY EVANGELISTA

PERSONAGENS:

SÍLVIA ...... SAMARITANA SANTOS
GERALDO .... FLÁVIO CORDEIRO





1 No seu escritório Geraldo tem uma secretária, Juliana, por quem Sílvia alimenta um grande ciúme. Entretanto, tal não se mostra, preferindo dizer que a bonita moça é burrinha e portanto, indigna das atenções que êle lhe dedica. Pode até prejudicá-lo, revelando a espécie de negócio ilícito que exerce.

2 Em seus devaneios Geraldo costuma imaginar viagens. Agora inventa um passeio a São Paulo. Sílvia sente-se ferida, mas nada pergunta, pelo contrário prontifica-se a arrumar-lhe a mala. Exaspera-se Geraldo diante da indiferença da espôsa e pergunta-lhe então por que casou com êle.



3 Revela a moça que ela o fêz para se vingar das outras "gatas" que possuem os homens pela beleza, pelos vestidos colantes, pelo sexo. Ela o quer ùnicamente para si e para sempre. E' infeliz.



4 De volta do médico Geraldo chega agitadíssimo. Tem mêdo, pois ainda não sabe o que tem, e não quer ser abandonado. Sílvia promete. Pela primeira vez parece que êle se lembrou do aniversário do casamento.



5 Chegam as flores, mas desta vez não foi ela: talvez tenha sido Geraldo. Pelo telefone o médico avisa que seu paciente nada tem a não ser nervos abalados. Alegra-se Geraldo. Sabe das flores.



6 O florista lhe contou. Mas pela primeira vez Sílvia sente algo de estranho, pois não tendo sido ela a encomendar a corbeille, isso quer dizer que alguém pensa nela. Sente-se imensamente feliz.



7 O portador vem buscar a corbeille. Entregou-a por engano. Tristemente Sílvia a devolve. Ninguém pensa nela. Começa então a sentir a inutilidade de sua vida. Alguma coisa deve estar errada.



8 Sílvia, em "robe-de-chambre", nervosa, é surpreendida ao telefone, por Geraldo, que quer saber a verdade. Ela nada diz. Toca o telefone e êle, estarrecido, é informado que ela o denunciou à polícia.



9 A espôsa confessa. Sente-se vingada, não poderia perdoar-lhe o fato dêle traficar em produtos de beleza, sendo ela tão feia. Geraldo não esperava por isso. Amargamente interpela-a, por que?



10 Chegam à conclusão de não ter encontrado a felicidade na vida em conjunto e Sílvia agora é quem pergunta a Geraldo por que casou com ela. Explica o marido que foi justamente por ser ela feia.



11 Sílvia não acredita, mas diante das frases sinceras do marido, percebe que nunca o compreendeu. Desperdiçou sua mocidade em vão. Amam-se, mas é tarde. Sai êle e ela grita: "Isto é amor!"





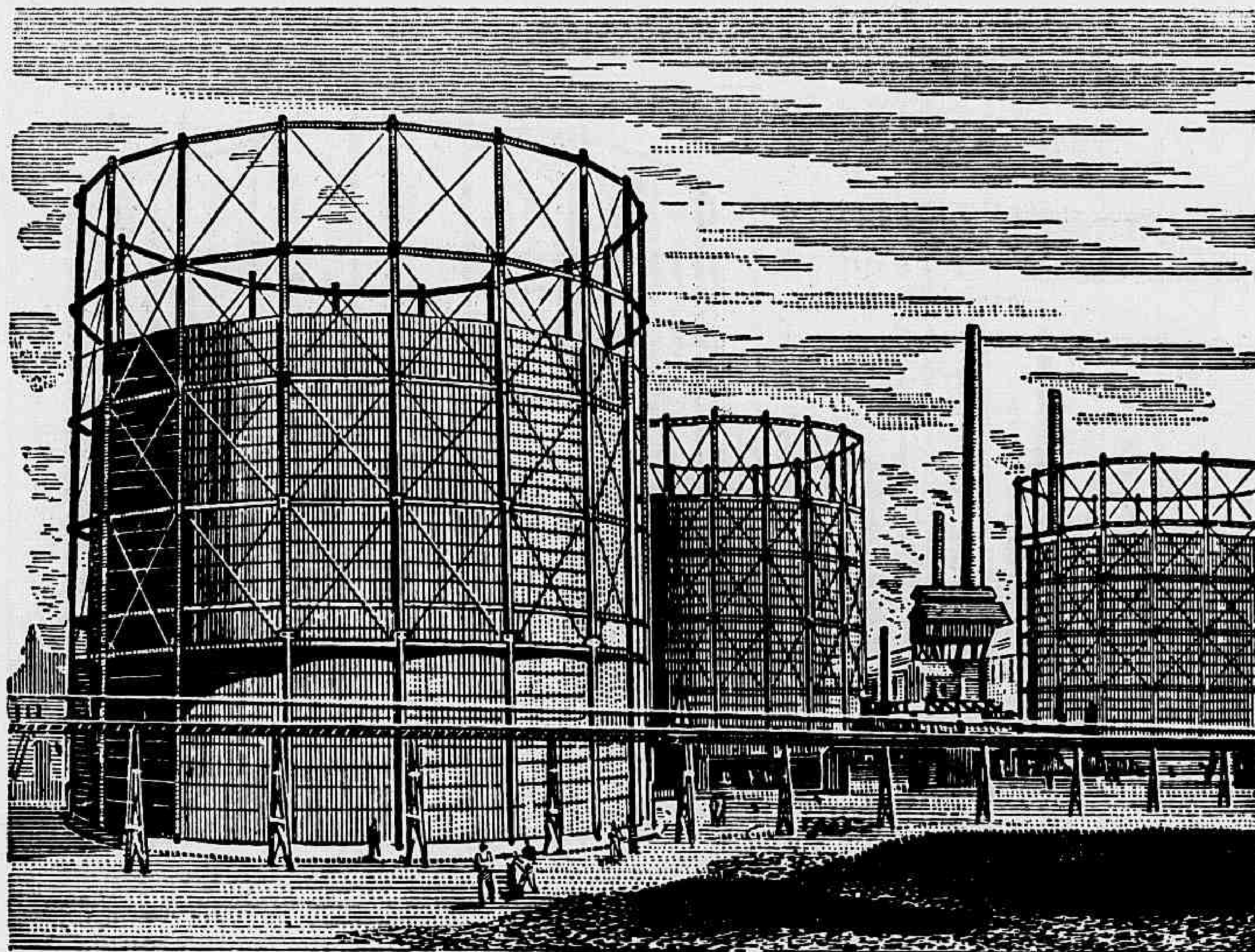
JOCKEY CLUB MUNDANO

O Hipódromo Brasileiro continua a ser o ponto máximo de reunião da elegância carioca. Nestas tardes de outono, de temperatura amena, encanta aos olhos o espetáculo de rara beleza que o elemento feminino nos proporciona, com as suas "toillettes" vaporosas e a sua inconfundível graça. O campo de corridas da Gávea, engastado em um dos mais bonitos cenários do mundo, acolhe, nas tardes das sabatinas e domingueiras, principalmente nas últimas, uma multidão alegre e despreocupada, que vai buscar, nas disputas dos puros sangue, emoções diferentes num ambiente esplêndido e tranquilo. E dessa multidão se destaca a graça e o donaire da mulher brasileira, tão naturalmente elegante nos gestos, nas atitudes e no saber vestir-se. Num dos últimos domingos "Revista da Semana" colheu no Hipódromo brasileiro os flagrantes que ilustram esta página, nos quais pontifica a juventude feminina que frequenta o belo prado da Gávea.









MAIS UM GRANDE GASÔMETRO PARA O RIO DE JANEIRO

AUMENTADA DE 85.000 METROS CÚBICOS A CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO DA FÁBRICA DE GÁS.

Acompanhando sempre o desenvolvimento do Rio de Janeiro, a Société Anonyme du Gaz acaba de inaugurar mais um grande gasômetro cujo custo total foi de 19 milhões de cruzeiros. Sua construção exigiu um trabalho árduo de montagem de parte dos técnicos e operários da Companhia desde agosto de 1948.

O material para essa construção teve de ser importado. O peso total das chapas, vigas e outros materiais foi de 1600 toneladas. Êsse grande gasômetro, totalmente soldado a solda elétrica, tem cerca de 55 metros de altura, ou seja a altura de um arranha-céu de 14 andares, e comporta 85 mil metros cúbicos de gás. A capacidade da fábrica de gás foi também aumentada com a construção de uma moderna bateria de fornos, com a capacidade diária de 60 mil metros cúbicos de gás.

Dentro dêsse programa de serviço, já iniciou a Société a montagem de mais uma unidade produtora de gás, que terá uma capacidade diária de cerca de 140 mil metros cúbicos de gás. Ampliando as suas instalações, a Société Anonyme du Gaz não poupa esforços para atender aos seus milhares de consumidores com tôda a eficiência possível.



SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ DE RIO DE JANEIRO

Nem Cara...

Nicodemus

HORÓSCOPO — NASCEM HOJE FEDELHOS QUE MAIS TARDE SERÃO MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES...

CINTURA — SUBSTANTIVO FEMININO. A PARTE MEDIA DO CORPO HUMANO.



RELIGIÃO — NO EGITO ANTIGO ERAM SAGRADOS O BOI, O CROCODILO, O GALO, O FALCÃO, O GANSO, O BODE, O CÃO, A GALINHA, A ANDORINHA, A SERPENTE, A PALMEIRA, O PEPINO, AS UVAS, O FIGO, A CEBOLA!

PROVERBIO — HA MAIS RATOEIRAS QUE RATOS...



1ª VARA CÍVEL

VEJA A PAPINA 31

AS FÉRIAS DE POLICARPIO

(Cont. do número anterior)

— Presumo que vai ao Rio — disse o outro em dado momento.

— E' verdade — confirmou o agente de correio, sêcamente.

— Deve estar cheio de encomendas. Sei como são essas viagens. Eu mesmo, que vou a negócios, tenho várias.

E os seus olhinhos vivos perquiriam as faces de Policarpo, como se quisessem descobrir alguma coisa.

— Embrulhos na ida e na volta — continuou — é maçante. E quando nos dão dinheiro para lèvar ou trazer... Aí então, meu amigo, é que fazemos péssima viagem.

Policarpo encolheu-se todo, como as minhocas ao sentirem a ponta do anzol. Sem dúvida, por qualquer artimanha, já fôra descoberto que levava vinte-e-oito contos.

— Felizmente, não trago dinheiro algum — balbuciou a custo.

— Isto é bom — afirmou o outro — pois nunca se está livre de um roubo.

A conversa enveredava por um rumo enervante para o agente de correio, que procurou cortá-la:

— Creio que não estou passando muito bem...

— Êsses trens da Leopoldina são terrivelmente maçantes. Enjoa-se mais aqui do que numa viagem marítima... Por mim, já estou acostumado... E tirando do bôlso um jornal pôs-se a percorrer, com visível interêsse, as suas páginas.

Policarpo recostou-se, mas não podia nem cochilar, por causa dos vinte-e-oito contos e também porque uma dorzinha fina cortava-lhe o ventre. "Aquêle doce devia estar envenenado" — pensava.

O tempo arrastava-se lentamente e as estações se sucediam com incrível monotonia. Caira a noite. O carro era parcamente iluminado. Quase todos os passageiros dormitavam. Só se ouvia o ruido característico da composição a deslizar sôbre os trilhos. O estranho roncava surdamente.

Perto de Petrópolis, teve Policarpo uma dessas imperiosas contrações intestinais. Esqueceu-se de tudo. Levantou-se de um salto, correndo para o reservado. Tão logo se aliviou, lembrou-se dos vinte-e-oito contos que lârgara sôbre a poltrona. Voltou mais depressa ainda. Felizmente, lá estava o pacote. O estranho, que acordara com a sua corrida, examinava-o com interêsse. Apressou-se em ocupar o lugar. O companheiro sorriu bondosamente para êle, enquanto dizia:

Creio que ficarei em Petrópolis, pois lembrei-me de que necessito resolver alguns negócios nessa cidade...

Policarpo ficou radiante. Livrava-se de dois incômodos, quase simultâneamente. Já chegavam à linda cidade serrana.

— Bem, amigo, meu nome é Leôncio. Sou fazendeiro no município de Palma. Espero que faça boa viagem... Isto é, o que ainda lhe falta. Até a vista — disse, preparando-se para saltar.

O agente de correio apertou, sem entusiasmo, a mão que lhe era estendida, murmurando um "até a vista", desenxabido. Logo que o outro saiu, pegou, carinhosamente, o pacote.

— Arre! Até que enfim... — suspirou aliviado.

O papel verde estava amarrotado e o fio côr-de-rosa, esgarçado nas pontas. Achou-o diferente. "Ceus! O papel não era rosa e o fio, verde?". Procurava relembrar, desesperadamente. Sim, parece que haviam trocado o embrulho... Era preciso verificar... Desatou o pacote. Várias laudas de papel dactilografadas cairam sôbre a poltrona! Misericórdia! Por isto é que o homem resolvera ficar em Petrópolis... Fôra roubado!

— Roubaram-me... Roubaram-me vinte-e-oito mil cruzeiros! — gritou aflito.

Foi logo rodeado pelos curiosos, explicando atabalhoadamente o furto de que fôra vítima. Correram em busca do ladrão. Leôncio já ia longe. Mas Policarpo avistou-o e em poucos instantes agarrava-se a êle, gemendo:

— Foi êste... Foi êste o ladrão!

O homem, espantado, indagava o que era aquilo. O que desejavam dêle. Pegaram-no. Não reagiu. Vieram dois guardas. Levavam-nos, sob os protestos do fazendeiro que dizia nada compreender.

Na delegacia negou terminantemente que houvesse furtado qualquer quantia, exibindo provas de que era fazendeiro e homem de bem. Entretanto, Policarpo afirmava que só podia ter sido êle o larápio. Leôncio ficou prêso aquêle dia, porém, o delegado achando a história do agente de correio muito inverossímil, e em virtude da falta de provas contra o acusado, soltou-o.

Policarpo passou ainda alguns dias na cidade, implorando ao outro que lhe devolvesse o dinheiro. O fazendeiro tratara-o a princípio com bondade mas depois chegou a ameaçá-lo, com o revólver, para que deixasse de importuná-lo.

O infeliz Policarpo desanimou. Também o dinheiro que levara já se esgotava. Mal dava para a passagem de volta. Na confusão de Petrópolis ainda perdera uma pequena maleta. Regressou abatido. Chegou à pequena localidade com os sonhos desfeitos e o coração amargurado. As férias, previstas e aguardadas há muitos anos, não foram gozadas; não conhecera o Rio; gastara o dinheiro que passara tanto tempo a economizar; perdera a maleta... castelos desmoronados... Por cima de tudo, via-se já entre as grades de uma prisão por ter consumido os vinte-e-oito contos do "seu" Joel.

Por infelicidade foi a primeira pessoa que viu na plataforma, quando o trem parou na pequena localidade onde morava. Deschbarcou cabisbaixo, sobraçando o embrulho, que trazia de volta para servir de provas à sua inocência.

Joel veio prazeiroso ao seu encontro.

— Fomos roubados! — foi logo dizendo o Policarpo. — Trocaram o embrulho de dinheiro e deixaram em seu lugar êsses papeis sem valor... Que infelicidade" seu" Joel...

— Dinheiro?! Roubado?! — fêz o outro espantado. — Não compreendo...

E pegava nas fôlhas de papel, visivelmente admirado. Por fim inquiriu, contrafeito, ao infeliz agente de correio, que se deixara cair vencido sôbre um banco:

— Mas por que trouxe de volta os vinte-e-oito contos que lhe dei para levar ao meu editor?...

— Então êsses papéis é que eram os vinte-e-oito contos?! — exclamou Policarpo, pondo-se de pé como se u'a mola o houvesse impulsionado.

— Sim. Eram contos para publicar... — explicava o escritor, mas não terminou porque teve de acudir o agente de correio, que desabara, sem sentidos, sôbre a plataforme da estação.



UM HOMEM HONESTO

JOÃO não podia crer no que acabara de ouvir. Não era desta forma que lhe deviam agradecer quinze anos d' sacrifício e devoção ao trabalho. Desonesto. Como podia ser desonesto alguém que trabalhara tanto e para êles? Que tinha de seu? Não possuia casa nem automóvel, nem nada dessas coisas que todos os homens sonham possuir. Sujeitara-se a tudo, perdera noites de sono preocupado com negócios que não eram seus. E qual tinha sido a recompensa? Havia aprendido em criança a não hesitar em expor o seu parecer claramente sem reticências, ainda que fôsse oposto ao previsível ou desejável; nunca hesitar em sustentá-lo e a assumir a inteira responsabilidade que pudesse surgir. Era lógico que não poderia mudar aquêle ritmo, quebrar aquêle princípio sagrado para êle. Preferia morrer a ter que mentir ou apoderar-se de algo que não fôsse seu. E além de tudo jactava-se de ser, e o era, um homem cem por cento honesto. E agora que seria dêle? Durante duas horas andou de um lado para o outro. Que faria no vindouro, no próximo mês, nos anos seguintes? Nada, sua vida estava arrasada. Que vergonha para a mulher e para os filhos. Novamente, como que atraído por imã seu cérebro voltava a reconstituir aquela cena. Lembrou-se de seu patrão berrando-lhe: — Você não passa de um ladrão.

Aquelas palavras feriram mais do que a mais forte bofetada, recuou dois passos, estava atônito, sem compreender que aquilo pudesse ser verdade.

O homenzinho estava possesso, gritava ameaças, chamava-lhe nomes e seguia com seu rosário de asneiras: — Você é um canalha, um ladrão mentiroso, mas irá com certeza parar na cadeia onde é...

Uma vertigem toldou-lhe aquela calma aparente. Sentiu impetos de esmurrar o homenzinho. Dominou-se, porém, apanhou o chapéu no cabide e saiu para a rua, caminhando sem rumo. E agora, exatamente duas horas depois, estava ali na rua, andando com um passo incerto e sentindo-se como se tivesse praticado um ato flagicioso. Sabia que não era culpado, mas era sincero e honesto de mais para ver o anverso daquela situação. Tinha a certeza quão estúpida e cretina era a humanidade. Conhecia seus fracos e encarava a vida como se estivesse fora dela, sendo um mero espectador. Conhecia também os movimentos uniaxiais do povo em geral que tinha seus movimentos de rotação em tôrno do eixo conhecido por "ambição". Tudo na vida era dirigido a dois alvos: — Dinheiro e sexo.

Negasse quem fôsse capaz. João acendeu um cigarro que lhe restava. Tirou uma longa tragada e ficou observando as espirais azul-cinza que saiam daquele tubo de papel. Depois caminhou a passos incertos para casa.

Contou à mulher tudo o que ocorrera e ouviu em silêncio os seus conselhos.

— Você não deve desanimar João, existem muitas casas que precisam dos seus serviços. Hoje mesmo um homem telefonou para cá. Quem sabe se não será para lhe oferecer uma colocação.

João nada respondeu, subiu para seu quarto e lá ficou meditando.

Era 7 horas quando ouviu sua mulher gritar: — Desça João, que está aqui um senhor que deseja falar-lhe. — Levantou-se lentamente e respondeu: — Diga-lhe que descerei já.

Deixou-se ficar pensativo como que imaginando quem e por que o tinham vindo procurar. Apanhou o casaco surrado nas costas da cadeira e vestiu-o. Em seguida, começou a descer lentamente a escada. Por fim avistou o homem que o viera procurar. Era baixo, magro e vestia-se com apuro. João lembrava-se dêle, tinha sido seu colega de trabalho e fôra despedido há dois anos.

O homenzinho levantou-se da cadeira que ocupava e veio até a êle, ostentando nos lábios um sorriso estudado: — Bons olhos o vejam João. A tempos que não o via.

João limitou-se a responder um convencional: — Como está? — Entraram ambos para a sala de visitas e sentaram-se. O homem pigarreou e disse: — Vim procurá-lo, pois soube que foi despedido e acho que é um dever ajudar um amigo — fêz uma pausa, esperando a reação do outro e prosseguiu: — Tenho um ótimo negócio a propor-lhe e foi isto que me trouxe aqui. Sei que você teria facilidades em conseguir algo que para mim se torna difícil. Por essa razão estou disposto a fazer uma sociedade.

João olhou para o homenzinho e perguntou: — Qual é o negócio?

— Gêneros alimentícios. Câmbio-negro, talvez.

João começou a compreender.

— E' uma profissão arriscada — argumentou.

O homem sorriu.

— Sou velho no ofício. Podia arranjar coisa melhor, mas gosto desta vida.

João levantou-se, foi até à porta e fechou-a. Em seguida perguntou:

— Bem, é melhor que se explique.

O sujeito teve um sorriso de aprovação.

— Irei diretamente ao assunto. O negócio consiste em vender alimentos que às vêzes já não estão em bom estado...

João interrompeu-o.

— Cale-se. Como ousa propor-me semelhante coisa?

O homem acendeu um charuto e ofereceu-lhe outro. João aceitou e ficou esperando que êle falasse.

— Que mal há em vender gêneros deteriorados? — começou o sujeito. — Deixe de bobagens, João. Não esqueça que na vida de hoje a honestidade tem de ser esquecida em benefício dos bolsos da gente. Afinal...

João já não o ouvia, sentia uma vontade de esmurrá-lo e perguntar-lhe como podia alguém no mundo ser tão sórdido e imundo. Levantou-se de punhos fechados e gritou-lhe:

— Saia daqui miserável. Rua imediatamente.

O homem não se defendeu nem se mostrou ofendido, pegou calmamente o chapéu e caminhou em direção à porta. Parou junto a ela e disse:

— Não se esqueça, é uma oportunidade única. Adeus.

João caminhou agressivamente para êle. Uma idéia ocorreu-lhe, porém. Sim, aceitar o negócio, e por que não? Não era

(Cont. na pág. 34)

CONTO de FERNANDO VICTOR SANTOS ★ ILUSTRAÇÃO de OSWALDO DA CUNHA

AGORA

RIO - MANÁUS

NO MESMO DIA

IDA **CR$ 2.468,20**

IDA E VOLTA CR$ 4.475,80

LOIDE AÉREO NACIONAL

*

COM ESCALAS EM

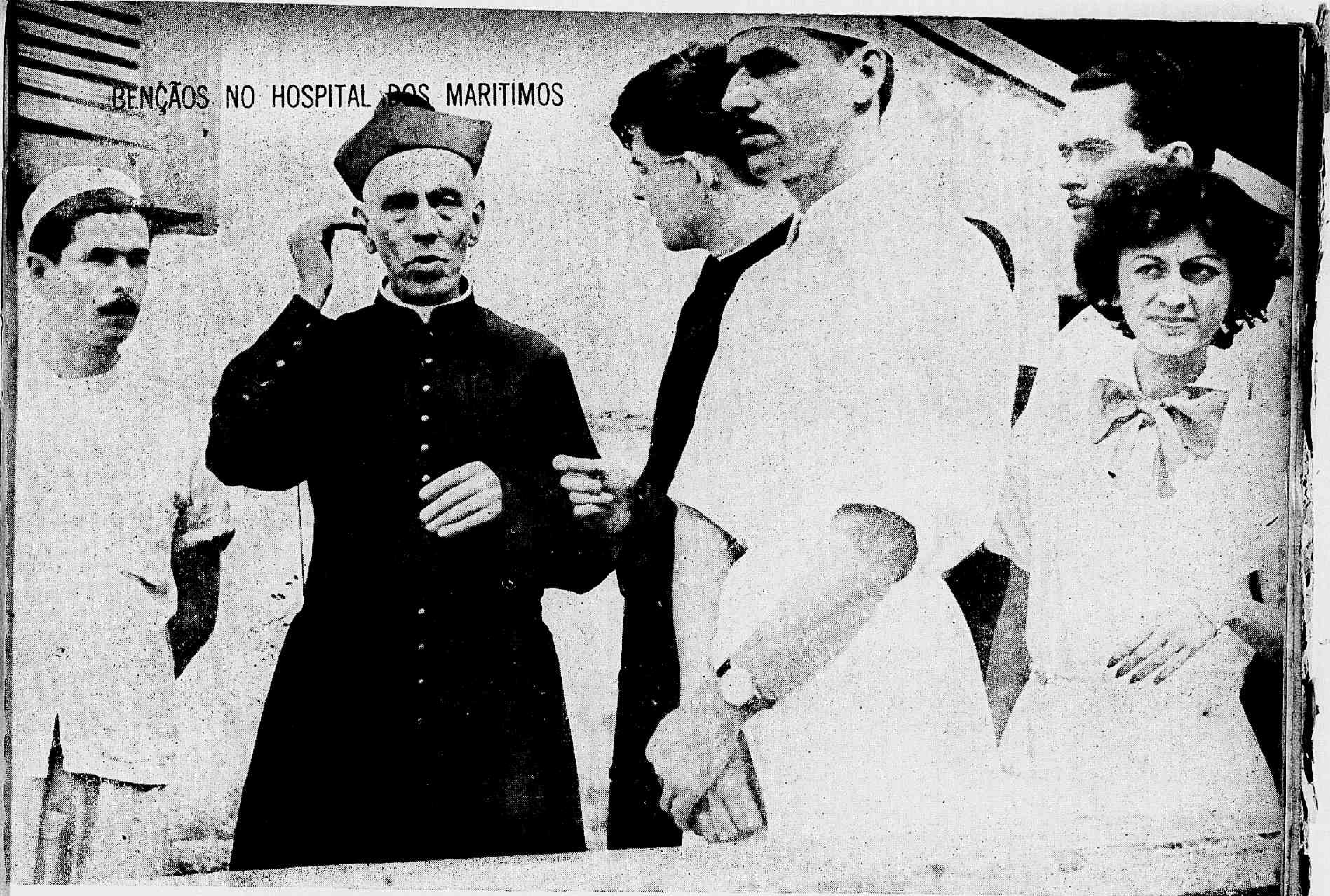
Anápolis -- Carolina e Santarém

Passagens -- RUA MÉXICO, 11 Tels. 32-5195 e 42-9967
Encomendas e Cargas -- AV. PRESIDENTE WILSON, 210. Tel. 52-2567

*

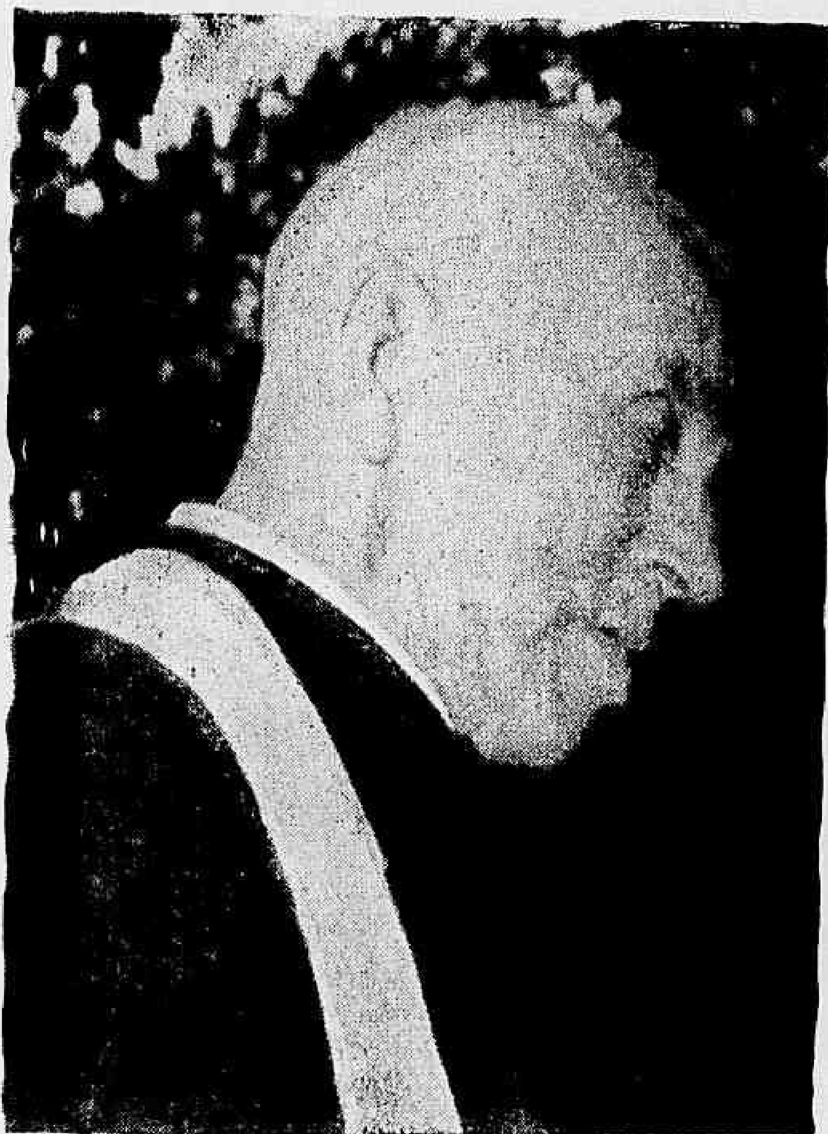
TABELA DE PREÇOS

	Passageiros	Carga (kg.)
Rio-Anápolis	565,50	3,80
Rio-Carolina	1.106,10	7,80
Rio-Santarém	2.008,80	14,40
Rio-Manáus	2.468,20	17,80



DESDE O DIA 31 de dezembro do ano passado que Padre Antônio está internado no Hospital dos Marítimos, nesta Capital. Ali fôra submetido a uma intervenção cirúrgica, pelo cirurgião dr. Condeixa Filho. A operação era melindrosíssima, conforme já tivemos ocasião de noticiar. E segundo o próprio depoimento do médico operador o êxito foi um milagre, não da medicina, mas de Nossa Senhora das Graças.

MILAGRES DO PADRE ANTÔNIO NO RIO



MAIS DE DOIS MESES o piedoso pároco de Urucânia estêve acamado Finalmente restabeleceu-se e passou a dar ao povo carioca as suas milagrosas bênçãos. Êste flagrante foi feito durante uma bênção.

"NÃO ME RECORDO DA PRIMEIRA CURA, DIZ O PIEDOSO PÁROCO. QUANDO ME ORDENEI FUI MANDADO PARA URUCÂNIA. O POVO ERA MUITO POBRE E QUANDO ADOECIA NÃO TINHA DINHEIRO PARA COMPRAR REMÉDIOS. ENTÃO VIERAM A MIM, PEDIR AUXÍLIO E EU LHES DISSE PARA FAZER COMO A IGREJA MANDA: USE ÁGUA PURA, REZE TRÊS AVÉ-MARIAS E CURE-SE VOCÊ PRÓPRIO. E' ISSO QUE CONTINUO FAZENDO COM A PROTEÇÃO DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS."

Texto e fotos de **ABDIAS RODRIGUES**

PARECE que não há limites no tempo para enquadrar o milagre ou o fato miraculoso. Todos sabemos que êles tiveram maior apogeu no tempo de Jesus Cristo, que, segundo a própria história, veio ao mundo para, através de sua interferência, provar pelo milagre a onipresença, a onipotência e a oniciência de Deus.

São frágeis todos os recursos humanos para tentar explicar o milagre. Mais que isso: a própria história do aparecimento do primeiro ser humano não poderia contar — mesmo em seus capítulos posteriores, através das civilizações — tudo o que é possível acontecer no imenso âmbito dêsse reinado do maravilhoso absoluto. A idéia de que os deuses mandam a moléstia e só os deuses podem tirá-la, não pertence apenas ao homem primitivo, cujo único remédio era a invocação, a súplica, o sacrifício.

As civilizações não conseguiram por mais que se tenham esforçado, apagar de tôda a imaginação a crença no mis-



FRENTE A MULTIDAO de fiéis, posta nos jardins do Hospital dos Marítimos, Padre Antônio olha firme a massa sofredora, dando, como sempre, mais atenção aos mais humildes e mais doentes





ESTA SENHORITA aguardou pacientemente a passagem do milagroso pároco pelos corredores do haspital a fim de suplicar uma bênção para sua mãe que se acha enfêrma.

terioso, que por ser exatamente misterioso pode acontecer mediante apenas certa graduação de convicção íntima, que os crentes chamam de fé e os céticos de sugestão.

A Igreja não nega a cura pelo milagre. A ciência não nega a cura pela sugestão. Ësses dois pontos de convergência para a solução do problema dor, sempre foram procurados e tôda vez que a humanidade envereda por caminhos que aqui não nos compete apreciar, surge sempre um movimento renovador da fé, da esperança, no sentido de entregar-se todo enfêrmo à suprema vontade de Deus.

Rio Casca e Urucânia foram exatamente assim. Ësses dois lugarejos no interior de Minas Gerais, até então esquecidos de todos, converteram-se na Meca dos milagres, no capitulo importantíssimo do renascimento da fé e da crença, nos postulados religiosos.

Padre Antônio fêz renascer a fé nos corações. A Igreja Católica, a família brasileira, enfim, o Brasil inteiro foi beneficiado pelo piedoso sacerdote que, interrogado sôbre a sua primeira cura, respondeu:

— "Não me recordo. Quando me ordenei fui mandado para Urucânia. O povo era muito pobre e quando adoecia não tinha dinheiro para comprar remédios. Então vieram a mim, pedir auxilio e eu lhes disse para fazer como a

Devido a sua idade e a delicada operação que sofreu o estado de Padre Antônio ainda era delicado. Por essa razão êle não póde dar senão duas bênçãos coletivas durante a sua estada no Rio de Janeiro. Estas duas fotos dá bem uma idéia da multidão beneficiada.



ESTA SENHORA de côr chama-se Maria Emília da Conceição. Foi tomar bênçãos mas não teve sorte pois as mesmas já estavam suspensas.





AS TRES IRMÃS de caridade chegaram depois da bênção. São da Casa Luiza de Marillac, situada no bairro da Tijuca. Anunciaram o seu atraso e estão esperando que Padre Antônio as atenda com uma bênção especial. Em baixo, populares que também chegaram atrasados esperam ser atendidos pelo santo sacerdote. Todavia, a direção do hospital dera ordem terminante para não deixar entrar ninguém.





RELIGIOSAS QUE JÁ tiveram a ventura de beijar a dextra de Padre Antônio comentam as virtudes do milagroso pároco. Em baixo um grupo de beneficiados, vendo-se, sentada, com uma garrafa de água benta, a compositora Sybila Barros, que já foi a Urucânia





PADRE ANTÔNIO quando caminhava no jardim do sr. Raymundo Henrique da Silva, Prefeito de Rio Cas multidão pro

Igreja manda: *use água pura, reze três Ave-Marias e cure-se você próprio*. E' isso que continuo fazendo com a proteção de Nossa Senhora das Graças."

Padre Antônio usa as palavras e os gestos da Igreja. Não são "passes" o que êle dá aos enfermos, mas únicamente a bênção que todo sacerdote concede do altar em que celebra a missa. Dono de virtudes cujo eco já atravessou as mais distantes fronteiras, Padre Antônio é constantemente procurado por sacerdotes que imediatamente ficam empolgados pelo impressionante movimento de que êle mobiliza.

★

Durante a sua estada no Hospital dos Marítimos, Rio de Janeiro, onde se submeteu a melindrosa operação cirúrgica, tendo sido salvo por Nossa Senhora das Graças (segundo depoimento do dr. Condeixa Filho, cirurgião que o operou), foi muito visitado por religiosos. Seminaristas, vigários, freiras, bispos e arcebispos lá estiveram diàriamente. O próprio Cardeal D. Jaime de Barros Câmara o visitou pessoalmente. Também pessoas gradas como o Ministro João Neves da Fontoura e o senador Melo Viana, visitaram o piedoso sacerdote.

Apesar da sua avançada idade, 72 anos, o organismo



tal rumo aos fiéis. Acompanham-no seu fiél sacristão, o enfermeiro da noite, sr. Cyro Costa. À sua chegada a peu em palmas.



O SORRISO do milagroso pároco. Isso acontece quando alguém o chama de santo. «Eu não sou santo — diz êle. Nunca fiz milagres. Quem os faz é Nossa Senhora das Graças». Em baixo a multidão ouve estarrecida as palavras do piedoso reverendo



reagiu bem. A convalescença foi satisfatória. Padre Antônio sentiu saudade de Urucânia e de sua mãe de criação, D. Maria Pinto, que já conta quase 90 anos de idade. O dr. Condeixa Filho falou ao Brigadeiro Eduardo Gomes para trazê-la. Era uma surprêsa que estava sendo preparada... Mas, tudo saiu frustrado devido a alta pressão arterial da anciã. Era preciso, pois, que Padre Antônio esperasse mais um pouco. Ademais, o dr. Condeixa receiava que, com o seu regresso a Urucânia (como é inevitável) terá lugar nova romaria. Assim, foi retendo o bondoso vigário. Na parte da manhã saia com êle passeando pelo jardim do hospital. Deixava-o, às vêzes, tomando sol das 8 às 10 horas. A notícia começou a circular. Os fiéis foram chegando. Hoje uma bênção para um, amanhã para outro. Finalmente, houve o primeiro milagre de Padre Antônio no Rio. A sra. Ascendina de Oliveira Gomes, enfêrma do Hospital dos Marítimos, sofria de um câncer no útero. Ia ser operada. Mas, segundo ela mesma nos relatou, não havia muita esperança. Estava tão mal que não podia erguer-se do leito. O seu marido, sr. Nilson Xavier Gomes, carregou-a nos braços e mostrou-lhe, de longe, o milagroso Padre de Urucânia. A senhora, que já havia se desiludido de sua cura, reanimou-se com a figura do piedoso sacerdote, que fêz re-

(*Cont. na pág.* 45)



PARA SUAS VIAGENS A **CAMPINAS** PREFIRAM SEMPRE OS CONFORTÁVEIS AVIÕES "DOUGLAS" DO CONSÓRCIO "NACIONAL" DE TRANSPORTES AÉREOS.

Agência de Passagens
Rua Stª. Luzia, 685-B -- Fones 32.3799 e 32.6119

Agência de Carga
Av. Beira Mar, 514 — Fones 32-9455 e 42-9850



A TRISTE HISTÓRIA DE BONIFACIO PRAXEDES

Novela de **JAMIL SANTOS**

> **«Paris, ao verão, é uma estância encantadora para os que se divertem; mas, se por acaso pertenceis ao Paris que trabalha, o caso é diferente».**
> (Axel Munthe, «O Livro de San Michele».

— Não há dúvida: irei para o Rio!

Era o seu grande sonho, a sua maior ambição: abandonar o meio odioso da pequena cidade em que vivia, onde a mesmice de todos os dias azedava-lhe a alma, e mudar-se para a grande Metrópole, integrar-se no "brouhaha" alucinante de suas ruas, beber chope nos bares da Praça Mauá, apreciando as bebedeiras engraçadas dos marujos estrangeiros, frequentar os teatros, os cinemas, as *boites* elegantes, gritar nos campos de futebol, enfim, cheirar, apalpar, sentir o Rio com todo o seu cortejo de maravilhas e esplendores. Assim lhe pintavam a Cidade Maravilhosa aqueles que a conheciam e tal era o gosto com que bebia as palavras dêsses afortunados, que ás vezes a fantasia se infiltrava na palestra e o Rio assumia, aos olhos do provinciano, as proporções de uma terra de lenda e de sonho.

Uma vez na Capital, tentaria o rádio. Ser-lhe-ia facil vencer no meio radiofônico; sentia uma necessidade absoluta, incoercivel de dar vasas ao seu talento artístico, manifestado desde a infância, quando o seu fiozinho de voz trêmula constituia o enlevo dos pais e o encanto das visitas. Faltavam-lhe, é bem verdade, os necessários conhecimentos da divina arte, pois a morte repentina do progenitor torcera-lhe, a carreira, fazendo-o abandonar a aula de piano que mal havia iniciado com a velha D. Marocas. Em compensação sobrava-lhe a bossa, que era coisa essencial no Rádio. Ah! Compor músicas, gravar discos que levariam no rotulo o "seu" nome, viver da arte, conhecido e admirado por todos, tamborilar uma inspiração súbita nas mêsas do Café dos Artistas... Embebia-se dessas idéias de felicidade facil, gozada à luz forte da Civilização, bem instalado num hotel razoavel, longe, bem longe daquelas cenas miúdas e rotineiras de sua cidadezinha — e já agora ninguem o demovia do seu grande desejo.

Se alguem lhe ponderasse que o Rio é, para o pobre, uma cidade absorvente e rude, onde o infeliz mal se arranja com as necessidades diárias; se lhe dissessem dos operários que moram em subúrbios longínquos e que saem para o trabalho ás primeiras horas da manhã, só regressando à noite, esfalfados da dura diária, para descansar os ossos apenas por algumas horas; se lhe fizessem vêr, por fim, que seria paradoxal alguem viver de música, sendo inteiramente cego diante de uma partitura, aí o homenzinho crescia em protestos, exasperava-se, apresentava argumentos, e justamente nessa noite, no botequim do João Turco, numa roda de amigos, êle afirmava pela milésima vez:

— Não há dúvida" irei para o Rio! Vocês não tenham duvida: qualquer dia partirei ! Isto aqui não dá futuro a ninguem e os que têm algum mérito, ou vêm jogar sinuca no botequim do João Turco, e beber parati, ou vão para os lençois ás sete da noite! O Rio é o meu lugar. Sei de muita gente que vive de música sem conhecer uma única nota musical e que paga bem caro a quem lhe escreve as partituras. Eu farei o mesmo, ora bolas!

Chamava-se Praxedes. Bonifacio Praxedes. O Rio era para êle uma necessidade vital e justamente por isso ninguem se surpreendeu quando, por uma brusca manhã de agosto, quando a estação está brincando de mal-me-quer com as folhas das árvores, êle abalava para a Cidade Maravilhosa, a cabeça boiando em sonhos e no bolso uma carta de apresentação "para maior de espadas".

Ficara deslumbrado com a Capital. As ruas apinhadas duma gente sempre apressada, os pregões, o barulho incômodo dos bondes, os automóveis chiando, rápidos, no asfalto, as filas para os ônibus, para a carne, a vista do mar, tudo isso o deliciava de forma singular. Assim, na contemplação de tudo quanto faz do Rio a cidade mais encantadora do mundo, Praxedes passou o seu primeiro mês de Capital. Mas, tendo já na memória uma composição para o Carnaval vindouro, um sambinha a que intitulara "Sai do meu cordão!", tratou de frequentar o Café dos Artistas, em busca de relações. Foi feliz. Logo no primeiro dia, por um dêsses acasos ditosos, ficou conhecendo um homem pálido, de face chupada, o palitó preto muito surrado e curto como um antigo gibão português. Era o João Pastinha, como o chamavam nas rodas boêmias, e gabava-se de conhecer todos os escaninhos da vida artística do Rio. Como perfeito musicista, vivia dos parcos proventos de copista e orquestrador. Era, pois, o homem ideal para Praxedes. O copista acenara-lhe logo com a vitória facil, prometera uma entrevista com o maestro Gonçalves, o grande maestro Gonçalves, e, em breve, o "seu amigo Praxedes estaria de dentro, na panelinha!" Era apenas questão de jeito. No entanto, pedia-lhe para solfejar ali mesmo a sua composição carnavalesca, "só para conhecer-lhe a força", e o Praxedes, já voando nas asas da glória, depois de trautear uma introdução fogosa, cantou com entusiasmo a letra da música, cujo estribilho dizia:



Você é minha sombra!
Sai, sai do meu cordão!
Se desobedecer,
eu chamo a R. P.!
Você não serve, não!

Pastinha gostara imensamente, e depois de ouvir três, cinco vêzes a melodia, pediu ao Praxedes para lhe ceder a letra, pois estava seguro de que o maestro Gonçalves iria gostar muito. Sairam juntos pela Avenida, até à esquina da rua do Ouvidor, onde o musicista, já íntimo, se despediu:

— Até amanhã! Não te esqueças, hein! Na Rádio Cosmos, ás 2 horas! O sambinha está p'ra cabeça! Então, aquele estribilho, tra la la la, é de sucesso, homem! E' de abafar!

E, já longe:

— Eu falo lá ao maestro Gonçalves!

Praxedes ficara ali, pateta, plantado à esquina, olhando vagamente para dentro duma vitrina, todo alheio ao borborinho da rua, com o pensamento voltado unicamente para aquele encontro feliz do Café dos Artistas. Via-se já famoso, discutido. O homem pálido prometera-lhe a glória e êle já a sentia ali como uma coisa inevitavel. Aquela frase "eu falo lá ao maestro Gonçalves", uma das maiores figuras da radiofonia brasileira, ficara-lhe cantando dentro dos ouvidos com a sedução de mil sereias. Saiu caminhando ao sabor dêsses pensamentos deliciosos até quando, ao dar por si, encontrava-se debruçado à balaustrada da praia das Virtudes onde, sôbre as largas pedras do quebra-mar, alguns garotos se divertiam na colheita de mariscos.

Foi, pois, com o coração aos pulos que êle, no dia seguinte, à hora aprazada, tomava o elevador da Cosmos. Mas o Pastinha não estava. Esperou até ás quatro. Nada. Foi como que um pedacinho de gêlo no seu entusiasmo. Desceu e rumou para o Café dos Artistas, onde esperou pelo amigo da véspera até tarde da noite. Regressou, amuado, à pensão e meteu-se com os seus pensamentos. Havia de vencer! O musicista, um homem tão simpático e distinto, não podia faltar à palavra. Contudo, estava resolvido: esperaria mais alguns dias, e se o Pastinha não aparecesse, êle próprio falaria ao maestro Gonçalves, ou a quem quer que fôsse. O seu dinheiro era pouco a precisava agir o quanto antes.

Mas, no dia imediato, e nos que se seguiram até janeiro. Praxedes os levou a frequentar as mesas do Café, onde ficava horas esquecidas a desenhar nomes vagos no cartão do chope, à espera da "sua grande oportunidade" e a maldizer a ingratidão "do carioca". Um dia, porém, vencendo a timidez, Praxedes resolveu interrogar o moço que o servia:

— Por favor, amigo. O senhor conhece, por acaso, o João Pastinha?

— O João Pastinha? espantou-se o "grançon". — Se o conheço? Conheço-o de mais! E' um pilantra, um safardana!

— Mas... êle não tem aparecido por cá?

— Aparecido? Se êle vier por aqui, parto-lhe a cara! Isso é o que faço: parto-lhe a cara! Deve-me dinheiro, deve dinheiro a todo mundo. Um safardana!

Uma sensação de abandono invadiu a alma de Praxedes. Sim, senhor! O seu primeiro contacto fôra com um pilantra, um safardana! Agradeceu ao moço e, ao deixar sôbre a mesa a gorgeta, assaltou-lhe um pensamento terrivel: o seu dinheiro evaporava-se e já mal podia pagar o mês da pensão! Ocorreram-lhe, então, os conselhos que lhe davam: "Não vá. O Rio é uma cidade rude para o pobre!" Pois ali estava êle, só e desamparado, sem dinheiro e sem amigos, apesar do seu talento e da sua bossa!

Lembrou-se, de repente, da carta de empenho que trouxera. Podia ser a salvação, quem sabe? Era para um ex-parlamentar. Esquadrinhou os bolsos. Lá estava ela: "Exmo. Sr. Dr. Policarpo Viegas, Rua Taylor, n.º... — Rio de Janeiro". Abalou, a pé, até ao endereço e viu-se diante duma bonita residência, plantada na ruazinha sossegada que contorna graciosamente a colina de Santa Tereza. Abriu timidamente o portão de ferro e subiu os degrau de mármore que levavam ao largo alpendre onde floriam trepadeiras e vasos. O Dr. Viegas era um velhinho afavel, acolhedor, vendendo ainda uns restos de amabilidades políticas. Recebeu o visitante, de pé, no alpendre, e após a lentura da carta, convidou-o a sentar-se. Praxedes, então, vencendo todo o seu acanhamento, pormenorizou sua triste história, desde o dia em que chegara ao Rio àquele momento. O ex-parlamentar, franzindo os sobrolhos, disse, afinal:

— Infelizmente, meu amigo, nada posso fazer. Vivo aqui afastado de qualquer convívio, recolhi-me definitivamente, não saio nem para o barbeiro. Vivo com os meus cães e os meus pássaros. A carta é de um grande amigo e lamento sinceramente êsse embaraço.

Fez um breve silêncio e um gesto, dizendo:

— Espere-me um pouco.

Retirou-se para o interior da casa, de onde voltou trazendo um envelope que estendeu a Praxedes, dizendo-lhe:

— Veja se isso lhe pode ser útil. Lamento sinceramente o embaraço. Muito gosto em conhecê-lo...

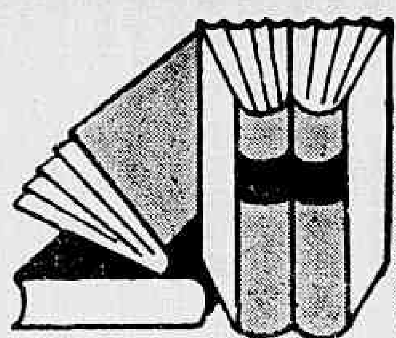
Cá fóra o sol resplandecia. Apesar do calor sufocante, o Rio apresenta nos primeiros meses do ano aspecto acolhedor, alegre, sociavel. Tôda a cidade vibra num entusiasmo contagiante e cheio de risos. E' que se aproxima o Carnaval, êsses três dias alucinantes que no relógio do folião são apenas três minutos rapidíssimos. As batalhas de confetti, o desfile dos blocos, os banhos de mar a fantasia que precedem o tríduo famoso têm o condão de animar as almas e aguçar desejos...

Praxedes mal acabava de descer a Rua Taylor e ganhara já a Rua da Lapa quando avista o Pastinha, que ia no mesmo sentido, do lado oposto, mais pálido e muito encurvado dentro do seu palitó surrado. Tentou gritar-lhe, mas justamente no momento passavam os carros dos bombeiros e as *sirenes* ensurdeciam os ares. O musicista continuou o seu caminho e Praxedes viu-o mergulhar, pouco adiante, pela Conde Lage. Procurou-o, depois, batendo vários quarteirões, mas o homenzinho desaparecera como por encanto naquele labirinto de ruas estreitas que o Praxedes mal conhecia.

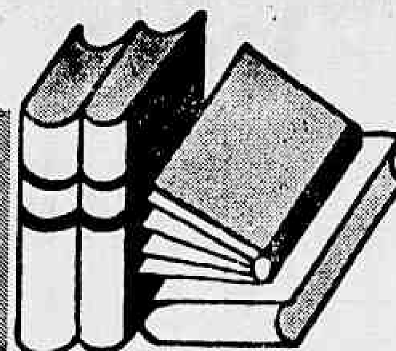
Foi então que resolveu abrir o envelope que lhe entregara o Dr. Viegas. Dentro, dobrada com cuidado sôbre um cartão de visitas, estava uma cédula de duzentos cruzeiros! Uma humilhação profunda deitou-lhe ligeira mancha nas faces lívidas. Teve desejo de voltar e devolver, com dignidade, o dinheiro, mas a perspectiva do regresso fê-lo calmar-se. Seguiu para o Largo da Lapa e entrou num bar. Queria beber para esquecer. E' que, humilhado e abandonado na grande cidade, poderia xingar ali, mentalmente, tôda a corja dos Pastinhas que o repudiara, justamente a êle que tinha talento e tentara em vão penetrar naquele ambiente que constituira durante algum tempo o seu grande sonho; a êle, que gastara todo a sua economia em busca dum

Ilustração de **ORLANDO MATTOS**

(Continua na pág. 44)



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

Album de família



Robert Graves

ROBERT GRAVES, poeta e romancista, é um dos grandes nomes da literatura inglêsa. Várias vêzes laureado por sua obra, aos trinta-e-três anos escreveu uma autobiografia, voltando-se para os assuntos históricos, do gênero de seu famoso romance "I, Claudius", e "Count Belisarius". Depois, publicou o discutido retrato de Milton, que tem como título "Wife to Mr. Milton". Continuou, durante o tempo que escrevia sua obra em prosa, a fazer versos e acaba de ser publicada uma nova edição aumentada de seus "Collected Poems". Sua obra mais recente, depois de "King Jesus" e de "Seven Days in New Crete" é "Occupation: Writer". Trata-se de uma micelânea em que se encontram ensaios, contos, peças de teatro e vários outros artigos.

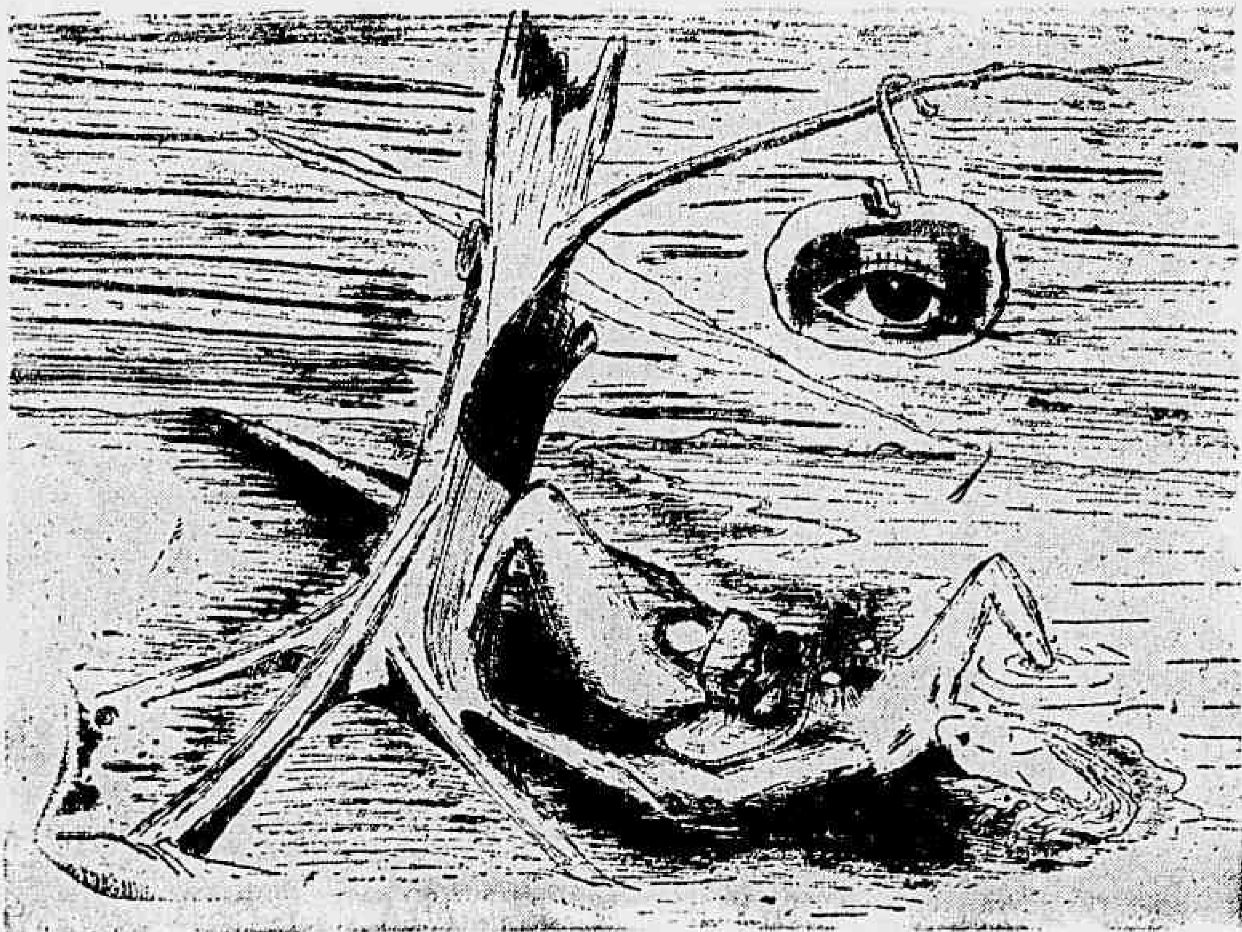
NA POEIRA DOS ARQUIVOS

(JOTAGÊ)

Em edição popular Garnier (em 1910) do "Teatro" de Antônio José, O Judeu, acentua, no prefácio, João Ribeiro, não ser pequeno o registro das obras que êle escreveu, ou se lhe atribuem. "Algumas jamais foram publicadas e delas apenas se conhecem os títulos e ainda assim duvidosamente". O tema não tentará nossos estudiosos de problemas literários? ★ E' na apresentação das "Cartas de Inglaterra" que o imenso Rui Barbosa, após falar em nossa Marinha de Guerra, declara: "Saldanha da Gama, o herói dos heróis, o seu reorganizador possível, o homem mais completo e o caráter mais extraordinário que já conheci nesta terra"... (Página IX, edição de 1896). ★ Algumas frases de Euclides da Cunha em seu livro "Os Sertões", obra que é uma espécie de enciclopédia da terra e da gente do Brasil... "...onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina". "Desenterram-se as montanhas". "Em roda uma elipse majestosa de montanhas...". "Escasseiam-nos as observações mais comuns, mercê da proverbial indiferença com que nos volvemos às coisas desta terra, com uma inércia cômoda de mendigos fartos". "...a natureza silenciosa, em cujo seio se abate, imóvel, na quietude dum longo espasmo, a gargalhada sem fôlhas da flora sucumbida". "Nem um verme — o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria — lhe maculara os tecidos". "A natureza não cria normalmente os desertos. Combate-os, repulsa-os". "Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos". "A denominação — *teimosa* — dada à cachaça, é duma filosofia adorável. Nada diz melhor a atração que ela exerce sôbre aquêles valentes e o desejo nunca realizado, que êles têm, de evitá-la". ★ Em nota a uma transcrição da "Iracema", diz Afrânio Peixoto, no "Panorama da Literatura Brasileira", o seguinte: "Iracema é anagrama de América, descobri. Seria intenção, de José de Alencar? Então, interpreto, será o símbolo das núpcias da Terra virgem e do Colono civilizador". De fato, a interpretação é bonita, mas... os filólogos desmentem, sem meios têrmos, os que asseguram sentido anagramático no caso. Afirma, por exemplo, em apostila à recente edição da "Antologia Nacional", Daltro Santos: "Iracema, voz tupi (*irá*, mel + *acéma*, fluxo, saída), significa *mel que corre, melíflua*; por mera coincidência é o anagrama de *América*". Aliás, Máximino Maciel procurou, inùtilmente embora, a intencionalidade do anagrama. O que importa é lembrar o artigo de Machado de Assis no "Diário do Rio de Janeiro", de 29 de janeiro de 1866, a respeito de "Iracema". Assim termina: "...o futuro chamar-lhe-á obra-prima". ★ Pero Vaz de Caminha, que antes de haver a reportagem foi o primeiro repórter do Brasil, era escrivão da feitoria de Calicu, e não da frota de Cabral. A sua célebre carta, que afinal é a certidão de nascimento de nossa terra, tem a data de primeiro de maio de 1500, sexta-feira. ★ Nem todos têm notado êste fato: a Guerra do Paraguai quase não deu motivo ao aparecimento de obras literárias. Talvez se possa atribuir tal indiferença a uma verdade bem desagradável: a Guerra do Paraguai foi impopularíssima... ★ Continua inédita, esquecida e abandonada a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, o extraordinário "Humboldt brasileiro"! E se o Instituto Nacional do Livro tratasse do assunto... entregando-o, não a um dos modernistas, sempre em suas graças, mas a intelectual culto?

Poema dos olhos dissolutos

Para EDMUNDO LYS



CARLOS VOLKER Ilustrou

"É evidente o mito: Semele, a Terra, é fecundada por Zeus, o Céu." — João Barreira (A Arte Grega)

FRUTOS OU POMOS, MEUS OLHOS FICARAM
NO GALHO IMPÚBERE,
APENAS PARA, DO CIMO PROPÍCIO, MIRAR TEU CORPO
FEITO DE JADE E DE JEJUNS.

O ÁZIMO DO TEU SEIO E O DÍZIMO DO TEU VENTRE,
COMO SERIAM, VISTO DO ALTO?

PROCUREI MEUS OLHOS PARA SABÊ-LO...

MAS, PORQUE FICASTE, ENTRE ESMERALDAS,
AMACIANDO A RELVA E UNGINDO AS FLORES,
MEUS OLHOS NO CHÃO FUI ENCONTRÁ-LOS.

COMUNGANDO O ÁZIMO DO TEU SEIO,
ESMOLANDO O DÍZIMO DE TEU VENTRE.

ALVARO BRUNO

Fora do Prelo

MÚSICA E MÚSICOS DO BRASIL - Luiz Heitor - Casa do Estudante - Rio

Diante dêste volume de mais de quatrocentas páginas, publicado pela editôra da Casa do Estudante, constatamos, como já se fez, como é pequena a divulgação de livros sôbre música, no Brasil. Esta obra, das mais completas que conhecemos, sôbre o assunto, trata da evolução da música brasileira e, ao mesmo tempo, estuda grande cópia de compositores e instrumentistas, chegando à maior atualidade, como se vê nos capítulos dedicados a Luiz Cosme e a Koellreutter. O livro de Luiz Heitor é muito bem escrito, destinando-se a preencher grande claro em nossa bibliotéca musical.

★

ZEQUINHA DE ABREU — Luiz Schiliró e M. Ayres da Cruz — São Paulo

O compositor do famoso chorinho «Tico-Tico no fubá» está sendo glorificado muito justamente, dado o seu sucesso póstumo, cada vez maior, depois que aquela sua página, de tanta originalidade e tanto sabor, passou ao repertório mundial, com êxito permanente. Eis que uma produtora cinematográfica cuida de realizar um filme sôbre sua vida e que se realiza em São Paulo: uma «Semana Zequinha de Abreu». Agora, nas livrarias, surge êste livro, onde a vida do compositor é contada ao público, na sua simplicidade e na sua pobreza, redoirada pelo amor da música e pela vocação irresistivel.

Neste livro, encontramos informações fidedignas sôbre José Maria de Abreu e seu destino de músico, vivendo em uma cidade do interior e, depois, atraido pela cidade grande, vindo dar a São Paulo, onde a sorte não lhe sorriu também. Sentimos, nesta biografia — infelizmente menos trabalhada, escrita como simples reportagem e, não raro, mal escrita, o destino tantas vêzes encontrado na história da música, dos talentos fatalizados à miséria, cuja glória, como aquela falada em Gonzaga — será fria, porque já virá tarde. O êxito póstumo da música de Zequinha de Abreu, justifica bastante o movimento de recordação de que tem sido objeto, tanto é certo que êle se situa entre os nossos mais puros e significativos compositores populares.

★

TRABALHO POR EQUIPE NA VIDA BANCÁRIA — Gabriel Côrte Real — Livraria Clássica Brasileira - Rio.

O autor, um especialista da vida bancária, trata, neste livro, de apresentar uma contribuição à melhor harmonização dos trabalhos nas casas de crédito. Seus esforços, como se vê da leitura da obra, foram coroados de êxito, pois aqui encontramos, em linguagem clara, um roteiro técnico para o melhor rendimento do trabalho na especialidade. Obra de sentido eminentemente prático, é como devemos aceitar o livro, destinado aos profissionais, bancários ou não, que têm interesses ligados aos bancos, às suas atividades, carecendo penetrar a complexidade do trabalho que tantas facilidades criou à vida moderna, dando maior dinamismo às operações financeiras. Iniciativa oroginal e necessária, êste livro naturalmente se tornará um auxiliar de valor invulgar para quantos dirigem ou são dirigidos no trabalho bancário. Sôbre a oportunidade e o merecimento do autor, um «expert» do assunto que conhece através de longa experiência já se pronunciaram muitas de nossas maiores autoridades, consagrando o livro.

PIUM - Eli Brasiliense - Bôlsa de Publicações «Hugo de Carvalho Ramos — Goiânia.

Romance e romance regional, «Pium» é livro de escritor moço que sente a paisagem e o seu mundo típico um pouco asfixiadoramente. Mas, Eli Brasiliense não se deixa prender a êsse regionalismo apenas de colorido. Diremos que herdou a lição admirável de Hugo de Carvalho Ramos e que fugiu ao simples critério de côr e pitoresco, por um sentimento profundo de solidariedade e de entendimento com o homem e a terra. No seu livro, encontramos, assim, por sob êsse manto de pitoresco, a vida de heróis que nos tocam e nos intrigam, vindo para o nosso lado, lanceados de suas misérias, para fazer-nos participar dos seus dramas. Êsse drama está evidentemente em função do meio, mas nos atinge porque nos revela uma humanidade quase ignorada em nosso país. Essa é, aliás uma justificativa geográfica para o nosso regionalismo, sua missão reveladora, contribuição de insuspeito valor ao nosso próprio conhecimento.

Escrito em estilo adextrado, em linguagem corrente, simples e agradavel.



«Pium» se coloca entre as obras mais significativas do moderno romance nacional.

★

VERDADES E CONCEITOS — Ulysses Trajano - Pongetti - Rio

O livro não tem como objetivo apenas comunicar idéias e conceitos do autor. Pelo contrário, Ulysses Trajano se confessa um moralista e um combativo, querendo que sua obra a missão de «auxiliar à profilaxia empregada contra certa camada de lixo humano que por aí vive perambulando».

Realmente o livro, à parte o que às vêzes tem o dissabor dos ressentimentos, serve bastante ao seu objetivo. Encontramos nestas reflexões verdades contundentes, conceitos inspirados pelas atitudes que de comum assumem os homens, neste mundo cada vez mais cínico em que vivemos. A leitura de «Verdades e Conceitos» é amarga, com certeza. Mais amarga, porque, cada um de nós encontra, nas suas reflexões, casos próprios que se ajustam perfeitamente dentro delas. Vemos, por exemplo, o capítulo destinado ao comentário da ingratidão. Ali se fala, com realismo, dêsses sêres abjetos, incapazes de um reconhecimento pelo bem que recebem. Os bons, os generosos conhecemos muito. Todos nós temos em nossa galeria de abjeções humanas, dois ou três retratos dêsses miseráveis a que um dia matamos a fome e que, uma vez repastados, se voltam contra nos, como se a sua miséria pudesse sequer nos atingir. Temos, na nossa, um tipo assim, o mais perfeito exemplar da sordidez que conhecemos. Magro, soturno, adunco como uma caricatura do Eça, êsse indivíduo nos o catamos na sargeta como a um cão sarnento, penalisados com a sua sujeira. Depois de raspado da sarna, nutrido e dirigido, êle teve e tem tido, na sua abjeção, na toca em que se enfurna, o cuidado de sistematicamente meter-nos os dentes pôdres e infectos. Mas, não relembremos subhomens como êsse. Deixemô-lo à própria sordidez: o peor castigo que êsses gafentos sofrem é o de não poder jamais pagar-nos com um ato digno o bem que lhes fizemos.

O livro de Ulysses Trajano é uma boa leitura, mas nos traz uma certa melancolia, pelo fato de ser constituido de lições que a vida ensinou. Obra útil, pelo seu sentido moral, ninguém perderá em manuseá-la, antes todos lucrarão neste texto em que podemos aprender como o mundo é mau e como poderá melhorar, por uma vida sã, por uma conduta honesta, apenas honesta.

★

OUTROS LIVROS

O romance de crítica médico - social tem sido muito pouco explorado em nossas letras, embora a deficiência dos serviços públicos hospitalares e a tragédia dos que a êles são impelidos pela escassez de recursos, constituam tema dos mais sedutores.

Faltaria ao escritor comum o conhecimento profissional que permite cobrir a dupla face do problema aliado a beleza da narrativa a necessária exatidão científica. E só um médico-escritor corajoso pode enfrentar a reação provocada pela sua crítica, principalmente quando esta dirige-se a uma equipe de colegas que trabalham num ambiente carregado de ambições, mesquinharias burocráticas e deficiências materiais de tôda sorte. Terá fatalmente de trazer à cena heróis, céticos e cínicos.

Lidia Mouserrat já nos havia demonstrado sua capacidade para o gênero, quando se apresentou com o belo romance «Tire a máscara, doutor!» para uma estrea espetacular. A profundidade construtiva de sua crítica, ao fixar o âmbito de um dos nossos grandes centros cirúrgicos, impressionou favoràvelmente a médicos e leigos. E apesar dos pseudônimos com que procurou ocultar a identidade de certas personagens, foram elas prontamente reconhecidas pelos frequentadores daquelas salas de operações.

«E o diploma, doutor» é complemento natural do primeiro romance. A autora volta a emprestar à simbólica dra. Lina sua própria sensibilidade, deixando-a viver entre os médicos e doentes do Hospital Gentevil. Põe-nos em contato com outras personagens interessantes, vivas, muito conhecidas pelas suas virtudes e defeitos. E lá está a jovem médica, sempre preocupada com a moral do doente, nem sempre tratado com acêrto clínico ou psicológico.

Lidia Mouserrat demonstra mais uma vez suas grandes qualidades de romancista, dotada de espirito critico admiravel e finalidades humanas no gênero. Sabe fazer justiça ao médico que revela cômpetência profissional, trato humano com os pacientes e inteireza moral frente às maquinações sórdidas da burocracia.

Há nas páginas dêste romance uma trama amorosa delicada, apenas esboçada, quase inconsequente; mas tem o efeito admirável de espargir um pouco de poesia sôbre o realismo de seus quadros.

NOX

SEBASTIÃO NORONHA

Quando, à noite, sòzinho, fico atento
Ao silêncio genésico que escuto,
Muitas vêzes me aflijo e me ator-
[mento
Sem saber por que tudo está de luto.

Vago, irreal, como um pressenti-
[mento,
Sinto o esfôrço vital, latente e
[bruto:
Vêm suspiros, lá vão na voz do
[vento:
Em cada espasmo e dor gera-se um
[fruto.

Hora excelsa em que, humílimo e
[cativo,
Sinto que tudo vive como eu vivo
— Por sôbre os astros como sob as
[loisas;

Hora em que chego a ouvir, num
[susto, e aflito
— Vindo das sombras fundas do
[infinito —
O conselho sacrilego das coisas...

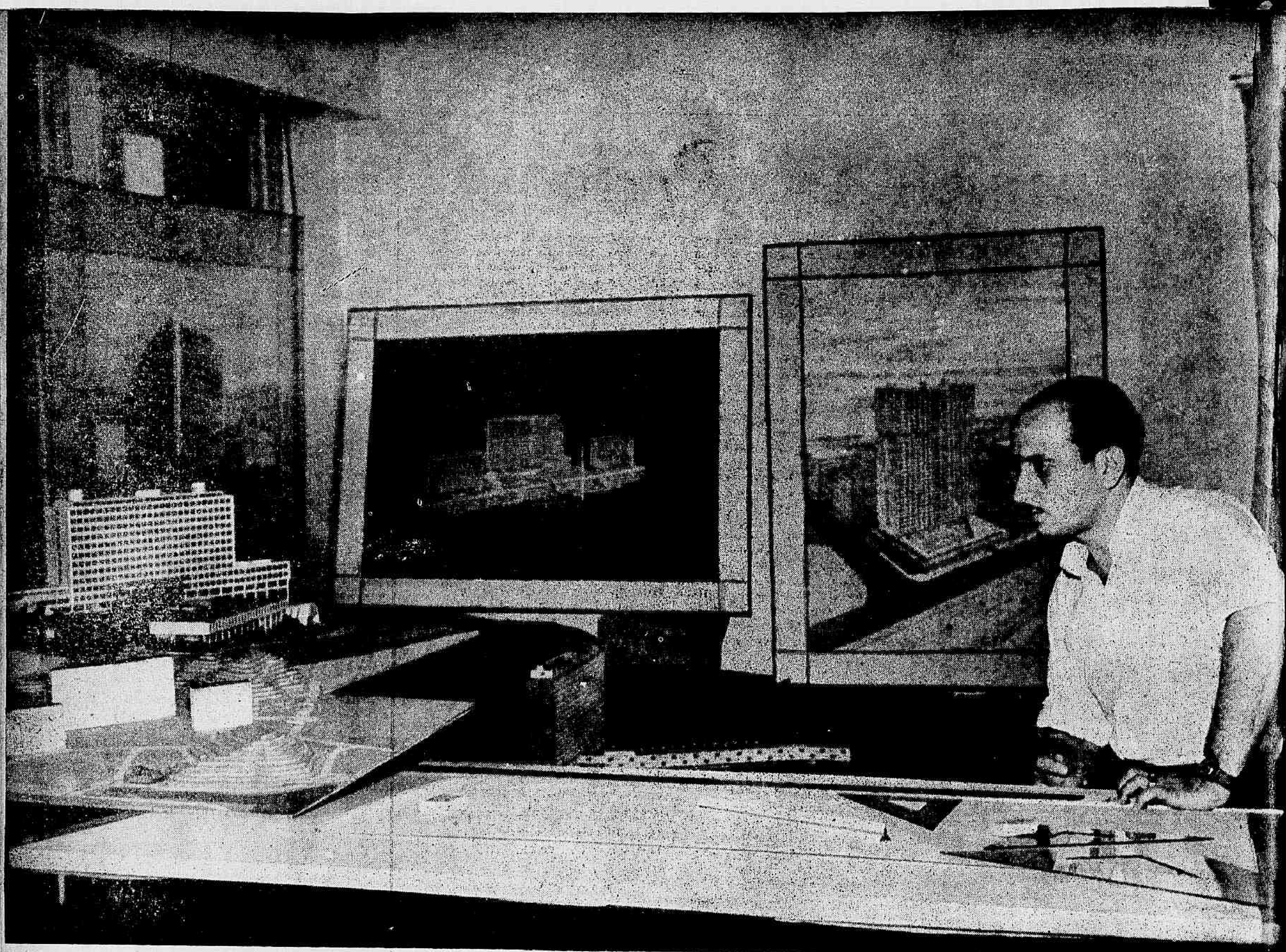
"ARTE E LITERATURA"

ACHA-SE em circulação o número de março de "Arte e Literatura", suplemento da "Tribuna de Petrópolis", que obedece à direção do dr. Guilherme Áuler, apresentando o seguinte sumário: — "André Gide, na sua vida e nas suas obras", por Mesquita Pimentel; "Cariamd", por Mário Ipiranga Monteiro; "Os Marqueses de Maricá", por Rui Vieira da Cunha; "As Artes em Pernambuco", por José Campelo; "O único filho de Fradique Mendes", por Luís da Câmara Cascudo; "Um amigo caminha ao nosso lado", por Nilo Pereira; "Os primeiros proprietários em Petrópolis" (III); "Acréscimos e retificações ao "Arquivo Nobiliárquico" (II, pelo Cel. Laurênio Lago; "Meca dos estudiosos da História do Brasil", por Guilherme Áuler; "Vicente Rodrigues Palha", por Afonso Costa; "O chôro do gado", por M. Rodrigues de Melo; "Em Pethiem de Judá", por Jaime dos Guimarães Wanderley; "Poesias", de Mauro Mota.

O LIVRO ILUSTRADO



Ilustração de Ludwig Belmemans, para o seu livro «Sunshine», história para crianças, gênero «nonsensical», escrita em versos. Segundo a crítica, os desenhos são melhores do que o texto.



EM SEU ATELIER de trabalho, vemos o arquiteto João Khair, rodeado de seus principais projetos. Representa êle, sem dúvida, o que de melhor pode apresentar o Brasil em arquitetura contemporânea.

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

EXPRESSÃO DE UMA ESCOLA FAMOSA NO MUNDO INTEIRO ★ EVOLUÇÃO DA CIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS E AS NECESSIDADES DA SOCIEDADE ATUAL ★ ARQUITETOS ESTRANGEIROS E BRASILEIROS ★ PERSONALIDADE E OBRA DE JOÃO KHAIR.

Texto de SABINO CANALINI

QUANDO escrevemos a reportagem sôbre a vida do Tijuca Tênis Clube, fazendo referências ao projeto do que será a nova sede daquela agremiação, de autoria do arquiteto João Khair, apontamos como idealizador do estilo moderno o suíço Le Corbusier, e o introdutor no Brasil o brasileiro Niemeyr. Essa nossa declaração foi contestada e motivou a presente reportagem. Após ouvir a opinião de vários entendidos no assunto, achamos oportuno entrevistar o arquiteto Nestor Figueiredo, presidente do Instituto Brasileiro de Arquitetura. Chegando à conclusão de que a arquitetura contemporânea é um movimento que deve sua existência ao trabalho de muitos e que está vencendo como idéia de conjunto, pedimos que, pelo menos nos fôssem indicados os nomes de seus primeiros e reais propulsores.

— A humanidade procurou sempre criar uma arquitetura que correspondesse aos anseios do momento em que estava vivendo, assim começou o sr. Nestor Figueiredo. Para o movimento contemporâneo podem ser apontados, como propulsores, o americano Wright, o francês Auguste Perret e o suíço Le Corbusier. O americano deu as bases de um melhor aproveitamento do concreto armado, com suas reais possibilidades. O francês concebeu a "villetour", isto é, a reunião de tôdas as partes essenciais de uma cidade em edifícios altos e esguios, tipo arranha-céu. O suíço ampliou e difundiu essa tese criando a "ville radieuse", em que estudou todos os detalhes de uma completa cidade moderna.

— Quanto a Le Corbusier, é justificada ou não a fama que êle goza, inclusive no meio dos leigos em arquitetura? — perguntamos.



AO LADO do arquiteto João Khair, o sr. Nestor Figueiredo, presidente do Instituto Brasileiro de Arquitetos.

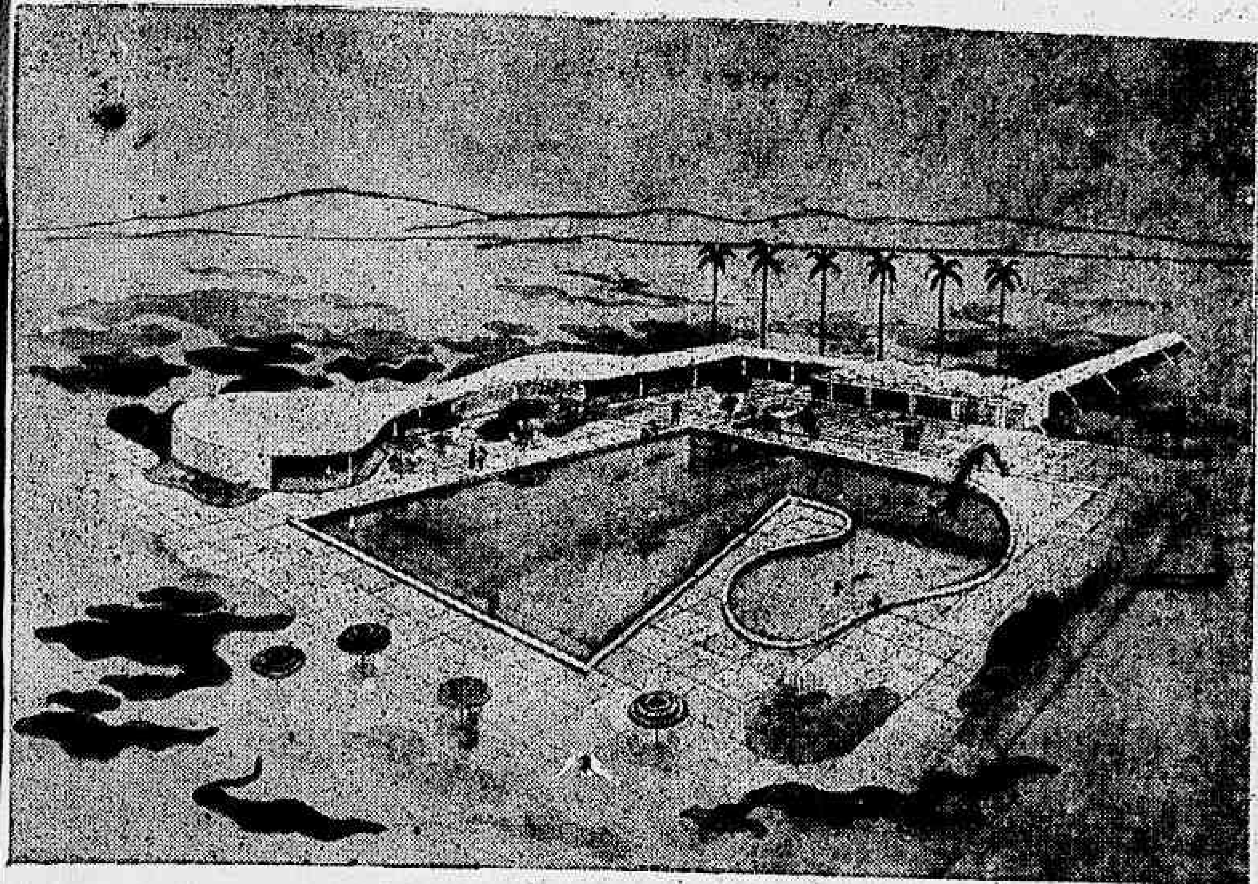
— E' plenamente justificada, pois Le Corbusier é considerado o filósofo da arquitetura contemporânea, sendo também o maior polemista e divulgador da mesma. Após estudar meticulosamente a evolução da cidade através dos tempos, chegou à conclusão de que ela deve existir ùnicamente em benefício do homem, permitindo-lhe habitar, divertir-se, trabalhar e transportar-se sem sacrifícios. E' êle o autor da tese quase absurda sôbre o aproveitamento nos edifícios de 100% da área ocupada. Isso é conseguido levantando-se edifícios sôbre colunas livres no térreo, de modo a não impedir a circulação ao nível das ruas, o que lhes daria um aproveitamento de 100% da área, mais os 10% do terraço ajardinado que êle constrói no teto.

— E no Brasil quais os arquitetos que devem ser considerados como divulgadores dêsse estilo contemporâneo?

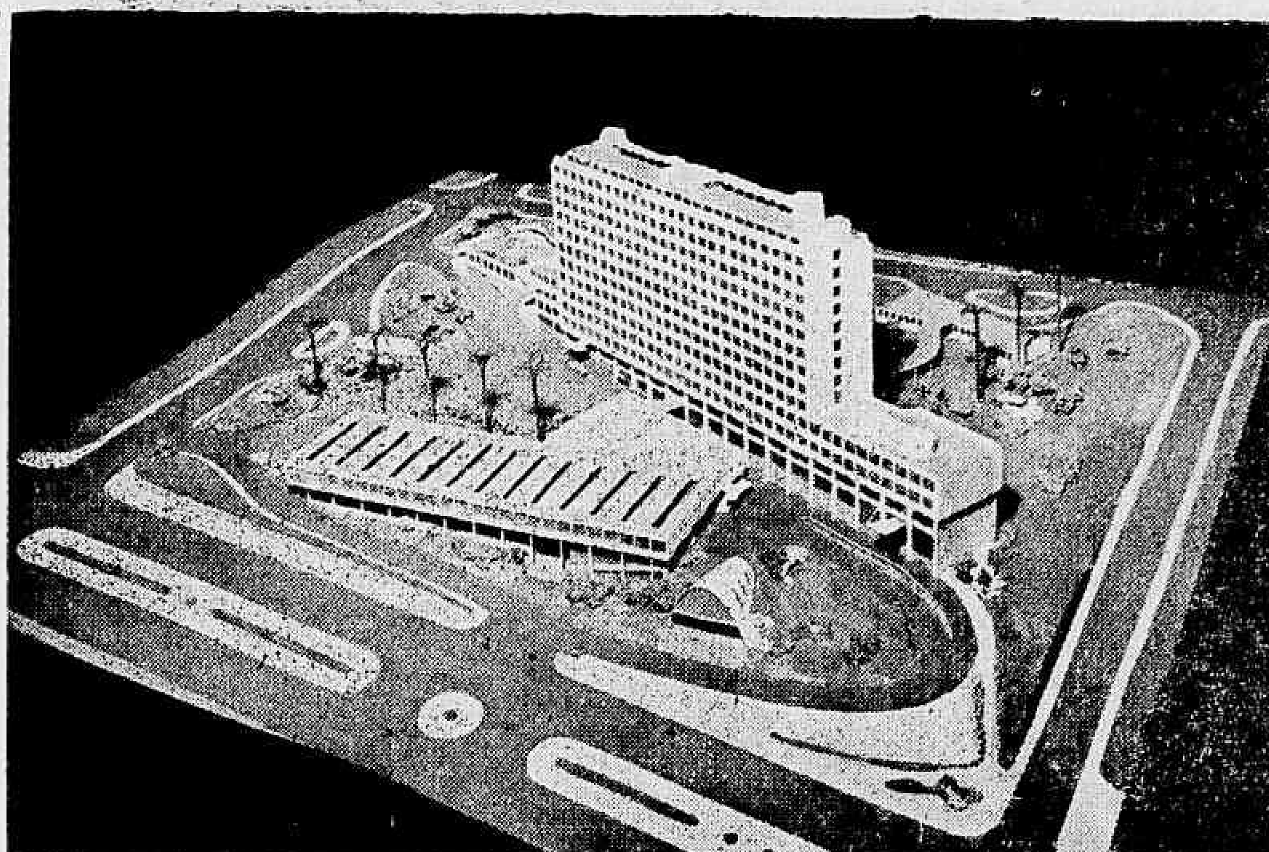
— Vem em primeiro lugar Atílio Corrêia de Lima, que projetou a estação de hidros da Panair. Depois os irmãos Roberto, com o edifício da A.B.I. e com a atual sede do aeroporto Santos Dumont. E mais F. F. Saldanha, Lúcio Costa, Reader, Paulo Camargo de Almeida e Niemeyer, sem dúvida um nome dos mais divulgados. Há outros, cuja omissão não deve ser tomada como descaso, e sim como lembrança de momento.

— Sôbre a nova geração, quais os nomes que se destacam?

— Vou falar apenas de um, que representa condignamente a atual arquitetura brasileira, tendo sido laureado em diversos congressos internacionais. Trata-se do jovem patrício João Khair. Foi meu aluno do curso de urbanismo. Quantas vêzes tive de lhe pedir para abandonar os estudos



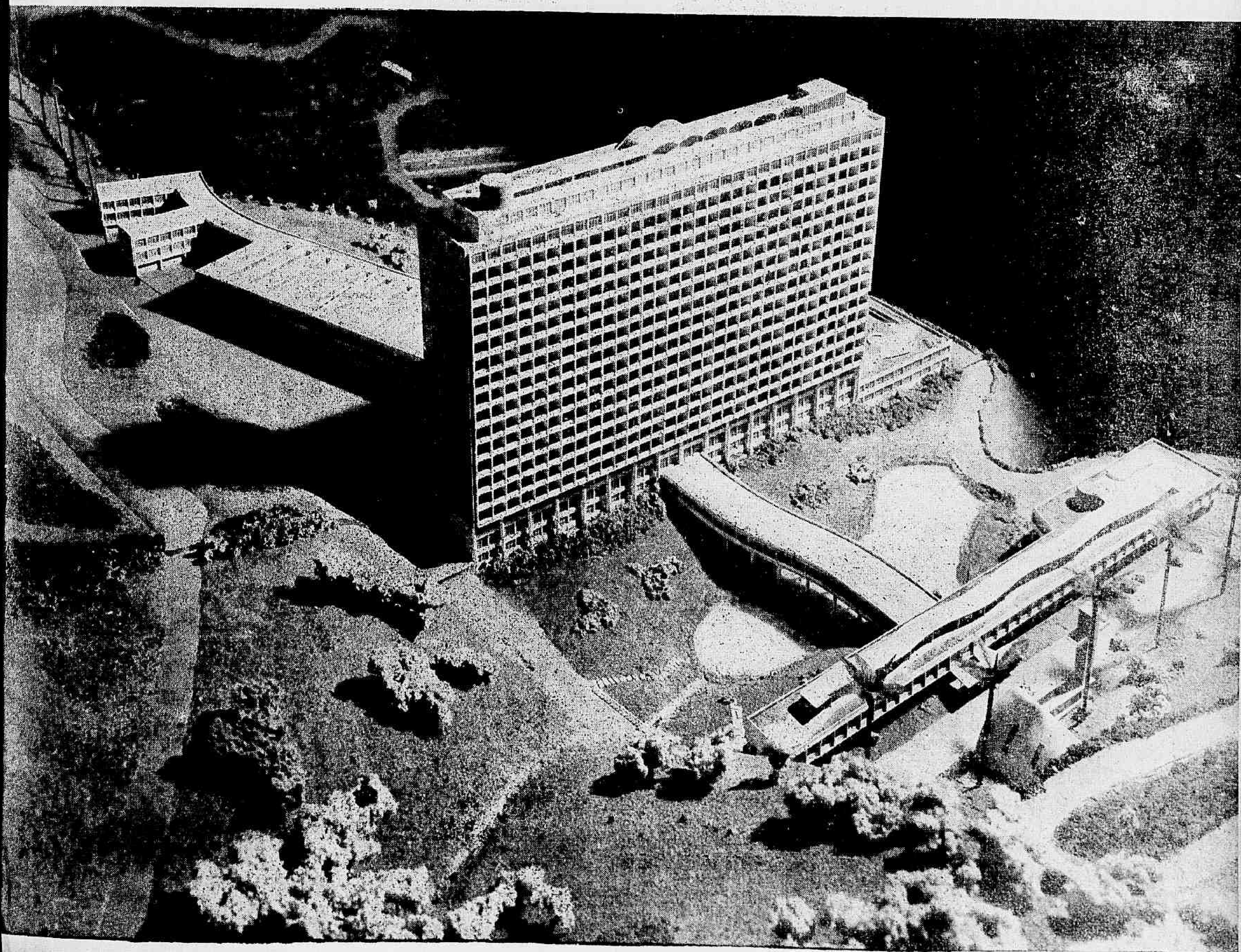
PROJETO original de piscina, no mais puro estilo contemporâneo, de estética bem interessante.



1º LUGAR NO CONCURSO para construção do Hospital de S. Joaquim, da Beneficência Portuguêsa de São Paulo, de J. Khair.

por alguns momentos, a fim de se distrair um pouco! Dos mais esforçados, formou-se pela Faculdade de Arquitetura da Escola de Belas-Artes em 1937, conquistando o primeiro lugar com medalha de ouro. Em '39 ganhou o prêmio de viagem à Europa, que viu frustrada em virtude da guerra. Em 1940 representou o Brasil comparecendo ao Congresso Pan-Americano de Arquitetura e Urbanismo em Montevidéu, conquistando o Grande Prêmio de Honra e a Medalha de Ouro dêsse certame. Lembro-me que o então Presidente da República do Uruguai, o saudoso arquiteto Alfredo Baldomir, teve palavras elogiosas sôbre a obra dêsse jovem brasileiro. Em '41, no concurso de projetos da nova ala do Itamarati, ganhou três grandes prêmios entre os primeiros dez lugares. Em '43 foi o autor do projeto do Palácio do Silogeu Brasileiro. Em São Paulo, concorreu e conquistou o primeiro lugar em 1944 para a construção do Hospital de São Joaquim da Beneficência Portuguêsa. Primeiro lugar também obteve apresentando um projeto para um Sanatório Kock. o mesmo se deu em 1946 com o projeto da futura Incorporação da Exposição Internacional de Indústria e Comércio em Quitandinha. Ganhou medalha de ouro com o projeto do conjunto do estádio municipal, Escola Normal e Museu de Florianópolis. Êle, o autor do projeto da futura sede do Tijuca Tênis Clube. E, recentemente, no Nono Congresso Pan-Americano de Arquitetura em Cuba, apresentou doze trabalhos, cujo conjunto, mereceu o Grande Prêmio de Honra e a Medalha de Ouro, mesmo não tendo comparecido pessoalmente ao sertame, sendo considerado Cidadão Honorário e Hóspede Oficial do Govêrno de Cuba. Na obra de João Khair nota-se, mesmo nos projetos de grandes massas, a predominância de uma acentuada delicadeza de traço, criando uma sensação sempre agradável à vista. Nêle deve-se admirar o fato de que, apesar de descender de uma abastada família de industriais, disso não se prevaleceu para levar uma vida fácil, e se dedicou de corpo e alma à arquitetura urbanística contemporânea. E' o trabalho de gente como o Khair que levanta o nome do Brasil no

HOSPITAL KOCK, cujo projeto concorreu para que J. Khair conseguisse o Grande Prêmio de Honra e Medalha de Ouro no recente Nono Congresso Pan Americano de Arquitetura em Cuba, prêmio êsse pela primeira vez outorgado a um brasileiro.



Nem CORÔA!

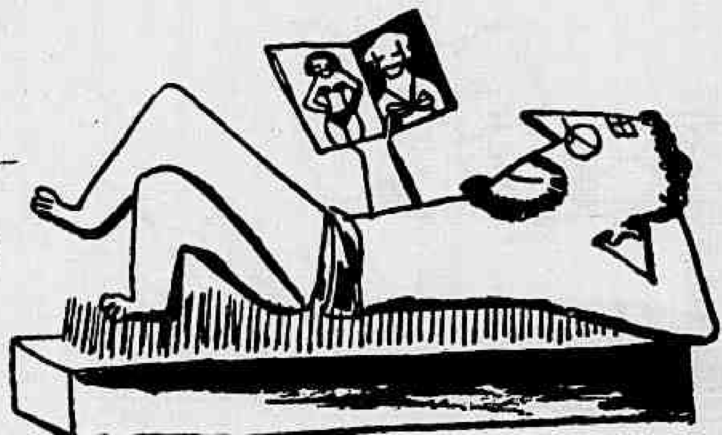
Nicolemus

FAQUIRISMO



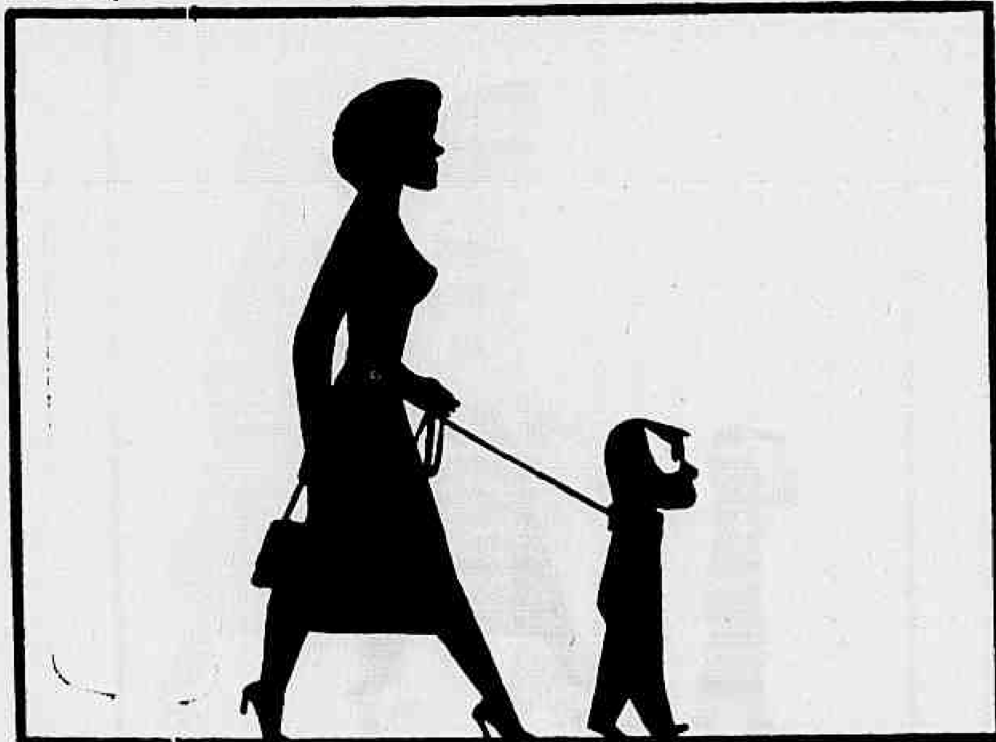
OS FAQUIRES, ÊSSES FANATICOS RELIGIOSOS DA INDIA E DO TIBET FECHAM AS MÃOS E NÃO AS ABRINDO NUNCA MAIS AS UNHAS, CRESCENDO, ATRAVESSAM-LHES AS CARNES, SURGINDO NO DORSO...

... OUTROS VIVEM DEITADOS EM COLCHÕES DE AGULHAS



CINE ARROZ AMARGO: MANGANARAM CONOSCO!

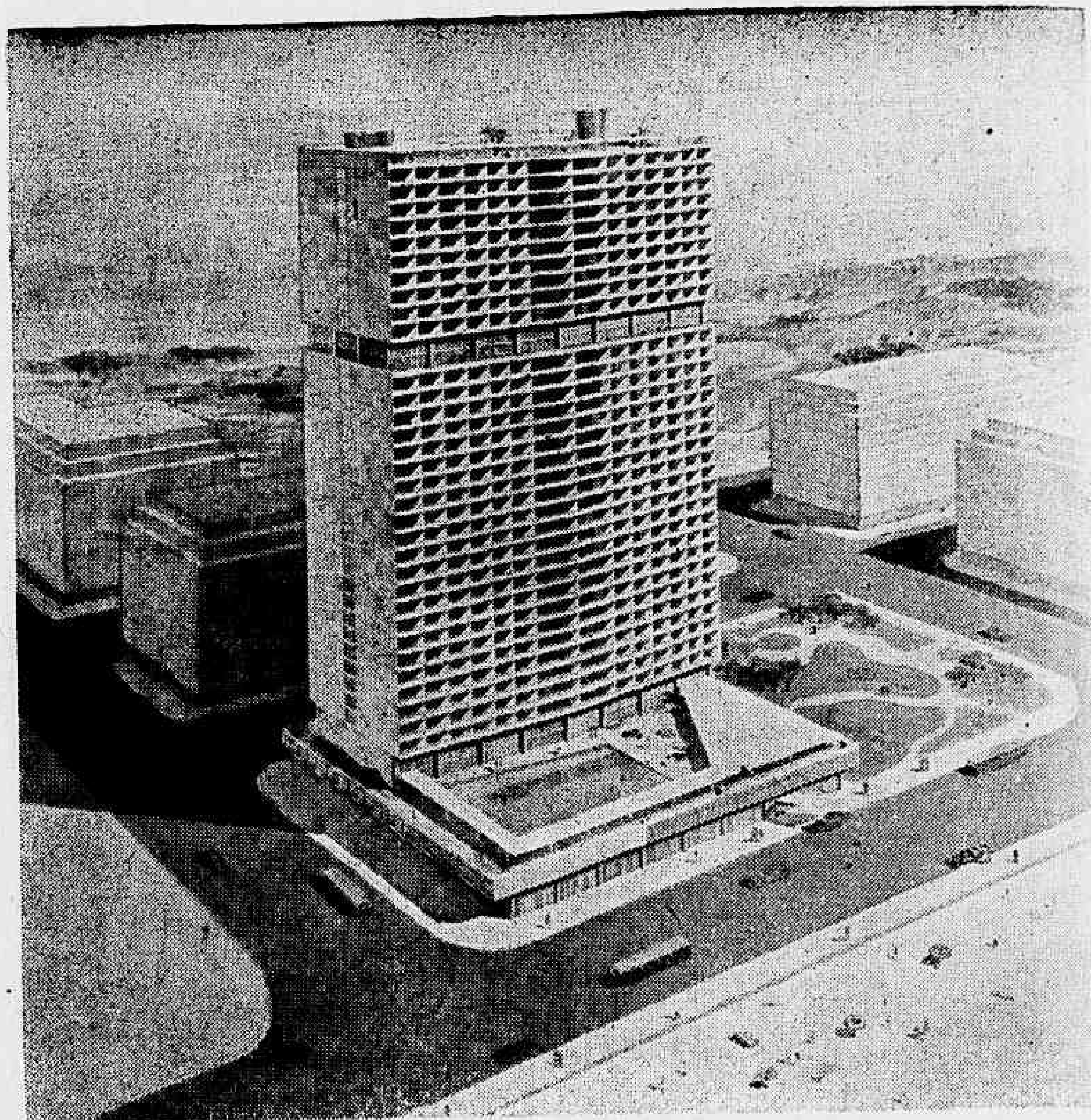
PRETO NO BRANCO



FREIO

PENSAMENTO

O CORAÇÃO DE UMA MULHER É UM ABISMO DE QUE NINGUEM CONHECE O FUNDO. Mlle RICCOBONI



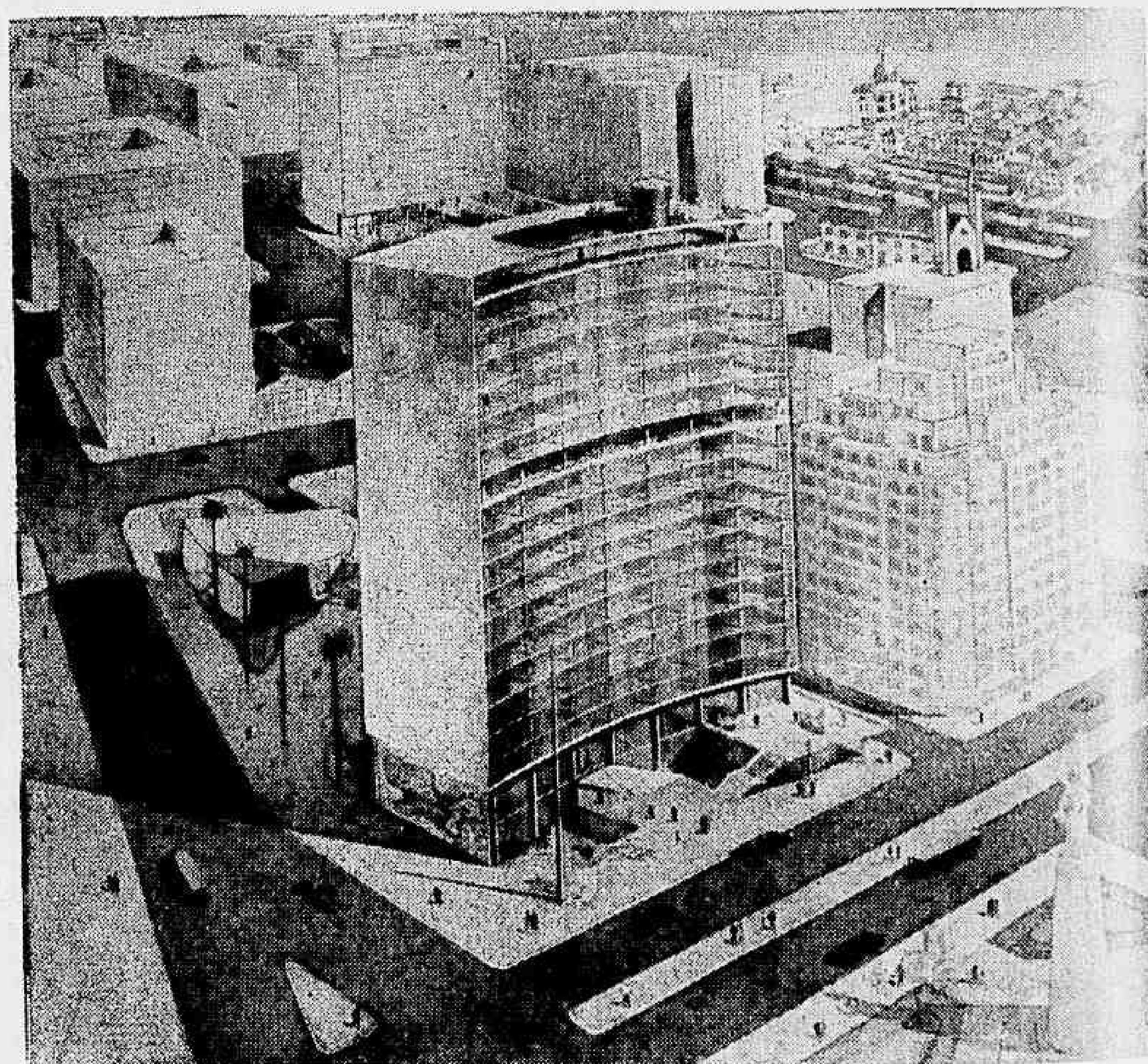
TAMBEM os edifícios de apartamentos mereceram as atenções do laureado arquiteto patrício.

estrangeiro, onde a arquitetura nacional é conhecida como escola e não como expressão apenas de alguns nomes isolados.

Procuramos então ouvir a palavra do próprio arquiteto focalizado pelo presidente do Instituto. Fomos encontrá-lo em seu atelier, atarefado pelos inúmeros problemas que lhe enchem a vida. Furtando-se a falar de si mesmo, preferiu dissertar sôbre sua arte, sua opinião, sua maneira de sentir quando cria os projetos que tanto sucesso alcançam.

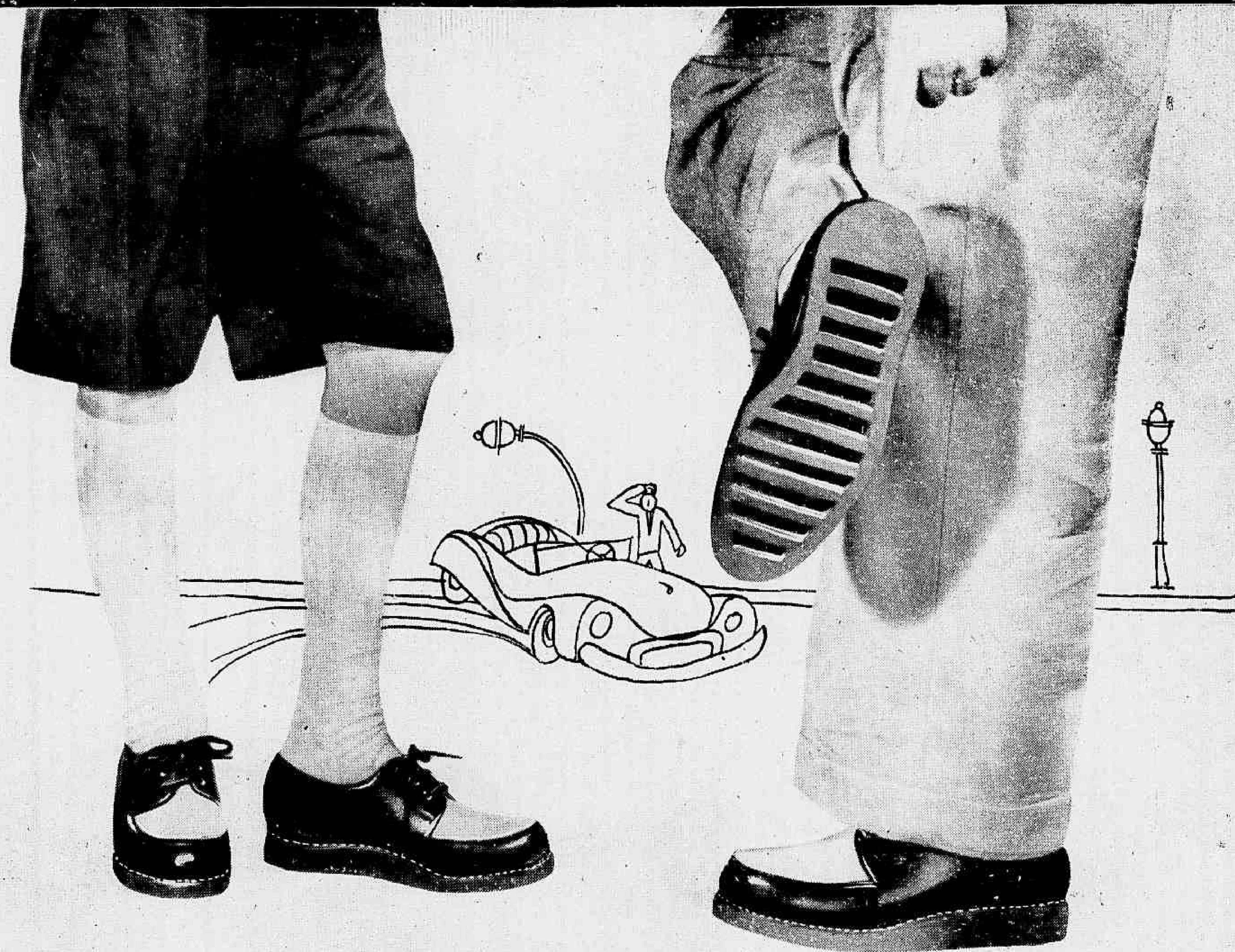
— Analisando os grandes surtos do desenvolvimento humano e as grandes conquistas nos mais variados ramos de atividade, entre os quais inclui-se a arquitetura, decidi-me pelo estilo contemporâneo, funcional e racional. Esta minha preferência não foi movida por nenhuma vaidade. Procurei acompanhar o surto evolutivo da arquitetura, já que estamos atualmente num periodo de transição, cujo valor entretanto é superior aos que o antecederam. As transformações se operaram de um modo radical. Existe ainda certa animosidade e prevenção contra tôdas as expressões arquitetônicas que não obedecem aos cânones clássicos de proporção e forma. Mas os principios fundamentais que regem a arquitetura contemporânea, a forma pela qual ela tende às condições impostas pela moderna concepção de confôrto e economia, faz que, pouco a pouco, a arquitetura funcional ganhe terreno na aceitação por parte dos técnicos e do público. Tudo deve ser levado em conta: situação topográfica, orientação, circulação, estrutura, iluminação natural e artificial, ventilação natural e artificial, insolação, urbanização local e nas adjacências. Tudo aliado aos principios de ordem plástica, incluindo, é claro, as leis de estética, isto é, harmonia de óptica e proporção.

Assim nos falou João Khair, refletindo dessa maneira as teorias em que baseia a arquitetura que pratica em seus projetos. E, reportando ainda um pensamento do presidente do Instituto Brasileiro de Arquitetura, podemos terminar dizendo que é de arquitetos do tipo de João Khair que o Brasil precisa.



PROJETO para sede da Embaixada Americana, para o local em que agora está sendo levantado um original norte-americano

ESTE NÃO DERRAPA



TAL PAI...
TAL FILHO...
*TAL CALÇADO...



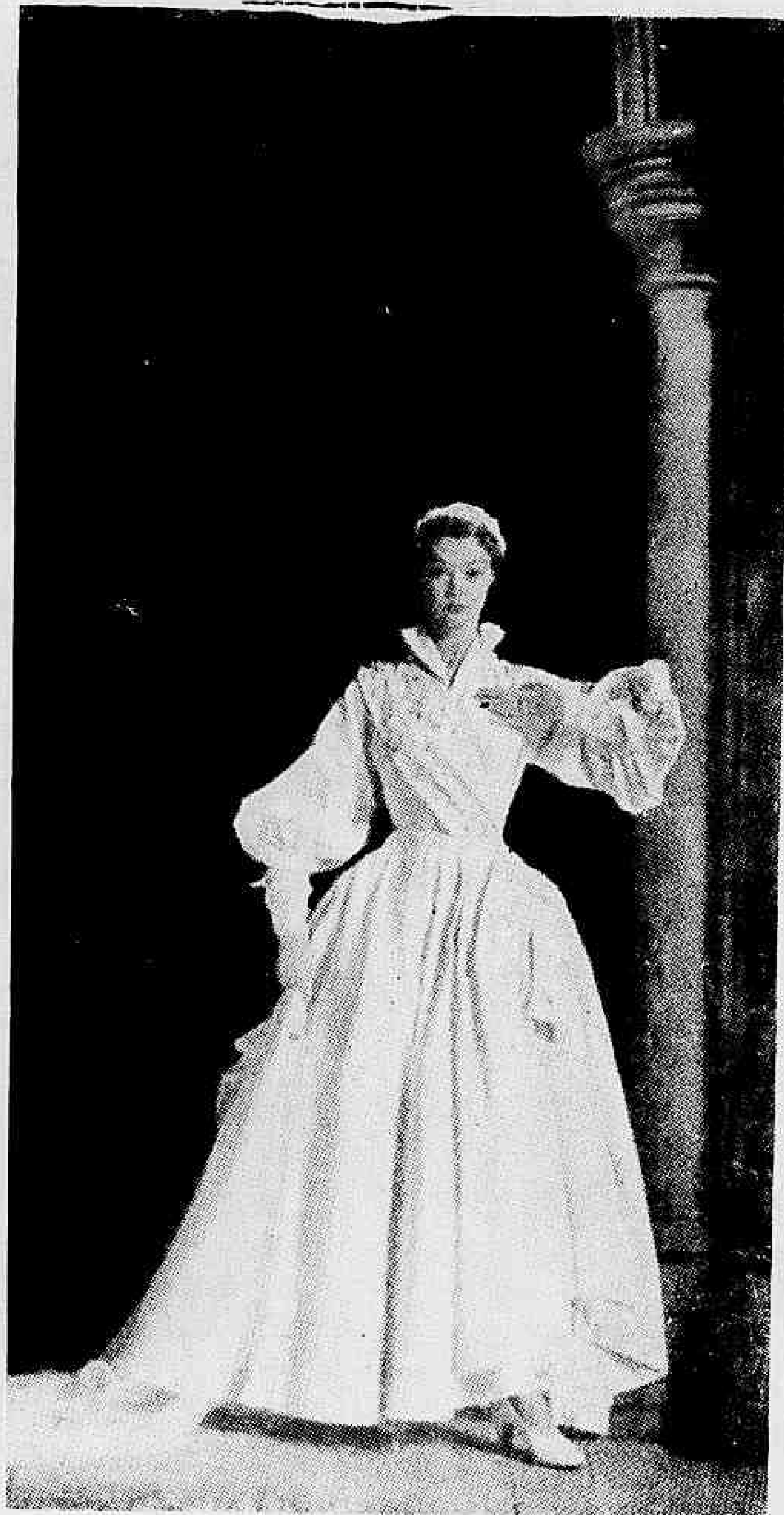
129 AV. RIO BRANCO, 131





Modelos Originais



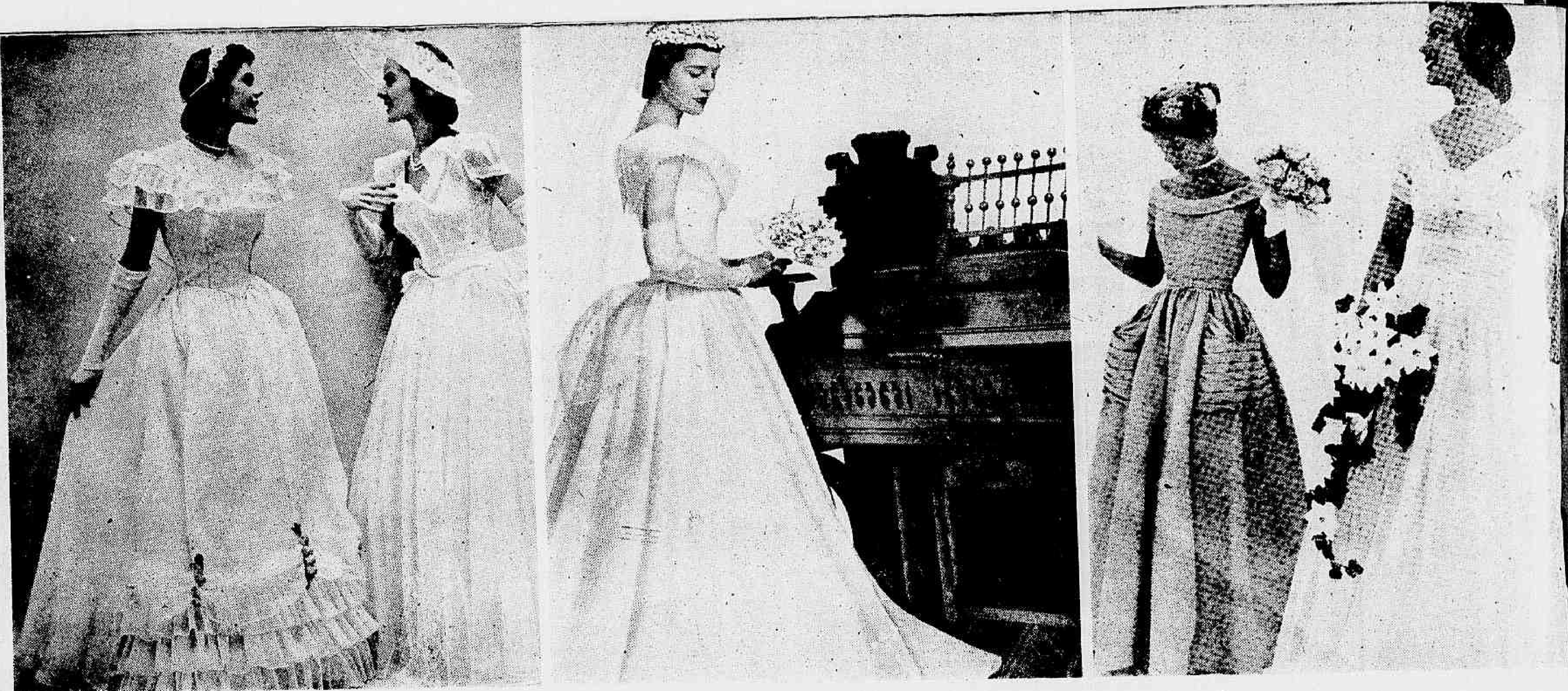




HÁ quem prefira aos modelos simples ou clássicos, aquêles mais exóticos e originais; algumas creações francesas e italianas são aqui apresentadas para sua escolha. Na página ao lado, no detalhe temos um original diadema todo executado em perolas brancas; em baixo, elegantissimo vestido em renda. Corpo justo, encimado por uma gola de faile e saia godé, adornada com botões de laranjeira, toucado também em faile, deixando aparecer sòmente o resto, véu de renda, na foto maior, vestido de renda com ampla cauda, o corpo é enfeitado com uma pala de organza. O outro modêlo é de organza bordado. Nesta página em cima, vemos três originais e sugestivos modelos, da esquerda para a direita: vestido de noiva em faile, o corpo tem uma pala de organza e é enfeitado com entremeios de renda. O modêlo da dama é de organza, com sombra de faile. O decote e a saia são adornados com «rouches» de organza; vestido estilo princesa, em faile. Saia franzida, gola alta e mangas bem franzidas. O corpo tem uma tira atravessada, bordada a perolas, modêlo sugestivo e de grande elegância; interessante êste modêlo estilo espanhol. Corpo justo, pregueado na altura das cadeiras, mangas bem franzidas e saia formada por três babados, alargando à medida que se proximam da barra. Em baixo, à esquerda, vestido de noiva todo em finíssimo organdi de sêda, estampado, decote amplo, com pequena gola, o vestido da noiva é em organza branca, com saia bem rodada. À direita, sugestivo modêlo para noiva em organza com tiras de setim, em sentido horizontal aplicadas sôbre a saia, o vestido da dama, deverá também ser executado em organza branca.







Noivas e "Demoiselles"





PARA as encantadoras noivas e suas gentis «demoiselles» as nossas leitoras encontrarão nestas duas páginas algumas das mais elegantes e sugestivas creações da moda atual, para o mais sonhado dia de uma jovem, o dia do seu casamento. Nos modelos aqui expostos, podemos notar a graciosidade e elegância das linhas, notando-se em todos êles uma originalidade bastante acentuada. Em todos êles predomina o bom gosto, e podemos ver que os modelos vão dos mais simples ao mais rebuscado. Na página ao lado, em cima, cinco modelos bastante originais sendo um para noivas e quatro para «demoiselles». Em baixo três outros modelos para as damas de honra, nesta página em cima, suntuoso modêlo em tule branca, e em baixo, mais três notáveis e elegantes modelos para noivas.





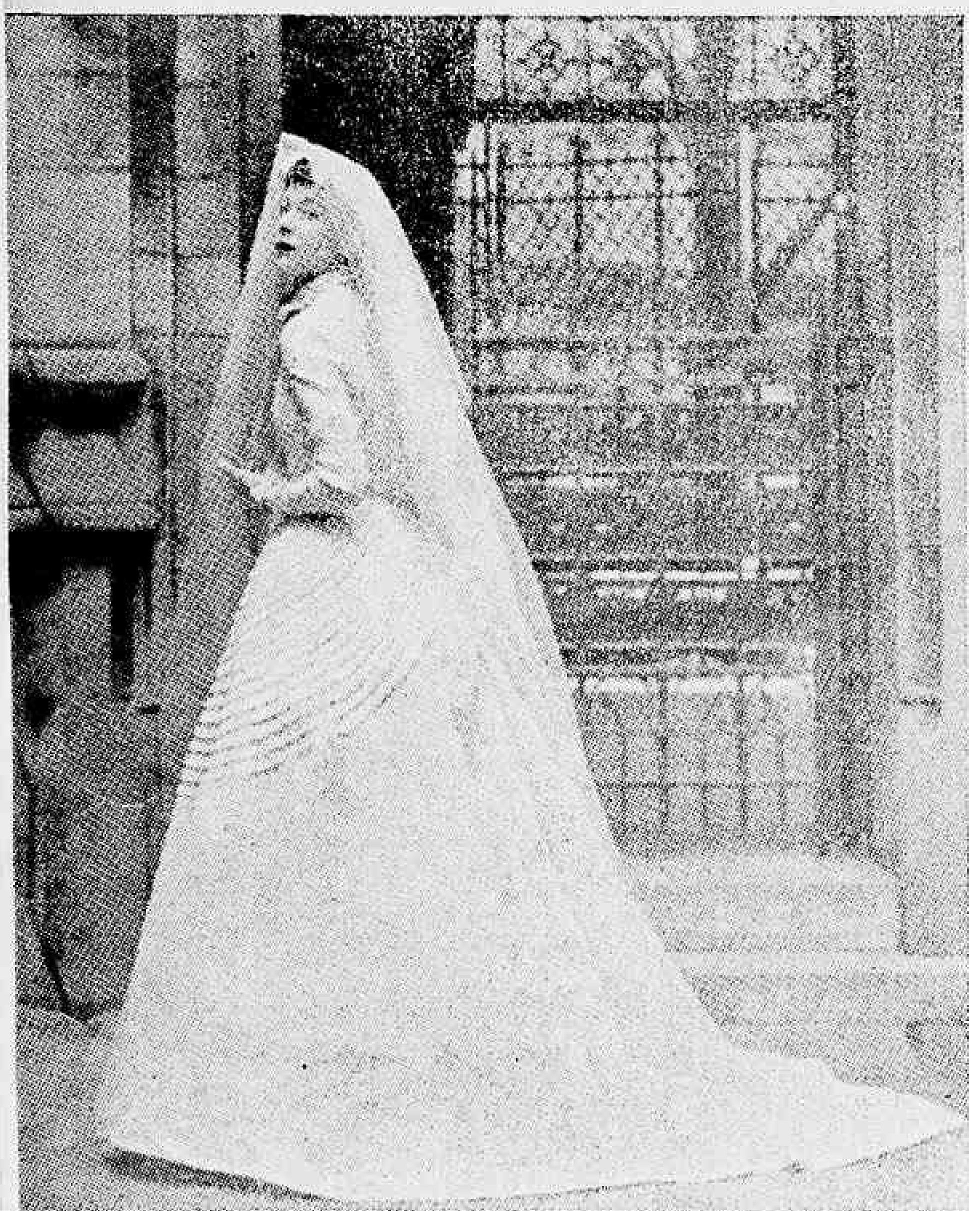






ÊSTES são os materiais que poderão ser empregados na confecção dêstes maravilhosos modelos para noivas. Sugestivo modêlo, acima, à esquerda, em que vemos combinados armoniosamente renda e tafetá. O véu curto, em finíssima tule, deixa o rosto a descoberto. Em baixo, à esquerda, dois maravilhosos modelos; o primeiro em cetim branco, com originais pregas em semi-círculo na frente da saia e o segundo é um modêlo em tule branca e "broderie". À direita, magnífico e suntuoso traje em renda branca, sôbre uma saia bem farta, de finíssima tule. O véu é bastante curto e original. Na página ao lado: cetim branco perola, foi o tecido escolhido para êste notável modêlo clássico, também em cetim lamé bastante pesado, temos um outro modêlo também sugestivo e elegantíssimo. Em baixo, em tafetá brocado, vemos um modêlo simples mas muito original, e finalmente, um encantador traje em cetim branco, de muita distinção e bom gosto.

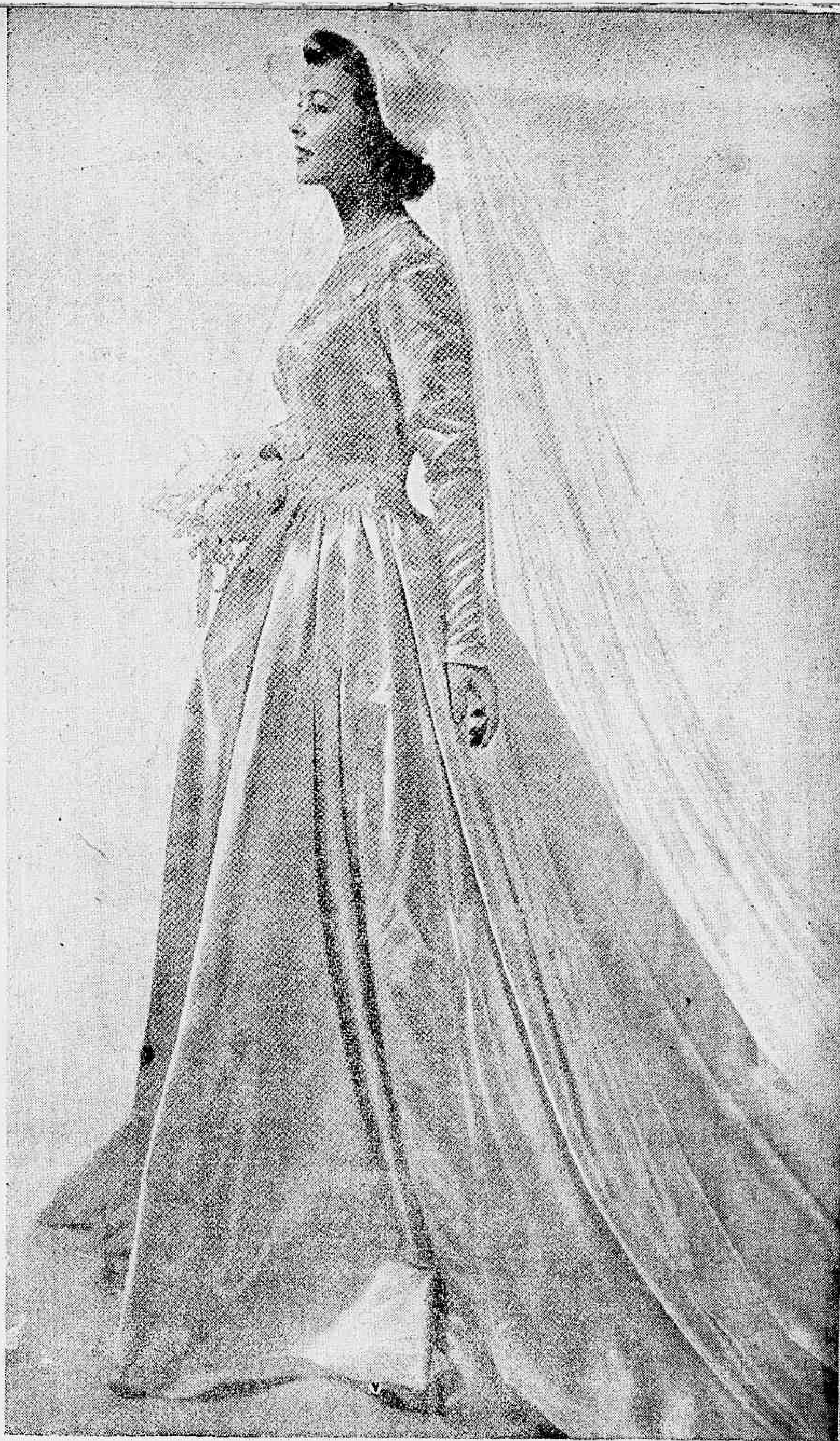
Tule, Tafetá, Renda e Cetim















POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**



WEEK-END

LICOR DE CHÁ

1 xícara-de-cafèzinho cheia de chá, 3 xícaras de cafèzinho de água, 1 kg de açúcar, 1 litro de álcool de 40° ou de caninha boa, 1 fava de baunilha, ½ litro de água.

Faz-se uma essência de chá muito forte com a medida de chá e de água já indicadas. Acrescenta-se depois o álcool. Faz-se uma calda com o açúcar e a água. Mistura-se mais forte, deve diminuir a quanmuito bem. Quem prefere licor tidade de açúcar e de água. Ferve-se a calda com a baunilha. Este licor tem a grande vantagem de poder tomar-se em seguida. Fica, entretanto, muito melhor quando mais antigo.

RECHEIO DE CARNE

Desfiam-se três fatias de carne assada e passam-se na máquina. Acrescenta-se toucinho e salame. Leva-se ao fogo, com muito tempêro, carregando na pimenta. Mistura-se 1 xícara de leite e 1 colher de maizena.

TORTA DE NOZES

Ingredientes: ½ xícara de manteiga, 1 ½ xícara de açúcar, 2 ½ xícara de farinha de trigo, 4 colheres-de-chá de fermento em pó, 1 xícara de leite, 1 pitada de sal e 2 ovos. Bate-se bem a manteiga, junta-se o açúcar e as gemas, mistura-se com a farinha peneirada, juntamente com o fermento e com o sal, que se vai pondo alternada-



mente com o leite. Juntam-se por último as claras batidas em neve. Bate-se tudo muito bem e leva-se ao forno em fôrma untada e polvilhada com farinha de trigo. Corta-se o bôlo em 2 ou 3 partes e espalha-se entre elas o seguinte recheio; ½ kg de nozes (levam-se ao forno para tirar a película e ralam-se). Para cada colher-de-sopa de nozes junta-se 1 gema, 1 colher de açúcar, 1 colher de chocolate em pó. Pode-se diminuir a quantidade do açúcar para que a massa não fique muito doce. Mistura-se tudo bem e leva-se ao fogo para ligar. Ligam-se as três partes do bôlo com esta massa e enfeita-se com massa de merengues (2 claras batidas em neve às quais juntam-se 100 gr de açúcar).

BOLACHAS DE MEL

125 gr de açúcar, 2 colheres-de-sopa de mel, 150 gr de farinha de trigo, 1 ôvo, 2 colheres-de-chá de fermento em pó, 1 ponta-de-faca de canela ou de cravo em pó. Bate-se o açúcar com o mel, o ôvo e os temperos até ficar um creme espumoso; junta-se a farinha com o fermento, estende-se a massa na grossura de ½ cm, deixa-se descansar durante 1 hora, cortam-se rodelas, pincelam-se com gema, assam-se em forno quente.

BOLINHOS DE ESTRÊLAS

250 gr de farinha de trigo; 1 ½ colher-de-sopa de açúcar, ½ colherinha de sal, 2 ovos. Misturam-se êstes ingredientes com pouca água, formando-se uma omelete mole. Esquenta-se o ferro, mergulha-se em uma vasilha contendo banha bem quente e põe-se dentro do recipiente onde se acha a massa Não se deve afundar muito o ferro, não se despegará depois, ao fritar.

Depois de fritas, deixam-se escorrer bem, polvilham-se com açúcar e servem-se quentes.

BATATAS RECHEADAS

Cozinhar em água e sal algumas batatas grandes, deixar escorrer e esfriar. Tirar a casca da batata e com uma colherinha de café, esvaziar, tendo cuidado para não partir. Juntar a metade desta batata, retirada com a colherinha, a uma quantidade dupla de presunto, 1 ôvo cozido e partido em pedacinhos, um pouco de queijo parmezão ralado. Amassar todos êsses ingredientes com bastante manteiga, colocando sal suficiente e um pouquinho de pimenta. Encher com êsse recheio as cavidades das batatas. Passar as batatas em ôvo batido com farinha de trigo, novamente no ôvo e na farinha e fritar em gordura bem quente.

CREME DE TOMATES

Leve ao fogo 2 colheres de azeite ou gordura, deixe dourar algumas fatias de cebola; junte 6 tomates grandes, partidos em pedaços, 1 raminho de salsa; 1 concha de água e o sal necessário. Abafe durante 5 minutos. Junte água suficiente e deixe abrir fervura. Junte uma xícara-de-chá de leite com uma colher-de-sopa cheia de maizena. Desmanchar a maizena nesse leite e juntar ao caldo. Abrandar o fogo e continuar mexendo até engrossar ligeiramente. Passar a sopa por um passador fino e servir com rodelas de torrada e ramos de agrião.

FRITOS ENROLADOS

Misture, peneirando, 1 kg de farinha de trigo e uma colher-de-sopa de fermento em pó. Junte uma dúzia de ovos e 250 gr de manteiga. Amasse tudo muito bem. Faça dessa massa um cordão, como se fôsse para inhoque. Tome um pauzinho cilíndrico, mais ou menos da grossura de um dedo e de uns 25 cm de comprimento. Enrole nesse pauzinho um pedaço de cordão da massa.

Em seguida, calque sôbre a massa um garfo ou outra coisa qualquer para enfeitar. Tire do pauzinho e deixe descansar para crescer. Cubra com um guardanapo e, por cima, com um pano de lã. Não deixe em lugar fresco como sôbre o mármore, por exemplo. As massas para crescerem devem ficar em lugar quente sem receberem calor direto. Quando estiverem bem crescidos, isso depois de 2 ou 3 horas, devem ser fritos em azeite até dourarem. Depois de tudo frito, aqueça um pouco de mel e passe os fritos no mel quente. Sem mel são bons para café.

NA COZINHA

SOPA RIO-GRANDENSE DO SUL

Fazer um caldo com galinha. Todos os temperos e batatas inglêsas. Junte 100 gr de sagu e 4 espigas de milho, ralando-as e coando. O caldo pode ser feito com galinha em pedaços ou só carne desossada. O milho deve ser colocado em último lugar.

CEBOLINHA AMARGA

Meio quilo de cebolinhas, das pequeninas e próprias para êsse prato. Chamam-se mesmo cebolinhas amargas. Descascá-las. Deixar em bastante água depois de cortadas. A cebolinha solta todo o visgo. Escorrer muito bem, espremer e pôr numa frigideira quente, sem azeite, só para enxugar bem. Mexer com cuidado para não queimar. Quando estiver bem enxuta, derramar sôbre ela, ainda no fogo, o azeite necessário. Pôr sal, um pouco de pimenta vermelha em pó, mexendo sempre. Abafar um pouco para amaciar, mas não deixar de mexer para não pegar no fundo da frigideira.

PEIXE DE FORNO AO NATURAL

Escolha um peixe não muito grande (que seja de carne mole e mais ou menos gordurosa). Se não fôr gordurosa, bastará apenas usar mais manteiga.

Limpar o peixe da maneira comum, esvaziá-lo, deixar de môlho em sal e limão. Escorrer bem o môlho, untá-lo com bastante manteiga fresca (por dentro e por fora). Forno brando para quente, tendo o cuidado de virar o peixe de vez em quando. Rechear o peixe com batatas cozidas com sal e untadas com manteiga.

COUVE-FLOR AO NATURAL

Limpar a couve-flor e passar na água avinagrada. Cozinhar inteira em água e sal. Retirar para um prato que possa ir ao forno e regar com manteiga derretida. Bater 2 claras em ponto de neve, juntar 2 colheres-de-sopa de queijo parmezão. Cobrir a couve-flor com essas claras. Levar ao forno quente apenas para corar.

TORTA DE BAUNILHA

250 gr de açúcar, 8 ovos, 125 gr de farinha de batatas, 1 colher-de-sopa de farinha de trigo, 1 colherinha de fermento em pó, açúcar de baunilha e glacê de baunilha.

Batem-se as gemas muito bem, mistura-se com o açúcar e continua-se a bater em fogo fraco. Retira-se a caçarola do fogo quando o creme estiver grosso e bate-se até esfriar. Juntam-se então as claras bem batidas, farinha de batata e de trigo peneiradas com o fermento. Coloca-se em fôrma untada e leva-se ao forno regular por 40 minutos; quando fria, recheia-se com creme de manteiga e cobre-se com glacê de baunilha.

PÃO DE SÃO GALLER

500 gr de farinha de trigo, 500 gr de açúcar, 250 gr de amêndoas raladas, 250 gr de manteiga, 4 a 5 ovos, casca ralada de limão, canela e noz-moscada. Mistura-se tudo e faz-se uma massa bem batida; espalha-se em uma assadeira untada, na altura de um dedo, e leva-se ao forno quente. Ainda quente, corta-se em pedaços compridos.

BOLACHAS DE AVEIA "3 MINUTOS"

1 copo de manteiga, 2 copos de açúcar, 7 colheres-de-sopa de leite, 1 colher-de-chá de canela, 1 colher-de-chá de bicarbonato, 1 colher-de-chá de sal, 1 ôvo, 3 copos de aveia "3 minutos".

Mistura-se bem o açúcar e a manteiga, primeiro e vai-se juntando depois os demais ingredientes (isto à noite). No dia seguinte, junta-se 3 copos de farinha de trigo e 1 colher-de-chá de fermento inglês. Pinga-se com 1 colher numa fôrma, tendo cuidado de deixar espaço para o crescimento.



CREME DE CHOCOLATE

1/4 de litro de leite, 1 colher-de-sopa de açúcar, 1 colher-de-café de farinha de trigo, 2 colheres-de-sopa de chocolate ralado, ou cacau, 1 ôvo, 1 gema, baunilha.

Mistura-se bem o chocolate, a farinha, o açúcar, a baunilha e os ovos, junta-se o leite quente e mexe-se sempre em fogo fraco. Põe-se numa vasilha e deixa-se esfriar.

SOPA DE AMÊNDOAS COM LEITE

125 gr de amêndoas, sendo 4 amêndoas amargas, 1/4 de litro de leite, 2 gemas, um pouco de sal, e açúcar à vontade.

Descascam-se e pelam-se as amêndoas, lavam-se em água fria e enxugam-se bem. Passam-se depois pela máquina de ralar, juntam-se ao leite misturado com açúcar e o sal.

GELATINA DE VINHO

½ garrafa de vinho, 12 fôlhas de gelatina branca, ½ garrafa de água, môlho de gemada ou de vinho.

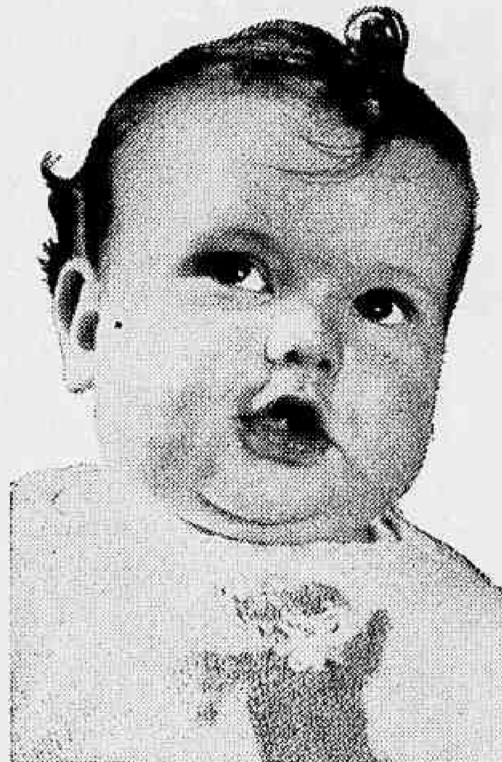
Mistura-se o vinho, da qualidade que se escolher, com a água. Dissolvem-se as fôlhas de gelatina ou duas caixinhas de ambrosina. Desmancham-se bem, deita-se a mistura numa fôrma de louça, deixando-a no refrigerador. Na hora de servir, retira-se da fôrma, servindo-se com môlho de gemada ou de vinho, que se faz com calda grossa, à qual se acrescenta 1 cálice do vinho que entrou na composição da gelatina.

NEGRINHOS DE D. ANITA

1 litro de leite, 1 colher de manteiga, 300 gr de açúcar, 3 colheres de chocolate em pó.

Ferve-se primeiro o leite com o açúcar. Quando estiver grosso, acrescenta-se a manteiga e o chocolate. E' muito difícil dar o ponto; a prática, porém, ensinará melhor.

"Mamãe, quando é que vou começar a usar Kolynos?"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais. Esses ácidos são a causa principal das dolorosas cáries. Numerosas provas científicas, realizadas por famosas Universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes escovando-os com Kolynos depois de cada refeição.



1. *Logo que despontar teu primeiro dentinho, começarás a usar Kolynos. Tens que proteger-te desde cedo contra os ácidos bucais que provocam as cáries.*



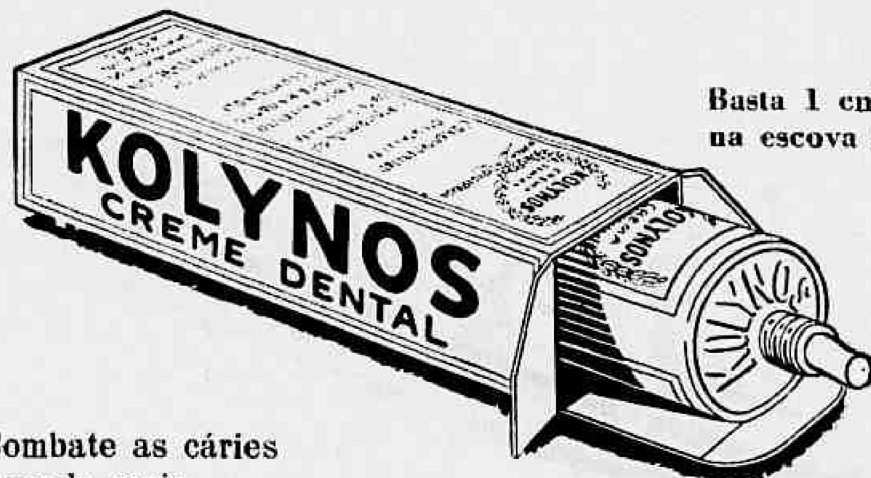
2. *Não chores, meu bem! Mamãe te fará usar Kolynos e não terás que sofrer. Kolynos destroi as bactérias que produzem os ácidos, causadores das cáries.*



3. *Além disso, Kolynos te tornará mais bonitinha, porque Kolynos clareia os dentes, perfuma o hálito, limpa melhor tua boquinha e embeleza teu sorriso.*



4. *Por tudo isso, mamãe te fará usar o creme dental Kolynos. Serás uma Kolynos-ista, e, se o continuares sendo, quando tiveres 18 primaveras, sorrirás tão feliz como agora.*



Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais.

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-110-P

Beleza fácil

Em sua casa

LIMPEZA DA PELE

1.º Pasta de Amêndoas
2.º Água de Limpeza
3.º Creme de Massagem

RAINHA DA HUNGRIA

Mme Campos

Assembléia, 115, 1.º - Rio

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA

Em nossos salões

CIRURGIA PLÁSTICA

Dr. Fausto Campos
Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.

CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO

Tratamento da pele e do cabelo

Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701



HEMORRÓIDAS

E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a pomada no local e tomando juntamente o liquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.



H-10-2 Ag. Pettinati

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA DA CONCEIÇÃO, 58 — 1º ANDAR — SALA, 102 — FONE 36-6718

PROLONGADA A VIDA...

(Cont. da pág. 14)

715,00. Os funcionários da Agência do Banco do Brasil, em Campo Grande, Mato Grosso, remeteram um cheque no valor de Cr$ 750,00. Os operários da Usina "Mineiros", de Campos, Estado do Rio, ofereceram a importância de Cr$ 10.000,00. O compositor Phebo Torselli, autor das valsas "Lúcia" e "Ainda é você", ofereceu a parte que lhe toca nos direitos autorais das duas composições. O sr. Hamlet Rosato, da cidade de Santos, ofereceu 20 livros de sua autoria para venda em benefício da "Fundação". A renda da Sexta Exposição Agropecuária de Lajes, Santa Catarina, foi inteiramente doada à campanha contra o câncer.

Mais de Cr$ 4.600,00 foram doados à "Fundação" pelos corpos discente, docente e administrativo do Colégio Cruzeiro, que em oportunidade anterior já haviam contribuído com Cr$ 2.610,00, o que totaliza uma contribuição de Cr$ 7.210,00. Muitas outras contribuições têm chegado à direção da "Fundação", destacando-se a de um jantar dançante promovido pela sra. Salime Aras, em Belo Horizonte e que produziu Cr$ 60.000,00. Nessa oportunidade foram vendidos em leilão vários objetos doados à campanha contra o câncer.

A TRISTE HISTÓRIA...

(Cont. da pág. 29)

ideal que julgava facil como o vôo dum pássaro e que, afinal, se desfazia como um castelo de cartas. Decidira-se ali a regressar no dia imediato. E com os olhos fixos na taça de conhaque, revia a cidade natal, tão quieta e serena, pousada entre montanhas azuladas, com amigos certos, uma partida de sinuca no botequim do João Turco, sono tranquilo a horas honestas...

Estava mergulhado nesses pensamentos suaves, com o seu conhaque renovado quatro vêzes, quando, vindo do lado da caixa, ouviu-se a voz clara do "speaker" que anunciava:

— "Vamos transmitir agora o maior sucesso do Carnaval dêste ano, o samba "Sai do meu cordão!", que obteve o primeiro lugar no nosso grande concurso de músicas carnavalescas e que abiscoitou o prêmio de trinta mil cruzeiros! Seu autor é o conhecido João Pastinha, uma das mais altas expressões do nosso meio artístico!"

A orquestra atacou com entusiasmo a partitura. Praxedes arregalou os olhos. Era a música, completa, integral, sem uma única nota diferente que lhe alterasse a melodia! Indignado, com um impulso furioso, atirou longe a mesinha de mármore que se espatifou no chão e foi quebrar ainda o varejo de cigarros, inutilizando-o. Uma palidez de morte cobriu-lhe as faces e, erguendo-se, possesso, transfigurado, berrou com escândalo:

— Ladrão! ! !

★

Um rádio vizinho ao xadrez ainda cantava alegremente:

Você é minha sombra!
Sai, sai do meu cordão!
Se desobedecer,
eu chamo a R. P.!
Você não serve, não!

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

UM HOMEM HONESTO

(Cont. da pág. 21)

desonesto? Não o haviam chamado de ladrão?

— Então, seria ótimo hein João? — dizia-lhe uma vozinha.

O outro pareceu ler-lhe os pensamentos, pois voltou à carga.

— Cinqüenta por cento para cada um. E' um ótimo negócio.

O que se passou nos vinte minutos seguintes ninguém sabia explicar ao certo. Palavras saíram das bôcas daqueles homens com a mesma facilidade com que a água escorre através de uma peneira. Um apêrto de mão selou o acôrdo. E o homem despediu-se sorrindo. João ficou vendo o seu vulto sumir-se na escuridão. A princípio experimentou um sentimento de tranqüilidade, depois sentira-se incrivelmente indigno. Sentia que devia ter pôsto aquêle homem pela porta afora. Mas por quê? Êles não haviam sido maus com êle? Os colegas de trabalho não haviam rido de sua desgraça? Não estavam todos contra êle? Então, se todos eram cruéis, êle também o seria. Tudo claro e lógico.

Os anos foram passando. Os negócios prosperavam, o dinheiro entrava em abundância. Tinha afivelado ao rosto uma máscara hipócrita e dominava os sentimentos de repulsa que lhe borbulhavam no íntimo do ser. Que culpa podia ter de haver nascido com aquêle estranho sigma? Se de fato os homens têm uma alma, a dêle não era mais que um farrapo. Erguera-se da lama podre, onde sempre se debatera, para o luxo supérfluo que o dinheiro lhe dava. Convivia com seres estúpidos que jactavam-se de constituírem a melhor sociedade. Mas não era feliz, não podia sê-lo. Quanto lhe repugnava a hipocrisia? Só êle podia dizer. O procedimento daquela gente causava-lhe náuseas. Gentalha à-toa, tida falsamente como fina e culta. Para êle a única diferença entre êles e os canibais, eram as roupas com que se ataviavam. Já os tinha visto espezinhar os vencidos, rir-se dos derrotados e depois cair em faltas piores do que as que haviam acusado, pintando-as das mais negras côres.

Para aquela multidão a honra do indivíduo variava de acôrdo com a sua conta no banco. Sabia também que todos, homens ou mulheres têm seu preço estipulado. Mas, sendo-lhe impossível lutar, vendo que seriam inúteis quaisquer providências, aprendeu a contornar os abrolhos que lhe apareciam no caminho e assim sendo conseguia sufocar o medonho berro de revolta que dormitava em seu peito, substituindo-o por um sorriso hipócrita que colocava nos lábios com a mesma facilidade com que se coloca uma dentadura postiça.

Cinco anos haviam passado. E que mudança em sua vida. Nada mais havia de parecido entre o milionário de hoje e o incorrupto e exemplar funcionário de tempos atrás. Agora todos o respeitavam, olhavam-no com inveja e cediam à sua vontade. Tudo que havia acontecido já era sòmente uma fraca chama enfrentando as deslumbrantes luzes que cercavam a sua vida

(Cont. na pág. 46)

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 36 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

BANCO DO COMÉRCIO S.A.

Capital e reservas: Cr$ 104.432.272,80

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
Tel. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores.

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

VOLTA EM PLENA FORMA O MAIOR JOCKEI DO BRASIL!

DOIS PERIGOS A CABECEIRA DE LUÍS RIGONI - NÃO HÁ SEGRÊDO PARA MANTER O MESMO PÊSO.



FOI num sábado de sol, quando se agitavam todos os aficionados do turfe, no Hipódromo da Gávea, que fomos ver de perto Luís Rigoni, nome por demais conhecido nos círculos esportivos do Brasil, e figura simpática e querida entre seus colegas de montaria. Jóquei zeloso, "sportman" completo, Luís Rigoni, vem dia a dia mantendo o seu prestígio e sua grande classe como um dos maiores, senão o maior jóquei das pistas brasileiras. Tendo pertencido a uma infinidade de cudelarias e montado os mais famosos "cracks" nacionais e estrangeiros, Rigoni é o recordista de carreiras ganhas desde o dia em que iniciou as suas atividades no turfe nacional. Por uma dessas fatalidades do destino, recentemente sofreu Luís Rigoni um acidente seríssimo. Guiando o seu automóvel a caminho de casa, num golpe de direção infeliz, fêz com que o veículo derrapasse e fôsse de encontro a um poste. Rigoni foi violentamente atingido e teve fraturas e escoriações bastante sérias. Passado o perigo do desastre, o conhecido "ás" brasileiro deparava-se com outro perigo à sua frente. E' que, tendo que ficar por muito tempo imobilizado para convalescer e sob rigoroso e intenso regime alimentar, estava pouco a pouco atingindo um pêso que não lhe era conveniente como jóquei. Foi assim, que tendo se consultado com o Dr. Francisco Machado Filho, à Rua São José n.º 50 - 1.º andar, após meticuloso exame êste aconselhou-o o uso da Emagrina, que deu a Rigoni a sua forma perfeita, o pêso ideal para as vitórias mais fáceis. Foi, naquele sábado ensolarado no Hipódromo da Gávea que tivemos de Luís Rigoni esta declaração:

— "Mantenho o meu pêso exato, podendo comer sempre o que quero com o uso constante da "Emagrina", verdadeira maravilha da ciência moderna."

MILAGRES...

(Cont. da pág. 27)

nascer nela a confiança em Nossa Senhora das Graças. Dias depois foi operada e ficou curada.

A notícia correu célere pela cidade. Os jornais deram "manchettes": *"Milagre de Padre Antônio no Hospital"*: *"Nova Urucânia no Hospital dos Marítimos"*.

Em verdade, verdadeira multidão acorreu àquele nosocômio. Romeiros começaram a vir de fora. De Petrópolis, Campos, Belo Horizonte, Leopoldina e Juiz de Fora chegavam diàriamente gente que queria receber bênçãos de Padre Antônio. Aleijados, cegos e paralíticos, trazidos de longe, postavam-se frente ao portão do hospital. Era uma peregrinação dorida. Fazia pena ver aquela multidão estacionada, ansiosa por ver e ouvir o virtuoso pároco de Urucânia.

A direção do hospital se reuniu. Discutiram muito. Finalmente ficou assentado que, atendendo aos insistentes pedidos, Padre Antônio daria a sua primeira bênção coletiva no domingo, dia 8 de abril, após uma missa que seria celebrada naquela casa de saúde.

Fácil é calcular a quantidade de fiéis que ali acorreram. Centenas de pessoas lá compareceram conduzindo garrafas com água, rosários, medalhas, e estampas de Nossa Senhora das Graças. Após a missa, de uma janela do hospital, Padre Antônio abençoou o povo.

No dia seguinte, segunda-feira, a afluência foi maior. Desde às 4 horas da manhã o pátio e o jardim do hospital já se achavam superlotados. Às 7 horas, ninguém mais podia entrar. Às 8,30, Padre Antônio desceu. Foi um instante de grande emoção, quando se encaminhou para o alto de uma escada que se dirige para o jardim do hospital.

O povo prorrompeu em entusiásticos e demorados aplausos. Padre Antônio, sorrindo bondosamente, retribuia àquela manifestação pelo seu restabelecimento. Após dar sua bênção às imagens, dizendo que todos os presentes trabalham por Maria Santissima, iniciou uma Ave-Maria, acompanhada pelos presentes. A emoção foi grande. Muitos choraram e tôdas as fisionomias revelavam um grande e coletivo sentimento de fé. "Mãos se levantam para o céu e parecem trazer em cada dedo um coração que sofre. E' uma linguagem muda de súplica em desespêro. Ali estão os mais feios aleijões recobrindo almas purificadas pela humildade. As criancinhas que bem cedo conheceram o sofrimento ainda não sabem por quê ali estão pessoas que choram e imploram. E também imploram e também choram as criancinhas marcadas para êsse encontro do qual resultará mais forte a piedade divina."

Em seguida, Padre Antônio lança sôbre os fiéis, que continuavam rezando, a água benta de um frasco, benzendo em seguida os vidros de água que lhe eram levados. Novamente se dirige aos fiéis, que ouviam com devoção as suas palavras, aconselhando novenas e comunhão para alcançar as graças divinas, lembrando São José, protetor das causas desesperadas. Recomenda ainda que os fiéis rezem sete vêzes o Padre Nosso, a Ave-Maria e o Gloria Patri durante nove dias aplicados às Sete Dores e aos Sete Gozos do Coração de São José.

Terminada a bênção, se dirige para o interior do hospital, enquanto grande número de pessoas dêle se aproximava, desejosas de lhe beijar a mão.

★

Por gôsto de Padre Antônio êle daria bênçãos aos cariocas diàriamente. Todavia, o dr. Condeixa Filho achou que as emoções e o esfôrço contínuo poderiam abalar o seu estado de saúde. Assim, foram suspensas as bênçãos. E, tôda vez que se falava a Padre Antônio, solicitando uma bênção especial, êle dizia: "Meu filho, lá em Urucânia, sim; mas aqui eu obedeço ordens do dr. Condeixa; pois, graças a Nossa Senhora das Graças e depois a êle é que estou vivo. Fala com êle. O que êle disser eu concordo". Essa gratidão do milagroso pároco para com o médico que o operou é deveras comovente. Certa vez êle o disse de maneira tão sentida que comoveu a cinco sacerdotes que o visitavam no momento.

Contudo, dias seguidos, o povo continuou indo até ao portão do hospital. E ali ficava na esperança de ver, mesmo de longe, o santo sacerdote. Os boatos e as notícias ali encontravam um ambiente propicio.' Falava-se, por exemplo, que foram suspensas as bênçãos porque muitos fanáticos tentaram cortar pedaços da batina de Padre Antônio. Outros queriam pegar, tocar, no seu corpo. Em meio a êsses boatos estapafúrdios ouvia-se, outrossim, louvações com referência aos milagres. A compositora gaúcha, sra. Sibyla Barros a êsse tempo tomou a palavra e exaltou as virtudes milagrosas do pároco de Urucânia.

— "Eu, meu filho, — disse-nos pausadamente — sou grande propagadora dos milagres de Padre Antônio. Ah! quem me viu e quem me vê... dificilmente acredita...

— "E' verdade" — disseram suas amigas Maria Inácia Leite, Edelvina Belo, Odeléia Belo, Delmira Rodrigues e Eny Costa. Retomando a palavra, prosseguiu D. Sibyla Barros:

— "...Eu era eleijada. A minha espinha dorsal era curva. Tão curva que parecia um arco. A minha vida era uma tristeza. Mas um dia... há sempre um dia na vida da gente... ouvi falar dos milagres de Padre Antônio. Para o meu caso era só mesmo milagre, meu filho. A medicina já me havia desenganado. Parti para Urucânia. Oh!... quando me recordo... meu Deus!... Foi bastante tomar a primeira bênção... Fiquei boa. Passei a andar normalmente, como a mais normal das criaturas.

"O meu caso é muito conhecido, pois eu mesma procurei ser grande propagadora da graça que recebi. Agora soube que Padre Antônio estava aqui e vim tomar a sua bênção que tanto bem nos faz e benzer essa garrafa de água para ter sempre em casa."

D. Sibyla fêz uma pausa. Grande número de pessoas já ouvia, agora, atentamente, as suas narrativas.

— "Em Urucânia presenciei muitos milagres — prosseguiu. — Vi o milagre de uma menina de nome Vera Lúcia, que estava acompanhada de seus pais. Ela foi para Urucânia carregada, pois sofria de uma paralisia de que os médicos desconheciam a causa e não encontravam recursos da ciência para suavizar ao menos o mal. A menina ficou no colo de uma conhecida da família para assistir à bênção, tendo sua mãe se mantido a relativa distância. Logo após a bênção, a referida senhora colocou a criança num banquinho côr-de-rosa, que servia para descansar a menina. Qual não foi, porém, a surprêsa e emoção gerais, quando os que estavam próximo viram a menina sair correndo e ir atirar-se nos braços da mãe. Não tenho palavras para descrever os lances dramáticos dessa cena, nem tampouco falar do contentamento da criancinha e de sua mãe.

"Outro milagre de que me recordo bem foi o ocorrido com D. Maria Guimarães da Costa, uma senhora de uns 60 anos de idade, cega de uma vista e enxergando muito pouco de outra. Ela usava óculos, a fim de que a única vista boa que possuia fôsse auxiliada. Seu genro, sr. José Paiva, católico convicto, jurara que, quando voltasse de Urucânia, havia de quebrar os óculos, tal a fé de que estava possuido de que sua sogra enxergaria depois de receber a bênção de Padre Antônio. E de fato, tal sucedeu, pois D. Maria, recebida a bênção, tirou os óculos para limpar e olhou instintivamente para a janela da casa, onde reside o bondoso reverendo e enxergou claramente, revelou êsse milagre ao seu genro, que não pôs dúvida em quebrar os óculos, cumprindo assim o juramento, já que sua sogra via perfeitamente. Foi um fato que emocionou a enorme quantidade de romeiros, que logo se acercaram da senhora que recebera a graça divina, através das palavras piedosas de Padre Antônio.

"Na bênção de domingo, aqui no hospital, houve um milagre. Um rapazinho que era cego passou a enxergar, tendo divisado o vulto de Padre Antônio na janeal, quando êle ultimava a bênção, coisa que emocionou a todos, pois, antes, não enxergava nada. Sei também, aliás, os jornais já noticiaram, que um general que estava doente, ficou bom depois de uma bênção de Padre Antônio.

— E o dr. Laureano — interveio uma ouvinte. — Dizem que êle está melhorando...

— Imagine que êsse pobre homem estava com os dias contados... Mas... Padre Antônio o abençoou e êle está vivendo...

Melhorou muito — disse finalizando D. Sibyla. — Andou sem muleta depois da bênção. Que Nossa Senhora das Graças o salve...

A SAÚDE DO BEBÊ

VEGETAÇÕES ADENÓIDES

DR. SABOIA RIBEIRO

O catarro nasal crônico, na criança, deve constituir objeto de especiais cuidados por ser, de comum, o ponto de partida para uma série de perturbações, das quais as *vegetações adenóides* ocupam, sem dúvida, o primeiro lugar. Uma criança, a desenvolver-se vitimada, constantemente, pelos chamados resfriados, é criança que está, ao mesmo tempo, entretendo um estado de irritação constante do tecido adenoideu, situado para o fundo das fossas nasais, e que se inflama e cresce, ao ponto de trazer obstáculo na passagem regular do ar respiratório, com tôdas as suas conseqüências. Só nas crianças crescidas as vegetações adenóides atingem êsse desenvolvimento anormal como um tecido doente que se inflama, infecta e cresce, no fundo das fossas nasais.

Logo se vê que a prevenção das vegetações adenóides está, principalmente, na remoção de tôdas as causas que fazem os resfriados, já que êstes encontram a sua origem em alguns fatôres que podem e devem ser dominados pelas medidas, umas do campo da higiene geral da criança e outras do campo da terapêutica.

Dizemos *principalmente*, porque, em muitos casos, existe uma *causa constitucional*, que só por si explica e enseja as vegetações, independente de outras causas.

O linfatismo, ou o chamado estado timo-linfático está no origem dessas formas, menos pronunciado nos primeiros tempos da criança.

A diátese exsudativa, datando na maioria das vêzes dos primeiros meses, é a maior responsável pelas formas que se têm suas raízes nos longos e continuados resfriados desde muito tempo.

Daí a importância que assumem aos olhos do pediatra essas crianças marcadas pelas gripes constantes, pois nelas se desenvolve, ao mesmo tempo, o terreno onde proliferam as vegetações.

São crianças, essas, extremamente sensíveis aos processos inflamatórios das mucosas, bem como da pele, e onde se instala, desde cedo, uma baixa da imunidade e, com ela, maior predisposição às infecções.

A assistência adequada às crianças portadoras dêsse estado constitui, pois, uma das formas de prevenir as vegetações adenóides que se instalam mais tarde, pela irritação contínua e infecção superveniente dos tecidos situados na profundeza das fossas nasais.

A prova que as vegetações adenóides se prendem a êsses processos inflamatórios, ao começo, depois, infecciosos crônicos do catarro nasal, às mais das vêzes, é que não as encontramos como um quadro clínico constituído senão mais tarde, nas *crianças mais crescidas*.

Guiado pelo catarro nasal crônico o pediatra identifica o desvio constitucional da criança por uma série de elementos clínicos — entre os quais, no passado da criança, o eczema e o intertrigo, e os distúrbios dispépticos.

As *vegetações adenóides*, finalmente constituídas, prosseguem então o estado de doença crônica da criança.

Com a obstrução das fossas nasais, em virtude da qual o ar respirado se torna naturalmente insuficiente para o arejamento pulmonar uma boa oxigenação do sangue, a ossatura dessa parte tende a fechar-se e assim também tôda a parte correspondente da própria cavidade nasofaringea.

A insuficiência do ar respirado pelas vias normais passa a ser suprida por uma respiração pela bôca, o que é apenas um esfôrço de defesa, pois não se dá, com efeito, uma compensação perfeita.

Disso tudo resulta o seguinte: a anemia da criança; maior vulnerabilidade do aparelhp pulmonar; deformidade da fisionomia da criança e da própria conformação toráxica. Além disso, sobrevêm as amigdalites.

De fato, a respiração contra a natureza, pela bôca, explica, naturalmente, as infecções que, ao mesmo tempo, atingem as *amígdalas*, já que estas entram em contacto direto com os germes trazidos pelo ar respirado, além de o ar respirado não sofrer, prèviamente, o aquecimento que se passa, normalmente, na sua passagem através das cavidades nasais, abrindo o caminho ao golpe de frio tão favorável, como se sabe, às infecções agudas da garganta.

Essa exposição mostra, portanto, a importância que reveste na criança de tenra idade o catarro nasal crônico, pois, segundo a observação mostra, o têrmo de sua evolução natural é, muitas e muitas vêzes, as várias *amigdalites* e de uma forma quase constante as *adenoidites*, com suas conseqüências, sem dúvida, sérias e que já resumimos acima.



O Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho, cumprindo o programa traçado pelo seu Diretor, Dr. Arnaldo Sussekind, a fim de proporcionar às classes trabalhadoras, nos seus dias de folga, momentos de lazer e recuperação física e espiritual, promoveu no domingo, 8 do corrente, mais um grande passeio marítimo pela Guanabara. Na foto, vemos o «Mocanguê», momentos antes de partir rumo à ilha das Flores, onde excelente programa de divertimentos e descanso foi cumprido, repleto de excursionistas, destacando-se entre êles a figura dinâmica do Dr. Arnaldo Sussekind, que a 3 de fevereiro dêste ano retornou ao seu antigo pôsto de Diretor daquêle importante Serviço do Ministério do Trabalho, de que foi o criador e organizador.

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

UM HOMEM HONESTO

(Cont. da pág. 44)

de homem rico e poderoso. Havia vencido na vida de uma maneira sórdida, imunda mesmo, e qual era a diferença? Nenhuma, todos o tratavam como um nobre. No íntimo, João ria da hipocrisia que aquela gente mal sabia esconder, porém ainda que não deixasse transparecer sofria amargamente. Lutara e vencera, não tanto impelido pela vontade de deixar a mulher e os filhos uma boa situação; a causa mais forte desta luta tinha sido a vontade inquebrantável de dar aos seus semelhantes uma lição inesquecível.

João acendeu um cigarro e levantou-se do sofá onde estivera sentado. Agitado e inquieto, começou a passear pelo terraço de sua magnífica casa de campo.

Um criado veio trazer-lhe o jornal. Estendeu sôbre a mesa e correu a vista no noticiário. Não pôde conter uma gargalhada quando seu olhar incidiu sôbre uma nota social que dizia:

"O conhecido milionário João da Silva, oferecerá amanhã uma festa a seus amigos no clube "Gaivota". O Sr. Silva, gerente da firma Silva & Cia., é conhecido por sua honestidade e gênio administrativo, etc."

Aquela triste lembrança veio-lhe à mente. No tempo em que era honesto, leal, impenetrável, tomavam-no por ladrão. E agora? Achavam-no incorrupto e um gênio administrativo. E tudo por causa do maldito dinheiro. João sorriu, com amargura. O dinheiro era o pior dos vícios, por êle mata-se, contraria-se o amor, domina-se o sexo. Mas quem era êle para consertar o mundo? Subiu ao seu quarto e continuou a escrever suas "Memórias de um Homem Honesto".

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

UM AMOR ATREVIDO

QUE FARÁ PRUDENCE, EM FACE DA PRESSÃO DE SEUS PAIS CONTRA JOHNNY





















TUDO ISTO

UMA QUESTÃO PITORESCA

HÁ pessoas que, pelo espírito exageradamente conservador, não obedecem a qualquer inovação, mesmo em face da lei. Houve, no sertão do Ceará, um cidadão que não aceitou, de maneira alguma, a mudança do padrão de nosso dinheiro, de mil réis para cruzeiro. Certa vez, indo comprar um objeto numa loja, ao recebê-lo bem embrulhadinho do caixeiro, ouviu dêste que custava *quinze cruzeiros*. O nosso ranzinza franziu o sobrolho e respondeu: "Pois fique esperando para quando eu tiver os tais cruzeiros, pois só tenho na carteira notas de mil réis"... E lá se foi com a compra, sem pagar...

Com o caso da hora de verão, muita gente houve que manteve o relógio à antiga. Quando a gente perguntava as horas, diziam: "Pela do govêrno, três e meia. Pelo meu relógio, menos uma". Coisas da natureza humana que a filosofia justifica e registra com muita naturalidade.

Isso, porém, não passa de curiosidade. Mas, houve episódios, que, embora pitorescos, provocaram vivas discussões e mesmo desentendimentos entre casais e outras pessoas da família dos mesmos. Vamos citar alguns que se verificaram na Maternidade Arnaldo de Morais e na Casa da Mãe Pobre, ambos êstes estabelecimentos nesta cidade.

Algumas internadas para a "delivrance", deram à luz os seus pimpolhos quando já passava da meia-noite do dia 31 de março. Ora, pelos relógios dos papás que fumavam tradicionalmente no "hall", a dar passos nervosos e a olhar o relógio, os meninos nasceram a 1º de abril de 1951. Mas, sucedeu, porém, que, à uma da madrugada, todos os relógios foram atrasados e voltaram à meia-noite de 31 de março! E agora? Os meninos nascidos depois da meia-noite de 31 de março, são de 1.º de abril ou de 31 mesmo? Houve grande discussão entre papás e mamãs, enquanto os nenênzinhos recebiam na vida o seu primeiro de abril...



★

COM UNHAS E DENTES

COMO sabe o leitor, a Inglaterra, sob o govêrno trabalhista, adotou medidas de variados aspectos de ordem social no sentido de beneficiar a população. Assim, ao lado das grandes nacionalizações das minas de carvão e de outras indústrias extrativas e fabris, foi também criado o serviço médico-dentário gratuito. Essa gratuidade não se restringia apenas a consultas. Ia mais longe, e os inglêses recebiam trabalho protético de graça. Como sucede em todo o mundo, as bôcas sem dente ou com dentes defeituosos ou cariados, passaram a receber a assistência dos odontólogos britânicos, com o que foram gastos mais de 60 por cento do custo total dos serviços dentários do país.

Surgiu, porém, uma situação premente com o rearmamento da Europa e o govêrno inglês teve que acertar o orçamento dêste ano, encontrando-se em sérias dificuldades para tapar os grandes buracos que os serviços sociais determinavam.

Então houve aumento geral nos impostos, especialmente no sôbre a renda, no que recai em artigos de luxo, tais como automóveis, rádio e aparelhos de televisão. Como ainda não desse, veio a majoração dos impostos sôbre a gasolina e entradas em cinemas. Contudo, ainda era pouco e o govêrno encontrou outra fonte de renda para fazer face aos imensos compromissos do Tesouro: — cobrar a metade do custo das dentaduras postiças àqueles que, até agora, colocavam suas dentaduras gratuitamente, de acôrdo com o programa social do Partido Trabalhista.



Segundo as notícias vindas de lá, esta decisão representa importante economia dentro do programa do govêrno, proporcionando ao mesmo considerável renda. Não se sabe ainda, porém, se os clientes que tinham dentaduras de graça, continuarão a procurar os gabinetes dentários com a mesma afluência. E' que, lá, como aqui, a vantagem não está apenas em colocar o aparelho de mastigação, e sim, em obtê-lo... de graça! Seja como fôr, está a Inglaterra tratando de organizar-se com unhas e dentes.

★

BRAÇO É BRAÇO



MUITAS coisas acontecem neste mundo, e, especialmente no Brasil, por falta de educação profissional. Somos um povo que não presta a menor atenção às respectivas funções. Há, evidentemente, milhares e milhões de exceções, para alegria nossa. Mas, em geral, nota-se uma espécie de desídia nos atos que exigem atenção e fiel cumprimento do dever.

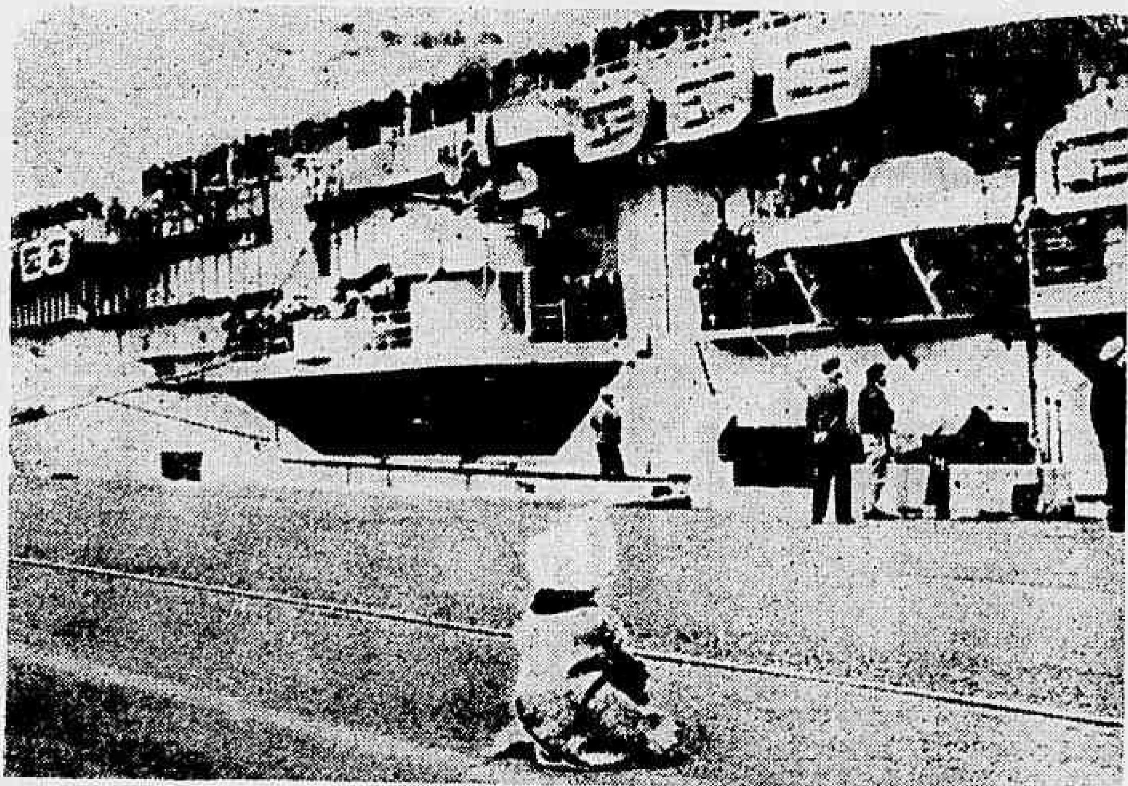
Talvez seja isso um mal humano e não apenas brasileiro. Se tal sucede, está esta pobre humanidade no mato sem cachorro e... sem gatos também. Veja o leitor o que sucedeu num dos hospitais da Prefeitura do Rio de Janeiro: — um menor procurou o hospital Getúlio Vargas a fim de consertar o braço direito, fraturado numa queda. O médico-chefe dêsse serviço, ao invés de assumir, pessoalmente, o trabalho de redução da fratura, mandou, ou permitiu, que o mesmo fôsse executado por um auxiliar, pelo que parece, ainda pouco prático em tais misteres.

Resultou disso que a intervenção médica foi feita no braço esquerdo do menino! Ora, o esquerdo estava são, perfeitamente bom. O auxiliar o engessou e o imobilizou. O garôto disse que o braço "quebrado" não era aquêle, e sim o direito; mas, como o médico que o estava tratando devia saber muito mais do que êle, deixou que assim fôsse feito e voltou para casa, a gemer, com ambos os braços sem função.

Os pais do menino, verificando a impropriedade do tratamento, voltaram ao hospital e fizeram ver que tudo estava errado. Mas, infelizmente, o garôto já estava com três dias de sofrimento, e o novo tratamento da fratura foi verdadeiro martírio. O caso chegou ao conhecimento do secretário de Saúde e Assistência do Municipalidade, o qual mandou abrir inquérito. Resultado: o médico responsável suspenso por 60 dias e o assistente demitido a bem do serviço público. Não é curioso que isto se dê no Rio, e, além de tudo, com representantes da classe médica?



TEM JEITO DE ESTRÊLA de cinema, porém não é. Esta bela dama de negro, com olhares de oriental misteriosa, é a princesa egípcia Sarah Halim, prima do rei Farouk. Sua Alteza não tem hoje nenhuma ambição ao trôno ou a qualquer outra posição na Côrte dos seus ascendentes ou em qualquer outro meio de soberanias coroadas. E' uma criatura simples, culta e próba. O seu desejo supremo é tornar-se uma ditadora da moda e da elegância femininas. Por êsse motivo cria modelos de chapéus, como o que usa e se fixou agora em Londres, em cujo meio social e mundano vai lançar modelos de chapéus para a primavera.



REBECCA BRASWELL é esta garotinha de dois anos e meio, e que está sentada à chinesa, no cáis de San Diego, Califórnia, olhando atentamente para grande porta-avião que acaba de atracar. Como vemos, há soldados em massa na coberta da belonave, bem como muitos em outras dependências do barco de guerra de Tio Sam. Rebecca rompeu os cordões de isolamento e avançou para mais perto. E' que, dentre os milhares de soldados que retornaram da Coréia em gôzo de licença ou baixa, está o seu papai, a quem não via há mais de meio ano. Êle, com certeza, também já terá descoberto a família e conta os minutos para beijar a garotinha.

ACONTECEU

CÃES SILENCIOSOS



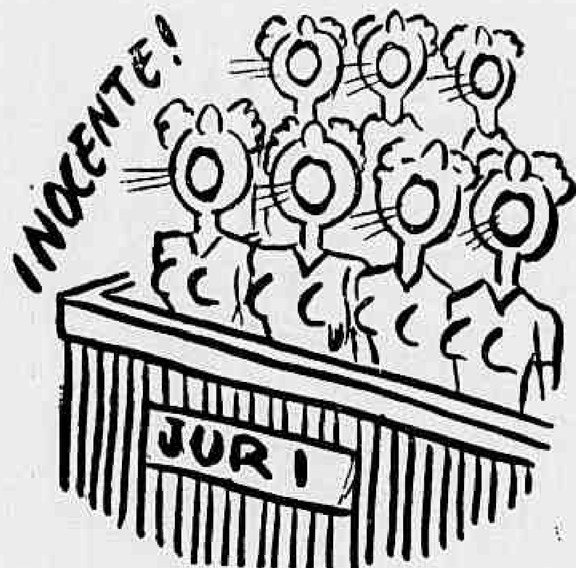
SURGE cada uma! Veja o leitor o que acaba de passar pelo crânio de um vereador da cidade de S. Paulo: submeter todos os cães daquela capital a uma intervenção cirúrgica, recentemente descoberta por certo cirurgião veterinário dos Estados Unidos, pela qual ficam os pobres cães privados do direito de falar, isto é, de latir.

E' possível que o legislador municipal tenha lá suas razões particulares para não suportar ladridos caninos. Quem sabe, talvez more vizinho a alguma família cujos cachorros não o deixam dormir em paz? Mas isso é generalizar demasiadamente. Há cães que só ladram quando os gatunos estão pulando o muro. São cães de classe. Outros, chegam mesmo à perfeição de só abrir a bôca estrondosa e nervosamente, quando o gatuno já está encurralado.

E os latidos inocentes e quase infantis de certos cãezinhos de estimação, nem chegam a ser percebidos. Até parece que são brinquedos de criança. Ora, cada animal tem a voz que o Criador lhe deu. E, neste particular, são mesmo muito mais felizes do que nós, da raça humana. Um cão dinamarquês se fará compreender de qualquer vira-lata de lá e de cá; um S. Bernardo fala a mesma língua de um galgo da Escócia ou do Canadá. Para êles nunca houve qualquer tôrre de Babel para atrapalhar a comunicação pela palavra. Isso acontece também com os outros animais: boi, carneiro, gatos e lebres. Para que suprimir dos cães o uso da "palavra"? E tal sucede, justamente quando vários sábios procuram descobrir a linguagem dos animais, inclusive a dos nossos amigos, os cães. Se o projeto de lei passasse, como iriam, em S. Paulo, livrar-se as pessoas dos cachorros que mordem "de furto"? Sem latir, ninguém estaria em condições estratégicas de fugir às mordidas. Além disso, já é um ditado velho e verdadeiríssimo: "cão que ladra, não morde". E, francamente, é preferível suportar uns latidinhos inofensivos do que uma dentada canina...



JURI SENSATO



A campanha policial contra a "macumba" começou quando aportaram ao Brasil os primeiros escravos negros. Os africanos tinham em suas terras a sua religião. Umas, com feitio original; outras, muçulmanas. Algumas, de visível ecletismo católico. Tôdas seguidas com afeto, compunção e respeito. Nos altares, os orixás enfeitados, toscos na sua feitura artística, representavam uma forma de fé na vida eterna.

Com a mudança de local, da África velhíssima e selvagem, para o Brasil ainda em botão, porém, mais selvagem ainda, tiveram os negros que lançar mão de outros processos de religião e foram dando nome de santos católicos aos seus ícones africanos. Clandestinamente, porém, os "terreiros" e os "congás" cumpriam sua missão religiosa executando o ritual e a liturgia lá da África distante.

Nasceu daí o "candomblé", o "xangô", a "macumba", tôda essa série de práticas afro-brasileiras através das quais os seus crentes e fiéis se põem em contato com os seus guias espirituais. Que crime haverá nisso? Nenhum. O Brasil permite a liberdade religiosa em todos os graus e para tôdas as raças. O que é proibido é o ato ilícito e que atente contra os bons costumes e a moral.

Na "macumba" e seus sinônimos, dançam, cantam, tocam atabaques e bebem aguardente. Que crime há nisso? Beber aguardente é hábito brasileiro até nas altas camadas sociais. Por isso, quando foi prêsa e processada a ré Laura Maria dos Santos, acusada de atos ilícitos num candomblé da Bahia, o júri absolveu a macumbeira, não encontrando nenhum apoio legal para mandá-la à prisão.

E, coisa edificante: o Conselho de Sentença do Tribunal do Júri da Cidade do Salvador estava constituído exclusivamente de mulheres...



HOJE É O JACARÉ.

A venda de bilhetes de loteria tem, tanto no Rio, como em qualquer cidade dêste país, o seu "processus" de venda. Não se apregoa o bilhete, nem o seu número, e sim o bicho a que corresponde a respectiva dezena. Assim, em tôda a extensão da Rua do Ouvidor, na parte "chic" que vai da esquina de Primeiro de Março ao Largo de S. Francisco, os cambistas em algazarra de alarmar até os cágados do Jardim Zoológico, gritavam para atrair os que sonham com animais da "roda" ou lhes decifram os significados: "E' o jacaré!" "Vai dar a vaca!" "E' a cobra para hoje!" e assim, citando todos os vinte-e-cinco animais do Barão de Drummond, vão êles despertando nos pedestres o desejo de jogar. Como sucede na rua do Ouvidor, dá-se também nas demais do centro urbano. E' uma verdadeira "Bôlsa do Jôgo do Bicho" por meio de gasparinhos, meios e inteiros da Federal. Isso é velho. Mas, foram tantas as críticas e as queixas, que o atual chefe da Delegacia de Costumes, Sr. Zildo José Jorge resolveu acabar com aquêle deplorável modo de vender bilhetes de loteria. Agora, quem quiser vender seus "palpites" tem que ditar os números e não o bicho a que corresponde. Também não podem os bilheteiros permanecer às portas dos estabelecimentos nem às esquinas. Como "ambulantes", têm que andar, circular pela cidade... Acabou-se, assim, uma tradição pouco recomendável da cidade: os apregoadores de bichos através dos bilhetes de loteria. Também perderam os "pontos". Todos sabemos que os



cambistas tinham suas "praças" de trabalho e por elas lutavam com unhas e dentes. Não podia um vendedor de determinado "ponto" invadir o do outro. Agora é ampla a circulação. Acabaram-se os bichos e os privilégios dos pontos "par droit de conquete". A cidade é de todo mundo para vender bilhetes; mas sem gritar: "E' o jacaré!" "Hoje é o cavalo!" "Olha o burro!" e outros preconícios até amorais... Será que êles vão impetrar mandado de segurança? Se tal suceder, é que estamos mesmo perdidos...



SANTO ANTÔNIO OS PROTEGEU

COMO sucede em todos os países, os italianos também possuem os seus santos de proteção. Dentre os mais famosos de Nápoles, se destacam: São Genaro, São Vicente Ferrer e São Ciro. Mas, há um outro de grande prestígio e devoção: Santo Antônio. Na última extração de uma espécie de jôgo que se verifica em Nápoles, o povo recorreu a Santo Antônio e pediu que os números 4-8-17 fossem os do maior prêmio. E aqui vemos nestas fotos o que foi aquela festa. Na rua Santo Antônio, a população se movimenta e «torce» pela vitória. Numa casa, êste napolitano prega o seu «gasparinho» na efígie do Santo; na última, os beneficiados com o número premiado, estão alegres e felizes. O Santo os ouviu!





UM CASAL SEM SOGRO E SEM SOGRA

A mais sensacional notícia que circulou nos meios radiofônicos na segunda quinzena do mês de março, próximo passado, foi, sem dúvida, a do casamento de Lamartine Babo com a senhorita Maria José Santos Barroso, na localidade de Correias. Ora, a circunstância de uma pessoa casar não constitui, nos dias atuais, nenhuma novidade, dirão muitos. E' verdade. Diàriamente casam dezenas de pessoas, sòmente no Distrito Federal. Todavia, quando se casa um ídolo do público, um grande compositor, um solteirão inveterado como o autor de "Teu Cabelo Não Nega", "Linda Morena", "Rancho Fundo", e outras músicas de sucesso, convenhamos, o assunto sai da vulgaridade e toma, às vêzes, foros de sensacionalismo, mòrmente se se levar em conta as circunstâncias como foi realizado o casamento, isto é, silenciosamente, sem publicidade, quase às escondidas. O fato causou sensação nos meios artísticos, repetimos, e deixou perplexos os amigos, fãs e admiradores do criador da "Canção do Dia". Mas por que Lamartine não convidou ninguém para assistir ao seu casamento? Por que foi casar em Correias? Por que só agora resolveu casar? Não amou antes? Que o levou a tomar tal resolução... amor ou conveniência? Sim, o leitor tem razão. Quando um homem chega aos quarenta e sete anos de idade, solteirão, e de repente resolve casar, dá mesmo o que pensar a seu respeito. Porém, estas e muitas outras perguntas serão respondidas na reportagem que a REVISTA DA SEMANA publicará no seu próximo número, focalizando a vida de Lamartine Babo, desde a sua infância até ao dia do seu casamento.

CORREIO DA REVISTA

IVONE MIRANDA — Rio — Foi aprovado o seu conto «A Ressuscitada».

A.L.M.N. — Bahia — Não pôde passar «O poeta, seu Epaminondas». A história tem certa graça, mas o português está fraquinho.

WALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES — Piracicaba — S. Paulo — O seu conto «Infância» já está nas mãos dos ilustradores.

WALTER B. MAIA — Pôrto Alegre — Está aprovado o seu conto «Suspeita». Encontramos nele esta curiosidade: diz o amigo que o herói do drama estava armado de revólver, disposto a vingar sua honra ultrajada. Mais adiante, porém, escreve que o mesmo personagem ouviu a voz da espôsa, e a escutou apavorado, **inerme**. Tomamos a liberdade de substituir êsse **inerme** por outro adjetivo mais apropriado. Inerme quer dizer **sem armas**, quando o cidadão estava com um bruto revólver na mão...

I.R.B., Rio — Seu conto «A grande mentira cigana» não conseguiu aprovação. Recomendamos fazer um curso de português.

NATHÁLIA F. RAMOS — Rio — Muito curtinho o seu «Fantasmas». Foi pena, pois estava bem escrito. Mande-nos outro, ou o mesmo ampliado, num mínimo de quatro páginas daquêle papel.

MOYSÉS DUEK — Rio — Recebido o conto «Casamento Arranjado». Vamos examinar. Aguarde.

B.N. — Fortaleza — Ainda não chegou às nossas mãos o trabalho de que nos fala.

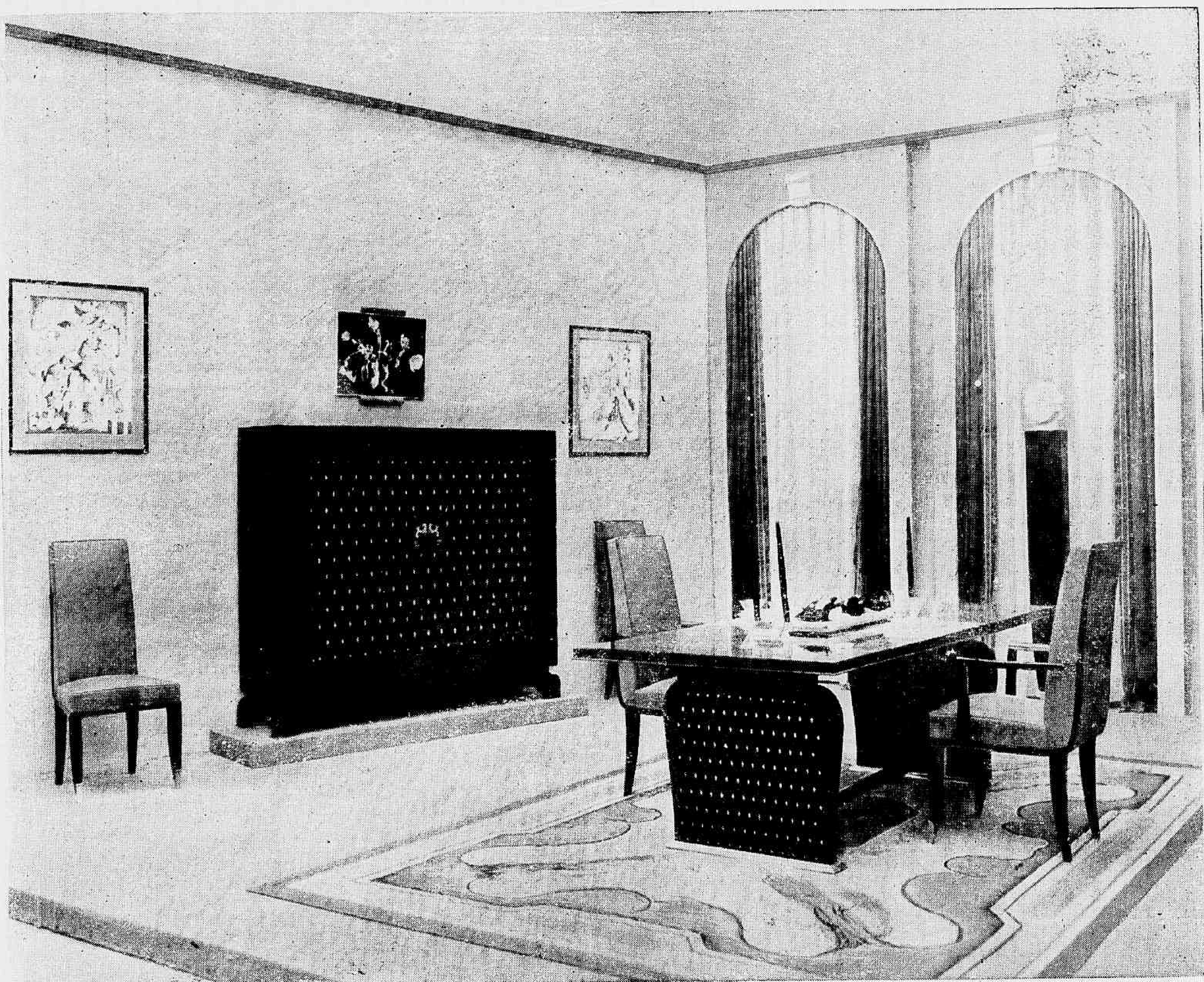
C. de A.G., Rio — Nada disso, caro amigo. Pistolão aqui vale tanto quanto anzol de lambari para pescar baleia... Pode mandar seu conto. Se estiver bom, sairá; se não... tente outros.

MARIA DA GLÓRIA RAMOS — Rio — «No último carnaval» estava pequeno. Os contos devem ter, no mínimo, 4 páginas em papel tipo ofício, datilografadas em espaço dois. Quanto à redação, ressente-se ela de falhas de linguagem. Especialmente quanto à pontuação. Será conveniente que a senhorita estude mais nosso idioma.

Respostas ao teste

1—Antão Gonçalves
2—1441
3—Lêmure
4—Convescote
5—Cão do pastor
6—Painéis que ornamentam os altares
7—No século XVI (1535)
8—Paulo III (1537)
9—Prolepse
10—Filântropo
11—Da ilha Maiorca
12—Joaquim Manoel de Macedo
13—Estrófes de três versos
14—Observância gramatical perfeita
15—Bibliografia
16—De «epos» (recitação)
17—Gaio Lucílio (Um século antes de Cristo)
18—Montaigne
19—A Arcádica
20—Marinetti.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

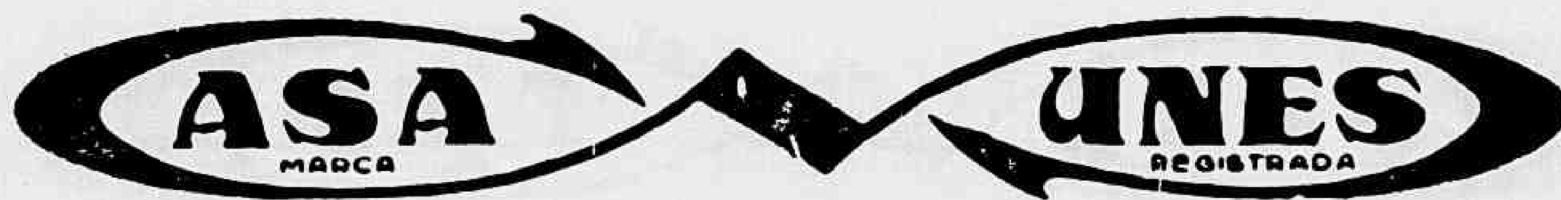
GRANDE SORTIMENTO DE

Tapêtes e Passadeiras

DE FORRAÇÃO, DE TÔDAS AS CORES E DIMENSÕES.

Grupos estofados

-- UMA ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA.



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

Quem preza a escultura clássica aprecia Hollywood





O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto **SOUZA CRUZ**

11-23.067